

7

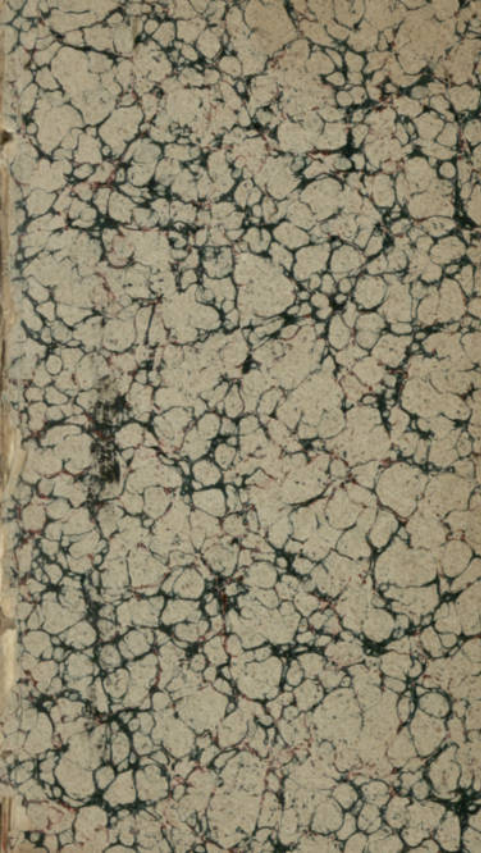
LISBOA & CIA

LIVRARIA INDUSTRIAL

ENCADERNADORES

14, Largo do Carmo, 14

LISBOA



L L

3.187

MICROFILMADO

23 | 4 | 96

Rei Lourenço

Gerardo de Eubar
e' pseudonymo de
Fr. Antonio de
Eubar, Carmelita.

Cristes da alma
Frases do coração.
Rhetorica do sentimento
Amantes desalinhados

Esta é a edição impressa
em Coimbra em 1677
na Officina de José
Ferreira.

CRISTALES

DA

ALMA

FRASES DO CO

Rethorica do ser

Amantes de

ESCRE

GERARDO D

Offer

AO ILLVS

SE

DOM

VASC

SOVS

EM CC

EM CC

Na Officina de

M.DC

Com todas



AT
AN



AO LEITOR.

Lector amigo, ou inimigo, a como der, & vier, estes Cristaes escrevi à petição de varias pessoas, & saem a luz à instancia do gosto, que tenho de as offercer tão altamente; com que de nenhum modo me ficas obrigado feítio, ou na estampa; se os comprares, ao teu diheiro os deves, se tos prestarem, a quem tos prestar os agradece, com que te deixo com toda a liberdade para murmurar

murar da ociosidade, dos
assumptos, que o mesmo
faço eu quando sou leitor
por mais salvos condutos q̃
me peção. Vale.

INDEX.

F Enisardo ausente, pag.	1.
Bateria de huns olhos, pag.	29.
Piques de hũa memoria, pag.	58.
Incredulidade na certeza, pag.	77.
Borrascas da saudade, pa- gin.	106.
Fmezas mal avaliadas, pa- gin.	133.
Quinta essentia do amor, verdades abonadas no segredo, pag.	191.
Magoas de Lisardo no a- chaque, sangrias, & morte de Amarilis, pa- gin.	219.

INDEX.

Queixas sem agravo de
hũa mudança sem cul-
pa, queixase Aonio,
quando se muda Cloris,
pagin. 250.



CRISTAES

DA

ALMA.

Fenifardo ausente.

P Or mais q̃ o mar aquella rocha bata
 Com balas de cristal tão repetidas,
 Olha com que valor são resistidas
 As baterias de salitre, & puz.

Ves como aquella palma abatida
 Do vento as furias mais abrauecidas,
 Até que vendoadas a seu pé rendidas,
 Prende os rigores, as br. uefas ata.

Sobe o vapor de hũ Mõte à eminencia,
 Porem logo cansado se desalma
 Roto a golpes da sua impertinencia.

Adorado fertiço da minha alma,
 Por mais rigores, q̃ vibre esta ausencia,
 Veràs, q̃ sou a Rocha, o Monte, a Palma.

A

Nef-

NEstas pontualidades me empenha o nome (amada prenda) Fè Fenix, & arder promette o nome de Fenizardo, & eu bem o desempenho na Fè, que te guardo ausente, & em abrazarme Fenix nas memorias da tua belleza. Não allego os desuellos, em que viuo, não te encareço as ancias, em que morro, porque não pode o dizer explicar tanto sentir, nêem he possiuel que o sentimento iguale ao amor. Não cabe nas esferas da eloquencia tanta magoa, nem as ancias de ausente podem correr paralelos com os extremos de amante. Dizem que a pena he medida do amor, que tanto se ama, quanto se padece; mas eu nos empenhos de te amar sigo os dictames da vontade propria, não os aforismos do discurso alheo, & em amorozas experiencias tenho achado, q̃ amo mais do que sinto, que as verdades de amante excedem as magoas de saudoso. As penas de ausente

fente diminuenſe nas eſperanças de verte, diuertemſe nas cõfideraçõens da tua belleza; mas os rëndimentos da alma nada os diminue, nenhũa couſa os diuerte, o penſamento os aſſopra, a memoria os multiplica. Mais executiuas ſão na minha idea as tuas prendas do que as minhas magoas; mais viuos eſtão em mim os ſacrificios, que faço a tua belleza, do que as atençõens ao meu ſentimento. As ancias de auſente cifraõſe em hũa perda dos olhos, & emprego de meu amor he hũa vſania da alma, & for proſeria grande que nesta auſencia me deueſſe mais atençõens a magoa de hum ſentido que os logros de hũa alma. As penas de auſente reſultão da perda da tua viſta, & o meu amor nalceo das tuas prendas, mais executiuas ſão em mim as memorias da tua belleza, que os intereſſes de meu goſto. Mayor he logo a fineza com que te amo, que o ſentimento em que vi-

uo. Não he isto tirar quilates à magoa da saudade, he dar mais viuos elmaltes ao amor que na boa philosophia se aprende, que sendo grande o sentimento de ausente, maior ha de ser o extremo de amante pois do amor resulta; & assim precisamente ha de ser mais extremoso o amor que lhe dà os requintes. Não digo que he pouco o que padeço, senão q̄ he mais o que amo, pera que das ancias com que luto nesta ausencia infiras, quanto mayor ferà a fineza donde resulta, que he grande a causa de que tamanho effeito nace, ferà tambem, que o extremecimento com que te adoro, não cabe na comprehensam, & assim não emprendo o descreuello, as magoas em que viuo ausentes, como são menores posto que tamanhas, arrojome a rellatalas.

P *Adeço em minha saudade. }*
O tempo que ausente viuo,

Em cada instante hũa magoa,
Em cada hora hum martyrio.

Estes Montes se lastimão
De ver que semper repito,
Em cada queixa hum desmayo,
Hum Etna em cada suspiro.

Em esta ausencia he pezar
Aquillo que foi martyrio,
Cada lembrança he hum golpe,
Cada discurso hum delirio.

Na idea, que nunca para,
Encontro o mayor perigo,
O que foi, porque não he,
O que não he porque ha sido.

Os proprios fauores acho
Em pesares conuertidos,
Cada gosto he hum tormento,
E cada perda hum martyrio.

O que vi, & o que não vejo
São as Syrtes do juizo,
O que vi he o incendio,
O não ver o desatino.

Tão encontrados os mares
Encontra este batel viuo,
Que em os fauores çocobra,

6 *Cristaes da alma.*

Efluctua em os carinhos.

Nas flores de mil memorias,

Que nas ideas repito,

Podendo chupar doçuras,

Venenos somente tiro.

Sendo o fugir dos pesares,

Da Prudencia o aforismo,

Ama o pensamento os laços,

E busca a memoria os riscos.

Sendo o remedio do amor.

O procurar diuertillo,

Remata extremecimento,

O que se buscou desuio.

Mais me entrego à saudade,

Quando a rebatella aspiro,

Cada prenda he huma seta,

E cada agrado hum feitiço.

Foi este emprego encontrado,

Na acerto teue o perigo,

Quanto o tino foi discreto,

Foi desgraçado o destino.

As contradicoens sabidas,

Tinha amor tambem nacido,

Cada constancia hum malogro,

Cada fineza hum desuio.

Mas

Mas sem vencer o Dragão
 Não se ganha o Velocino,
 Não se coroa de glorias,
 Quem não triumphou dos perigos.
 Melhor nas contradicções

O meu amor examino,
 Aos encontros da fortuna,
 Deue os realces de fino.

Espero que se descante,
 Tempo tão mal repartido,
 Por cada hora hum fauor,
 Por cada instante hum aliuor.

O menor rasgo da esperança de
 verte anima pera os pelares, & aluc
 reça para as glorias, & como as po
 nas hão de ter tamanha recompen
 sa, quanto as magoas forem mais
 crecidas, serão mais releuantes os
 gostos, & na fé dos logros que hão
 de merecer os desuellos, a esperança
 acallanta o lenhimento.

Tambem a fé que te guardo neta
 ta aulencia não he grande prodigio
 por mais extremolias que sejam as

constancias. Chamão à ausência ma-
 drafa do amor. Dizem que com ter-
 ra em meyo fica a fineza enterrada;
 mas eu como não te amo por arte,
 não sigo as regras della; & assim des-
 uiandome do commum sentir, con-
 fidero, que na presença está a fé mais
 arriscada. Os manjares azedos, quan-
 do muito desbotão os dentes; os do-
 ces os apodrecem. Nos fauores que
 se logrão na presença viue mais
 auenturada a fineza. Nam só foi Ca-
 pua a que vio vencido das delicias a-
 aquelle valor Africano triũfante da
 potêcia Romana. Mimosa a vôtade
 entre os fauores, mais arriscada vi-
 ue, & mais segura esta aquellã a quẽ
 as contradicções combatem. Nace a
 Roza joya do jardim; rizo da ma-
 nhã, excarmento da tarde, o me-
 nor ventoa derriba, o Sol a murcha,
 qualquer descuido que a toca, a def-
 folha, em o teu mimo tem o seu pe-
 rigo; pois se hũ crepulo a galátea,
 o outro a chora; mas o junco, que
 criado

criado às brauezas do vento, nas inundações das agoas, a todas as fúrias do tempo sabe resistir. Hum empenho entre os fauores q̄ logra, he fragil como a Roza, combatido da desgraça inuenciuel como o junco. Entre os logros viue descuidada a fineza, & nos descuidos se arrisca. Entre as perseguições viue mais cuidada, & o cuidado assegura as pontualidades. Na presença o arroufo a desconfiança, a porfia, & outros muitos accidentes, podem diminuir a fineza; porém na ausencia, estando mais viuas as rezoens de amor, faltão os motiuos de se diminuir a fé. Satisfeito o gosto entre as ditas, pode diuertirse; porém combatido dos rigores de hũa ausencia, como viue em campanha, sempre os sentidos estam à lerta, sem que o menor descuido ache já mais brecha por onde assalte a vontade. Mais fino está logo o amor, & menos arriscado na ausencia, do que na presença de quem a-

ma. Não he logo prodigio grande a fé que te guardo aulente; porque como he mais tenàs a memoria, do que a vista presente, poderião diuertirse os olhos da tua belleza, porèm aulente, não pòde a memoria delcuidarse da tua adoraçam: Aqui veràs amada occasiam de meus extremos, que tão confiado estou no que te merece a minha fé, que me empenho em desluzir finezas, que no Múdo estão tão acreditadas.

Eu acho, que ninguem ama de fino, senão de vilonho; não sabe as ancias a que se aventura, & começa a amar mais de ingorante, que de afecionado.

Quem rendeo extremecido

A alma a hũa belleza,

He certo que da fraudade

Nam tinha feito experiencias.

Quem se arrojou a querer

De huns olhos as luzes bellas

(Visto se esta) nam sabia

Os rigores de hũa ausencia.

Quem

*Quem por agrados da vista
Empenhou dalma as potencias,
Não sabia quam escuras,
Erão do não ver as treuoas.*

*Dilirios do entendimento,
São da vontade as finezas,
Visonheira do juizo
He não euitar as penas.*

*Os custos de hũa saudade
Se quem nam ama os sobera,
Rebelde ao mayor agrado
Burlara do amor as setas.*

*Tem mil descantos os gostos,
Que se logrão na presença,
E nenhum aliuio tem
As ancias em hũa ausencia.*

*O logro tem breue o fim,
Nunca acaba o que atormenta,
As horas da vista breue,
As da saudade eternas,*

*A ausencia he Purgatorio
Onde com muita miudeza
Ao menor gosto passado,
Toma o Amor residencia.*

A ausencia de hum crisol

12 Cristaes da alma

Onde a constancia se acendra,

He verdade; mas he fogo

Tambem, que abraza a paciencia.

A memoria dos fauores,

Ao ausente não deleita,

Que de venturas se afflige,

E de regalos enferma.

Tem por contrario mayor

Hum ausente sua idea;

Pois faz, que o vinho do gosto,

Vinagre torcido o beba,

A ventura que lograda

O pensamento recrea

Magoa como perdida

Per a regalo nam lembra.

A memoria de hum ausente

He hũa mosca grosseira,

Sobre as chagas que lastimão

He sòmente que passeia.

He aranha o pensamento,

E podia ser belha;

Pois a mais forte peçonha

Forma das flores mais bellas:

He dor de dente a saudade

Que sem parar atormenta.

Qua

*Quando o unico remedio,
He o divertir se della.*

*Quem surca hũa saudade,
Quem hũa ausencia nauega
Està em continua luta
Com tempestades desfeitas.*

*Destã sorte (emprego dalma)
Viuo nas tuas ausencias,
Se quizerem chamar vida
Hũa continuada pena.*

De mais que como em minhas ideas estàs tam viua, tão presente nas minhas memorias, asseguras (vista à fé, que puderas arriscar ausente. Quem à vista do que ama pôde divertir as atençoens! Estão seguras as mayores pontualidades de hũa fineza, sendo registradas de quem se adora. A mesma lisonja, que galantea, requinta os extremos na presença; logo se teus olhos, como sempre me assistem, sempre estam examinando as minhas accoens, quando a fineza não as ajustara à tua adoração.

ção, o medo de tua offensa me haviã
de ter atento, obrando de acutelado
quanto executo de fino. Nam vem
logo a ser a fineza com que te adoro
ausente, primor da minha vontade,
senão fruto das tuas preuengõens;
pois me obriga a tua presença a quã-
tas finezas obro extremofo.

Quando mais ausente estou,
Entam viuo mais amante,
Nam que amor creça as finezas;
Porèm descobre os quilates.

Extremecimentos vistos;
Serà quererem lograr se,
Mas o que occulta a distancia;
São da fé nobres realces:

Quem aos olhos sacrifica
Amantes pontualidades,
Serà querer que lhe deuão,
Ou tirar a que lhe paguem.

Mas quem sacrifica ausente
Finezas que se não sabem,
Não podendo ser lisõija
Bem seus extremos aplaude.

As adoraçoens ao longe.

São requintes de constante,

Desempenhos da fineza,

Desafugos da vontade.

Quem com finezas pretende

Dar a favores alcance,

Deixa escrupolosa a fé.

No mais extremo alarde.

Quem com desuellos conquista,

Quem dos suspiros se vale.

Para pretender os logros

Vesse que pretender sabe.

Mas quem ausente suspira,

E quem chora tão distante,

Não atende a interesses,

Mas acredita a lealdade.

Quem em amorosas ancias

Não deixa hum só instante

Que nam dedi a amoroso

A huma ausente Deidade.

Quem amante sacrifica

Em tão occultos altares

O tempo todo às memorias,

Toda a vida à saudade.

Quem de lagrimas não vistas,

Destilla dos olhos mares,

Dando

Dando ao ouro da fé
No pranto finos esmaltes.

Quem somente a humna sombra,
E de humna idea galante,
Tributa a alma em suspiros
O coração em pezares.

Quem continuamente está
Em as Aras da vontade
Repetindo os sacrificios
Sem que a memoria se canse.

Sem que o menor pensamento
Desta adoração se aparte,
Que todos Aguias se apuram
Em tão amoroso exame.

Como aquelle que presume
Como quem se persuade
A que o seu feitiço, tudo,
Presente examina, & sab

Oh que bem apura a fé
Bem acredita as verdades
Que sendo vistas prodigios,
Nam vistas mais sobre saem.

E tu minha adoração
Posto que ingrata mal pagues
Tã extremos as constancias,

Já he premio o adorarte.

Darás se fizermos contas

A toda a finez a alcances,

Que amandote o mais que posso

Bem sei que mais deuo amarte.

Eleuação de minhas ideas, tam conhecido viuo dos extremos com q̄ deuo amarte, que iacrificando todas minhas memorias à tua faudade acho que obro pouco, pera o que tu mereces. Mais deues a minha vontade, que ao meu entendimento, porque o desejo suspira por mais extremos que obrar; mas o juizo não os descobre possiueis. Mais dilatada he a esfera do querer, que do entender; pois em hum instante quizera obrar as finezas que em muito tempo não sabe descobrir. Viuer sò das tuas lembranças, morrer da minha faudade; não ter mais diuertimento que o contemplarte; ter por martyrio o menor instante, que me furtão a memoria de tuas prendas, finezas sam
que

que os outros aualiarão por grandes
& eu as julgo limitadas, que de sacre-
ditam a minha fineza; que não che-
gão a de tempenhar a minha obriga-
ção, serà que os mais conhecem que
nam deuem tanto a quem amão
mas eu estou certo em que se deuem
mais extremos a quem adoro. Fer-
tigo de meus penlamentos, nem nos
desuelos te obrigo, nem nas cõtem-
plagoens me de tempenho, porque se
só tuas memorias são os meus alen-
tos, se o contemplarte he a vnica
respiraçam de que viuo, os meus in-
teresses nam podem ser finezas que
te obriguem, ou me de tempenhem,
se o penlamento, & as memorias
quizeram diuertirse em outra parte,
& eu os puxara pera o teu sacrificio,
entam mais te obrigara a minha pô-
tualidade, quando mais te offendera
o meu diuertimento, então nesta
violencia, que me fazia, obràra al-
gũa coula com que te obrigasse, mas
se quando precizamente hei mister
as

as atençoens, não as posso apartar de
tuas memorias ; se quando quizera
occupar o pensamento em outras
prendas, seria impossivel obedecer-
me, que obro que te obrigue, ou me
desempenhe! Tu mesma não qui-
zeste deuerme as finezas, quiçã por
não pagarmas; porque de forte com
o feitiço aprefionaste todos meus
sentidos, & potencias, que não vem
a ler merecimento a adoração, pois
nam tendo liberdade para diuertir-
se, necessariamente te assistem, sen-
do violencia das tuas prendes os ex-
tremos da minha vontade. Todos
se admiram das magoas em que vi-
uo, porque não sabem as glorias que
perco nos longes da tua vista, eu só
me espanto de que me nam tire a vi-
da o golpe de tantas ancias.

Nam sei qual maycr prodigio

Em esta ausencia se admira,

Ou a morte que padeço,

Ou como sustento a vida.

Que sendo morte hũa ausencia

A pezar da morte viua?

Ou se he mais, que a mesma alma?

De si propria se diuida?

Neutral entre vida, & morte

Aquella me nam anima,

Nem estroutra me destroe.

Para ser mayor ruina.

Com ambas de duas luto

A vida nam me aliuia,

Nem a morte como aos mais

As penas me finaliza

Viuo estou para sentir

Todas as minhas fadigas,

Porèm viuendo estou morto

Para o gosto, & alegria.

Mas ay de mim que me admiro?

Que se he morte huma partida,

Eu morri quando deixei

As luzes de que viuia.

Por isso a vida, & a morte

Em mim estam indecisas,

Assim nam acaba a morte,

Assim nam alenta a vida.

Como a morto, nam me mata

Da morte a gadanha fria.

*E como em morto tambem
A vida em mim nam respira.*

*Logo viuo por descuido,
Porque se ignora que viua,
Logo nam morro de todo,
Por nam se saber que sinta.*

*Sou hum desprezo da morte,
Sou hum descuido da vida,
Que o desprezo, & o descuido
Para mais penas me anima.*

*Ou o que sinto he embuste,
Ou o que digo he mentira,
Porque no viuer nam cabem
Penas tam executiuas.*

*Despois de mor to quem viue?
E sem alma quem respira?
Mal pòde animarme aqui
Huma alma que tanto dista.*

*Morto estou em quanto ausente,
Mas a fortuna inimiga
Com apparencias de viuo
A morte desacredita.*

Em húa ausencia, parece, que
não pòdem ler mayores as ancias na
con-

continua fadiga de hũa memoria, & na possibilidade do menor diuertimento; mas eu ainda assim julgo o obro pouco; pois executo as finezas que os outros encarecem, & posto que no meu sentir he verdade o que nos outros lisonja, já do fingimento de muitos, se vem igualados os meus extremos, & sobre eu ter por delar de minhas ancias que o mayor encarecimento chegue a fingir o que a minha verdade sabe executar, como as frases da lisonja, & da fineza são as mesmas, se cuidará ou que o hiperbole dos outros iguala o meu sentir, ou que a minha magoa he tão bem encarecida. Da igualdade da explicaçam se poderá conjecturar o mesmo empenho no sentir. Que importa, que a verdade me desiguale, se a narraçao me não adianta? Mas a experiencia de que sempre desluzo as minhas finezas fará mais acreditada a relação do que sinto; & ainda que o dizer não encareça meus

teus defuellos, como sempre os de-
tinuio, tem os creditos da minha
verdade, nam da minha eloquencia.

Qual sem a luz do Sol, vemos o dia

Como vemos o Sol, quando eclipsado

Como parece o Sol quando nublado

Qual jardim sem a sua louçania.

Qual girasol está na noite fria.

Qual o freixo do ramo despojado,

Qual se mostra sem flores triste o Prado;

E qual a Rosa murcha a bizarria.

Qual Relogio quebrado, seco Rio,

Arpa sem cordas, ou Povo sem gente,

Qual sem vellas, & mastros o Navio,

Como corpo sem alma, qual doente

Atropellado do mortal fastio

Affim eu de teus olhos viuo ausente.

Poderà entenderse que encarece
tuas penas quem dellas procura cõs-
truir azas para voar à conquista de
uma vontade; mas em mim bem
conhecerà que nam he exaggeração
quem me ouue que tambem te não
obri-

obriego em todos estes sentimentos pois todos se fundão nas glorias que me rouba esta ausencia, os logros que perco na falta da tua vista, & nam se crerà das minhas atencões, que queira venderte por lisonja a magoa das minhas perdas, & a saudade das minhas mayores ditas, & como não faço merecimento do que sinto, não fica escrupolo de que o represente exagerado.

Nam defacredite as magoas em que viuo nesta ausencia, podellas resistir viuendo. Abraza o rayo a espada sem offender a bainha; assim a ausencia com ambiçoes de rayo abraza a alma deidenhando se de executar o golpe no corpo. He a saudade achaque da alma, & como a alma he immortal, nam a mata.

*Todos se admiram que viua,
E ninguem sabe que morro;
He que as apparencias julgam,
He porque eu a morte escondo.*

Bem se admiram se presumem
 Que viuendo a fé desdouro;
 Mas eu bem a desempenho
 Quem ama ausente est à morto.

Acham que apartado dalma
 Nam pòde viuer hum corpo,
 Nam sabem que há mortes viuas,
 E que matam sem estrondo.

Arranca hũa aruore o vento,
 E fica sem vida o tronco;
 Porèm cercado de ramos,
 Com a mesma flor, ou pomos.

Como o vento de huma ausencia
 Da saudade o menor sopro,
 Me diuidio da minha alma,
 Fiquei da morte despojos.

Assim agora se em mim
 Se vem na pessoa, ou rosto
 Alguns indicios de viuo
 São como na aruore improprios.

He que ainda nos alentam
 As memorias do que fomos,
 Sam do que fomos reliquias,
 Que nam são vitas socorros.

Aquella Rolla que geme

Exequias de seu esposo,
 Se sente tudo o que vive,
 Nam he nam vida o que he choro.

Quem somente no sentir
 Empenba os sentidos todos
 Neutral em suas acçoens
 Da vida, & da morte he monstro.

Aquelle penhasco altiuo
 Deste valle Promontorio
 Gigante desta alameda,
 Padrao daquelle soute.

Entre o musgo, que o guernece
 Olha como todo he olhos
 Hum Argos, que por cem partes
 Vay chorando pouco a pouco.

Não tem vida? Não tem alma?
 E está chorando? Pois logo
 Nam concluo o argumento
 De que viuo, pois que choro.

Se o sem alma se não liura
 De sentir os amorosos
 Golpes de huma saudade
 Bem podem sentilla os mortos.

E tu meu feitiço da alma
 A quem tam constante adoro,

*Que se mata a saudade,
Me anima de amarte o gosto.*

*Nam cuideis que nest a ausencia
Viuo mais que do soborno
Das esperanças do verte,
Que em tudo o mais he que morre;
Em amorosos extremos
A minha firmeza abono,
Vendo só de constante,
E morrendo de saudável.*

Se minhas saudades puderam ser referidas com a valentia com que eu as sinto, menos queixoto estiuera meu amor; porque se eu vira que as podia explicar, como as lei sentir então eu me empenhara em as descrever; mas como hão de sair tam defuzidas do meu aizer, deixo ao tempo que melhor as acredite no conhecimento de todos, cobraram os lustres que lhe rouba a minha rudeza, pois hão de admirar sempre a minha constancia triunfante de todas as opposições da fortuna.

Mares da ausencia, ondas da saudade
 Embrauecido da fortuna o vento
 Contra meu amoroso pensamento
 Leuantam rigorosa tempestade.

Penhasco incontrastavel a vontade
 Requiñtes forma a fé no sofrimento
 E se he morte do gosto o sentimento
 Lisonjas sam as penas à lealdade.

Por mais iras que a sorte multiplica:
 A firmeza se apura nas distancias
 Mais acendrada a fé nas penas fica:

Em holocausto de amorosas ancias,
 A minha adoraçam lhe sacrifica
 Magoas o coraçam, à fé constancias.



Bateria de huns olhos.

Ais distante está da terra o Sol, & obra nella grandes effeitos; ninguem logo poderá estranhar que em menor distancia influam em meu coração com dobrada efficacia dous olhos que são dous Soes. A hum tempo gera o Sol em a mesma terra, as flores mais fragantes, & as mais asperas ortigas; não he logo muito q̄ meus olhos ao mesmo tempo gerem em a minha alma as vossas luzes as vfanias mais gostosas de amargos, & as mais detabrigadas penas de não veruos. Entre vanglorias, & magoas viue a alma indecila; entregandose ao doce sacrificio lhe poem embargos as ancias da ausencia; & se me queixo do rigor da laudade, dei-

xo queixosa a vfanía da adoração; te vos culpo nos golpes que padeço, falto ao empenho das glorias, q̄ vos deuo, & te obro agradecido a estas, acuzãome de insensível as penas em que estallo, com que a hum mesmo tempo queixoso, & agradecido nos proprios queixumes do fentido, enlaço os carinhos de amoroso.

Nam sei que diga a teus olhos.

Menina; porque os seus rayos

Para raiuas são muy bellos,

Para carinhos muy falsos.

Se me abrazaõ de tam longe;

Porque rezãõ hei de amallos?

Mas como hei de aborrecellos

Se são todo o meu regalo?

Como he a cõta da vontade

Este se por força os amo?

Mas se eu os busco amoroso

Sacrificio he voluntario.

Como hei de seruillos bem,

Se me dam tormentos tantos?

Mas hei de servir, que são

Gales em que sou forçado.

Porque hei de ser villos vendo,
 Que são negros, & eu mui branco?
 Sim, vendo que não mereço
 De taes negros ser escravo.

Como hei de amar quem me tem,
 Em continuos sobresaltos?
 Vendo, que a sua belleza
 Suauisa os mayores danos.

Como rondo Borboleta
 As luzes em que me abraço?
 Porque hũa morte luzida
 Deixa hum coração vifano.

Como ameação tempestades
 Postos em o Ceo dous arcos?
 Contra os aluedrios querem
 Com as armas conquistallos.

Como offendem os rendidos
 Tendose por soberanos?
 Porque penando mereção
 A ventura de adorallos.

E como se nam soborna
 Da adoraçam o bizarro?
 Sam tributo os rendimentos,
 E os tratam como a vassallos.

Se tantos incendios vibram

Como tão frios os acho?

Sam pederneiras de Amor.

Tem fogo pera arrojado.

Como conquistaõ as almas,

Se dellas nam faz em caso?

Victimas nam se aproueitam,

Sò seruem nos holocaustos.

Se enfeitigam vistos, como

Quando os nam vejo me abraço?

Sam rayos do Amor, & basta,

Que hũa vez sò toque o rayo.

Como tam liures se sam

De liberdades desmayo?

Naceram para senhores,

Todos pera seus escauos.

Logo nam tenbo justiça,

Por força logo hei de amaruos;

Sem que desta obrigaçam

Vos presumais obrigados.

Nam me pod rei queixar

Quando vos encontre ingratos;

Pois se o que me nam deueis

Pagardes sereis borrachos.

Sou Dom Francisco de Almeida

Vice Rey da India a caso?

*Pois que morro a mãos de cafres,
A poder de frechas, & arcos?*

*Mas seja o que for meus olhos,
Eu sei que hei de idolatrar-vos
Tam extremo na ausencia,
Como na presença v'fano*

Meus olhos, nada me deueis na fé com que vos adoro, porque consistindo o merito no voluntario, perde o merecimento a fineza, quando a vossa belleza faz preciso o rendimento. Mereceria premios a constancia, quando o perseverar na vossa adoração, & o nam repetir outro sacrificio, fora primor da vontade, & nam violencia de vossas luzes. Que môtara querer desuiar da vossa contemplaçã o pensamento? De que feruirã intentar applicallo a outras prendas, se a vossa fermolura o prende? Se a vossa memoria o ata? Quando lutando com as ancias da minha faldade, com o delatino da magoa, tenho impulsos de desuiarme dos des-

uellos, fou como aquelle simples pas-
farinho, que prezo no visco mais se
prende, quando mais batalha por sol-
tar-se. Logo se quando eu quizera
desuiarme, seria impossivel o liurar-
me, nada me deueis na fé, que eu não
posso deixar de vos guardar. Nam
vos vendo, cautais em mim os mes-
mos incendios.

Olhos queridos, & ausentes,
De todos olhos quebranto,
Sirenas dos coraçoes,
Dos aluedrios desmayo.
Se tam bellos, como dais,
As liberdades olhado?
Giluaes das almas soes,
Mas contra os rendidos brauos.
Que abrazeis quantos vos vem,
Vai por seus passos contados;
Mas eu porque vos nam vejo
Em mais incendios me abraço.
Os rayos que vibrais sam
Ao reues dos outros rayos;
Os mais abraçam ao perto,

Vos mais abraçais ao largo.

Aquella a quem chega perto

O rayo fica assombrado;

Porém vos mais abraçais

Os que estão mais desviados.

O Sol nam faz seus effeitos

No Oriente estando no Occaso;

Vos estais lá no outro Mundo,

E cá me estais abraçando.

Sois malfazejos que farte,

Pois tomais por desenfado

Estar despedindo setas

Tendo sempre texo o arco.

Sois certos à porfia,

Pois despedindo frechaços

Ao longe nenhum perdeis,

Todos acertam o branco.

Per mais luzes que vistais

Eu cuido que sois diabos

Meus olhos, que vos nam vejo,

E sempre me estais tentando.

Abraza-se a Borboleta,

Porque em giros elevados

Amante de seu perigo

Busca na luz os desmayos.

Mas eu mais me abraço em vòs
 Quando de vòs mais me aparto;
 Tem a Borboleta o risco
 No perto, & eu no afastado.

Eu nam sei como dous negros
 Pòdem ser das almas branco?
 Mas sei que estou em Guiné
 De huns negrinhos sou vassallo.

Ha palanques pera os Touros,
 Loureiros ha pera os rayos;
 Para o mal Frances ha salça,
 Para vòs nam ha reparos.

O golpe de veruos tem
 Hum sò remedio aprouado,
 He estaruos vendo sempre
 Tirando a triaga do dano.

Primogenitos do Amor
 Sòis meus olhos que em morgado
 Tendes ser obedecidos,
 Lograis o ser adorados.

Meus olhos com tanta fé
 Com tanto extremo vos amo,
 Que por mais, que me abrazeis
 Nos incendios viuo usano.

Por nam parecer vangloria

Tal vez finezas recato,
 Que pôde crerse vaidade
 Mais que empenho o adoraruos.

Tam ufano vos adoro,
 Que escrupulos tal vez faço,
 Que em todo o fino não cabe
 A gloria de vossò escravo.

Medroso dos sacrificios
 Que a vossas luzes consagro,
 Eu do merito desisto,
 Nam puxeis vòs pello agravo.

Muitos hão de cuidar, que hipocrita do bom gosto animo esta adoraçam por capricho, & tem rezam em não fiar da minha escolha tam bom emprego; mas eu nesta adoraçam, nam acreditei o juizo, nem requintei o bom gosto, porque em vendo a vossa belleza, sem esperar consultas do capricho, reparos do malogro, me obrigastes a amaruos, sendo este empenho mais violencia de vossas luzes, que sacrificio da minha vontade. Ensina a Filofia, q̄
 pri-

primeiro ha de ser conhecida hũa
 cousa, do que seja amada; mas eu
 cuido, que antes de vos conhecer
 vos amey; porque sendo a hum mel-
 mo tempo o veruos, & o amaruos,
 como em mim he mais destra a vō-
 tade que o entédimento, me persua-
 do a que o affecto se adiantou ao jui-
 zo, & quando este formou o conhe-
 cimento, já a vontade hauia feito
 antecipado o emprego. Bem se vê
 que na vossa adoraçam obra mais a
 vontade, que o entendimento; pois
 amandouos esta tanto aquelle vos
 nam sabe descreuer.

*Meus olhos nam sei o que
 Da vossa belleza diga;
 Porque serà ser madraço
 Gauar a quem me enfeitiça.*

*Se digo que sam dous Soes
 As vossas bellas meninas,
 Vendo que agradam matando,
 Nam τsaram de caricias.*

Se ^{ai}stoso nos incendios

O meu coração se explica,
 Diram que me favorecem
 Com as chamas repetidas:

Se me queixo de seus rayos,
 A queixa será mentira,
 Desluzirei no queixume
 Dalma muitas vfanias.

Se digo que nas distancias
 Vibram efficacias viuas:
 Nam quererão gastar luzes
 Sendo as sombras tam queridas.

Se digo que ausente a alma
 Finezas lhe sacrifica,
 Diram que para adorados
 Nam necessitam da vista.

Se digo que nesta ausencia
 Mais a constancia se affina,
 Quererão estar ausentes,
 Pois a fé se multiplica.

Se digo, que nas memorias
 Crecem as idolatrias,
 Entenderão que a presença
 O mayor culto lhe arrisca.

Se digo que quem os vê
 Toda a alma lhe dedica,

Diram que sendo tributo

Quem os paga nam obriga.

Se digo que os aluedrios

Violentam com bizarria,

Diram que nada lhe deuem;

Pois os ganham por conquista.

Se digo que o vello sò

A que os amem necessita,

Me diram, que os sacrificios

A força nam tem valia.

Se digo que o adoraruos

Os bons gostos acredita,

Diram que entam a vangloria:

Só deuedora lhe fica.

Dizei vòs o que quizerdes

Olhos que a fineza minha

Empenhada nas verdades,

Dos riscos se nam desuia.

A vossas sombras dedico

As adoraçoens mais finas

A constancia mais heroica,

A fé mais extremecida,

Nesta ausencia tenho sempre

As vossas luzes tam viuas,

Que todas minhas finezas,

As julgo de vòs mui vistas.

Sempre me estais abrazando

Em chamas, sim tam actiuas,

Que como ardo tam v'fano,

O gosto me resucita.

Se a vossa ausencia me mata,

Vossa memoria me anima

Nos longes se aflige a alma,

Nas esperanças respira.

Se padeço na saudade

Tam amorosas fadigas,

Tudo, se vos chego a ver,

Mui recompensado fica,

Quanto sofro de molestias,

De confusões, & de lidas

Hão de ser merecimentos,

Para lograr vossa vista.

Teram fim os sentimentos,

Teram principio as dilicias,

Que sò vendouos meus olhos

Pode esta morte ser vida,

Eu nam sei meus olhos com que
designio continuais tam porfiadas
baterias, quando toda a alma está
rendi-

rendida à menor memoria vossa, & nam hauendo resistencias, he desperdiço de balas proseguir as baterias. Ainda que suspendais os rayos, nam serà possiuel desuiar de vossas luzes a menor idea, mas seja extremecimento meu, & nam violencia vossa, quem vos vir elgremir contra mim tantas luzes, entenderà que vos resisto às adoraçoens, & como as deuo à vossa belleza, quereis executar por ellas o meu coraçam, quando elle só respira nas vossas memorias. Deixai de repetir as fetas, peya que vejais, que se não suspendem os sacrificios; mostre se voluntario o desuelo, nam se julgue violentado; que mayores efficacias ostentareis, vendose, que sem diligencia vossa lograis as mesmas finezas. Tam viuos estais em o meu coraçam, que só os olhos acham menos as vossas luzes, que quanto a alma sempre se està abrazando em vossos rayos. Nam ha instante em que nam morra na vossa

fa

sa saudade, sem que a alma espere
respiraçoens mais que da vossa vista.

Sò a esperança de véruos pudera
communicarme alentos pera resistir
os golpes de tam viua saudade; como
he em mim continuo o desejo de
restitui-me a vossas luzes, tambem
he continuo o petar de nam as ver.
Parece que compete a minha fineza
com a vossa fermosura, sentindo não
lograruos, quanto vòs fois mais para
defejados.

*Oh quantas penas padeço
Ausente de vòs meus olhos,
Que teinho tanto de amante,
Quanto tendes de fermosos,
Lograua na vossa vista
A alma os alentos todos,
E vejo na vossa ausencia
Tudo sombras, tudo assombros.*

*Eu tinha na vossa vista
O requinte dos meus gostos,
Agora que vos nam vejo
Tudo pezares encontro.*

Na vossa presença ufano
 De vos amar vanglorioso
 Viuia louco de amante,
 Viuia de alegre louco.

Agora na vossa ausencia
 Considerome tam outro,
 Que a mim por mim me pergunto
 Desconheçome a mim proprio.

No custoso desta ausencia
 Mais as finezas abono,
 Mas he se crisol da fé,
 Tambem do tormento potro.

Bem a constancia se apura
 Nos extremos de saudoso,
 Mas a grandes custos dalma
 Estes creditos os compro.

Bem se acredita a fineza
 Nos realces de extremo so,
 Mas nos extremos de triste
 Bem os esmaltes desconto.

O que me acredita fino,
 Me desconsoa choroso,
 O que me apura constante,
 Me conduz a quasi morto,
 Meus olhos nada deueis

A fé com que vos adoro,
 Porque deueis ser amados
 Com extremos mais heroicos.

Pouco vos amo, inda que
 Vos amo tudo o que posso,
 Como deuo amarvos mais,
 Ainda vos amo pouco.

Nam he desfar da vontade,
 Serà do juizo oprobrio.
 Ella bem quer amar mais;
 Mas elle nam sabe como.

Viuo tam desuaecido
 De me ver escravo vosso,
 Que julgo que nam mereço
 Ainda as penas que soffro,

Quando sempre nas fadigas
 Da saudade viua enuolto
 Sem vos ver, em vos amar
 Sempre serei venturoso.

Posto que tantas finezas
 Na vossa adoraçam obro,
 Mais premios do que seruiços
 No mesmo adorarvos logro.

Amarvos he vfanha
 Dalma, credito do gosto,

Sem que vòs agradeçais
 Quem vos adora he ditoso.

Tal he a vossa belleza,
 Que amala nam he soborno,
 Antes tal vez o amaruos
 Como delito o escondo.

Em tam geraes sacrificios
 Que se vos fazem meus olhos,
 Victima tam desigual
 Vòs a tereis por desdouro.

Dos pezares que padeço,
 E das saudades que choro
 Serà cabal recompensa
 Perdoarme que vos adoro.

Posto que na vossa ausencia
 Em tantas magoas çoçobro,
 Se desmāyo nas saudades,
 Nas esperanças me esforço.

Se no pezar do nam ver
 A vossa belleza, morro,
 Esperando que hei de veruos
 Cobra alma alentos nouos.

Emprezas ha, que ainda no malo
 gro acreditam. Pintou hum diçre-

to a Encelado empinando montes para escalar o Ceo, & dizia a letra. *Empenbos tamanhos, basta o empredellos;* o releuante da idea, o generoso da resoluçam, a interpidesdo animo, gloriosamente recôpensam o estrago das ruinas, & sam os defastres do mau successo, buris que grauão nos marmores da fama a vasta capacidade de hum coraçam, que excedendo as esferas de seu proprio valor, aspirou a emprender acçoens tamanhas, q̄ ainda o perderse nellas o eterniza.

As ancias que me tem custado o adoraruos; a tyrania das faudades em q̄ morro, sam lisonjas para o gosto de amaruos. Quando me nam animàra o voffo carinho, quando a esperança do lograruos, nam sobornàra minhas magoas, nas desesperaçcões mesmas construiu os mayores creditos o meu gosto, & estiuera vana a alma nas ruinas. Dizem que a ausencia he Madraista do Amor, & como tantas experiencias o cõfirmão, nam

nam o quero eu negar, ainda que
 exprimento em amorosos extreme-
 cimentos, que nesta ausencia este
 mais requintada a minha fineza, ma-
 ferà, que como sempre vos estou ve-
 do meus olhos, como estais tam vi-
 uos nas minhas ideas, lograis as effi-
 cacias de presentes, sem os riscos de
 nam vistos, & como a alma se nam
 aparta da vossa presença, nos rui-
 dos de ausente sustenta as constan-
 cias de quem assiste, como sempre
 os vejo não os posso esquecer; como
 sempre me assistem sempre conti-
 nuam as baterias.

Em teus olhos minha vida

Sou racional Borboleta,

Que apeteendo os incendios

Os busca, ronda, & festeja.

Sou girasol, que amoroso

Sigo as suas luzes bellas

Quando as vejo em vfanias,

E quando as nam vejo em treuoas.

Sou Agulha que esses Nortes

Busco com tanta obediencia,

Que

Que sem que tenha aççam minha
A sua luz, sò me governa.

Teus olhos sam os meus Soes,
Que em mim a sua belleza
O ouro cria da fé,
Flores de cuidados gera.

Sam huns anzoes da minha alma,
Que a pos si contente a leuão,
Tam vana da ferida
Que a elles de si se entrega.

Sam primeiro mouel que
Arrebatam as potencias
Tam docemente que nam
Formam do violento queixas.

São centro do coração,
Que sempre a elles anhe
E sò está sem buscallos
Em quanto dura a violencia:

São a minha arte de amar,
Pois aprendo em suas letras
Da fineza, & da constancia
As mais extremosas regras.

São minha arte de memoria,
Que tanto nelles se adestra,
Que hum instante nam succe de,

Que de adoralos me esqueça.

Os teus olhos vida minha,
Sam do Lethes as Ribeiras,
Que em chegando às suas margens
Nenhuma cousa mais lembra.

De entre tam bizarros arcos
Os dispara amor por setas,
E com todas quantas tira
O meu coração acerta.

Sam Basiliscos do Amor
Nam se ha de achar quem os veja,
E que nam fique rendido,
Porque os vio a vez primeira.

Sam os feitiços de Circe,
Os encantos de Medea
Nam ha Iassam, nem Vlyses,
Que escape de suas tretas.
Sam grilhoens das liberdades,
E das vontades cadea,
Onde o amor por justiça
Quer que as almas viuam prez as.

Mas ay de mim, que he delirio
O gastar tantas arengas,
Teus olhos sam os teus olhos,
Que nam ha cousa tam bella.

Meus olhos, nenhũa couza ha tão efficaz como a vossa belleza; todas as outras violencias tem reparos, o calor do Sol, & do fogo euitase no deluio, o frio tem a resistencia na roupa, ou no fogo; à espada resiste a anta, contra a chuua das balas ha reductos; mas a vossa bateria sempre executa os golpes; porque sendo o remedio o deluio, ou o armarme, eu vos descubro o peito, & como eu que hauia de defenderme, estou da parte dos vossos assaltos, todos se logram no mayor rigor da minha laudade.

*Ab que del Rey que me matam,
E quem me mata nam vejo,
Huns filhos da puta, huns olhos
Tam maganos que sam negros.*

*Barrabàs leue os bribantes
Como elles vos sam frecheiros.
De tam longe tiram setas,
E todas me dam no peito.*

*Quando os nam vejo me abraço,
E mais me abraço em os vendo,*

Ou os veja, ou os não veja
São o meu continuo incendio.

Tam senhores requebrados,
Quando vistos tam izentos,
Nam vistos tam garridinhos,
Que em amor se troca o medo.

Com tanto donaire as almas
Ferem estes rayos bellos,
Que por mais que os golpes sejam.
Muitos mais sam os desejos.

Maganaços de assobio
Quanto conquistam traueffos,
Sem fazer caso da caça
Fica por esses outeiros.

Pois pagar vos digo eu,
Cuidam que lbe estam deuenido
As almas que elles catiuão
Cada hũa mil ao menos.

Mas tem rezam os patifes,
Que eu quanto de mim confesso,
Que do fauor de roubarma
Mil nam foram de sempenho.
Sam esmerilhoens ao longe,
E sam pistilas ao perto,
Quem lbe escapar ha de ser

Sem gosto de bronze, ou cego.

Sabio hũa vez a Aurora,

E esteue hum pouco suspenso

O Mundo vendo que o Sol

No Ceo se fazia esquerdo.

Chamou por elle a Aurora,

Respondeo o Sol, nam quero,

Que os olhos que adora Aonio

Afrontam rayos de Febo.

Poz-se acaso em hum balcão

De madrugada, em a vendo

Toda a flor rompeo Capulhos,

E toda a Aue foi quebros.

Tã (disse eu) nam he a Aurora

Differam, bern o sabemos,

Porèm se ella traz dous Soes,

Deuem selbe mais festejos,

Em hũa tarde de Julho

Quando eram fogo os reflexos

Do Sol, vio o Sol seus rayos,

E ficou brusco em os vendo.

Mas tu ao reues do Sol

Mais brusco estou se os nam vejo,

Porque elle foge os eclipses,

Eu as mortes apeteço,

*Tam vſano de adorallos
Viuo que sòmente entendo,
Que na pena de os nam ver
A gloria de os ver mereço.*

Ella he grande sem rezão, que
simplex Pintasilgo prezo na gayo-
la de hũa adoraçam, esteja lisonge-
ando o gosto de quem me prende.
Mais valéra que a queixa me mo-
strára lenſiuel, que a raiua me a-
creditasse apertado, que cõ prague-
jar os Ministros das tyrantias respira
a dor, & se delafoga a pena.

*Olhos da Raquel mais bello
Nam foreis como os de Lia,
Que por liurar do quebrante
Eu vos dera quatro figas:
Nam foreis olhos do Sol
Para que de vòs fugira,
Porque em holocaustos machos
Nunca hei de queimar pastilhas.
Nam foreis olhos de couue,
Que os nam como em toda a vida?*

Entam

Entam nam se daua caso
 Me fizesseis golosina.

Nam foreis olhos de coifa
 Com todas suas preguinhas?
 Que eu para trás vos deitára,
 E nam vos tiuera à vista.

Foreis olhos da panella,
 Que eu desde mui criancinha,
 Como nunca fui mimoso,
 Desses regalos me rira.

Foreis dous olhos de Alface
 Com a sua cebelinha,
 Que abi com real e meyo
 Eu bem enchêra a barriga.

Foreis olhos de carneiro,
 Ou de qualquer sauandija,
 Que como me fazem nojo
 Não me entráram na barriga.

Nam foreis ao menos tortos
 Com seis, ou sete bellidas,
 Que por me não enjoar
 De vós desutára a vista.

E em caso, que não quizeis
 Abater as bezarrias,
 Foreis Estrellas do Ceo,

Que não serieis tam lindas.

Foreis dous Ceos por azues,

Verdes esmeraldas finas,

Porèm negros? Arrelá;

Escolhestes a cor sinha?

Que foreis dous Basiliscos,

Que entam como vos nam vira,

Em os estragos dos outros,

Que fizesseis maravilhas.

Foreis embora do Amor

Duas grandes colubrinas,

Que eu me liurára dos riscos

Como as distancias medira.

Mas logo quizestes ser,

Dixeime duas mininas

Tam bellas como huns Alambres.

De que as almas sam palhinhas.

Mas logo fostes dous Nortés

De quem são agulhas fixas

Os coraçõens que em vos vendo

Se lhe reuoluem as tripas?

Logo acertastes a ser

Tam claras, & tam bonitas,

Que os que despojais das almas.

Vos ficam deuendo as vidas?

*Ora sede muito embora,
Que eu já venho a ter por dita
Hũa vez que me embebedo
O ser com tam boa tinta.*

Meus olhos, nam he possiuel li-
urarme da traueffura das vossas lu-
zes; porque como sempre me affit-
tem, sempre me estam executando
pellas mesmas finezas, estando à vis-
ta as causas, sempre hão de resultar
os proprios effeitos. Ferindo sem-
pre o meu coração os rayos de dous
Soes, sempre o hão de abraçar; ten-
do no peito duas brazas do fogo do
Amor, certo he que continuamente
me hei de estar queimando, & como
fei de mim que nunca hei de estar à
sombra, nem desuiado do fogo, nun-
ca espero verme liure deste calor, &
destas chamas.

*Soes que vistos no Ceo da fermosura
Abrazaeis na vossa idolatria
Nam vistos como a vossa tyrania
O mesmo effeito executar procura?
Que quẽ vos vê se abraza na luz pura*

Que o resplendor de Febo desafia:
 Recompensa serà d'essa vfanía
 Paga a alma tributos à ventura.

Porém vòs olhos abrazais ausentes,
 E nam vistas as vossas luzes bellas
 Vibrão na alma os incendios mais ardêtes,
 Mas vòs meus olhos sois do amor Estrel-
 E as Estrellas sêpre estão presêtes, (las,
 Peito que os olhos nam mereçam vellas.

Piques de hũa memoria.



Y mentiroso cristal, feitico
 verdadeiro, a troco de hũa
 alma que me roubastes,
 trouxe comigo hũa repre-
 sentaçam que me tyranisa o que là
 nam ficou. Que a esponja embeba
 em si o licor que recebe, he ardid pe-
 ra o conseruar. Que na carta de
 marear se eslampem os baixos em q̃
 se perdeo o Piloto inaduertido, he
 para

para que os outros se não percam; mas que meu cuidado embeba em si as memorias que o atormentão que com a pena do desuelo em o papel da imaginaçam descreua os perigos em que fatalmente ha de perderse? He sem rezam tyrana, he tyrania desfarezoada. Ouue quem se costumou à peçonha para que a peçonha lhe nam fizesse mal; mas ay que a minha memoria alimentase da mesma representaçam, que lhe ha de tirar a vida. De muitas eruas faz a medicina triaga contra a peçonha, mas o meu desuelo buscai continuas memorias para dellas fazer peçonha. Que a memoria abraçe os goltos para se recrear nelles, terá descreçam, que sam tam poucos os da vida, que para que se logrem muitos he necessario que a representaçam os multiplique, que se recorde do q̄ padeceo, para fugir semelhantes perigos, fora prudencia, que só a lembrança do mal sabe dar estimagoens

ao bem; mas a minha memoria toma por recreaçam o resolverse em seus mesmos pezares, sem que seja com animo de os atalhar. Tam longe està de lhe cortar as raizes que asrega para que creçam.

Memorias não me deixeis.

Posto que de vòs me queixe

Morrerey sem que vòs deixeis,

Se me deixais matarmeis.

Memorias não repareis

Em que a vida me tirais,

Antes vòs ma melhorais,

Não ma tirais: isso he dalla,

No meu desuelo he logralla

Agora o estimo eu mais

Melhorada, & não perdida.

Tenho a vida de tal sorte,

Que a vida atèqui foi morte,

E já agora a morte he vida.

Se em este amor renacida

A consideralla venho,

Se o viuer no querey tenho

Em quanto quizer viuer.

Hei de empregarme em querer
 Idolatrando este empenho.

Oh nam me desmintam nam
 Minhas queixas repetidas
 Sam da lingua referidas
 Sem sabello o coraçam.

A furto. (sim) da rezam
 Saem desencaminhadas,
 Sam da magoa articuladas
 Hum echo saõ do que sinto,
 Ouueas Amor, & as desminto
 Com sinezas abonadas,

Em a alma a fé se apura,
 E no infeliz, se acredita
 Sim, que bem hũa desdita
 Hũa firmeza assegura.

Amar hũa fermosura
 Sem me esperar admitido
 Extremo he de amor luxado,
 Bem me acredita de amante
 Iurar morrer de constante
 Sem viuer de respondido.
 Sem que a mais ventura aspire
 Quero sò morrer de fino
 Que nam pòde ser mo fino.

Quem por tal causa suspire.

Não hauerà quem me tire

A vangloria (sim) do amar

Tal prenda, que o a dorar

He paga do padecer

Sim, que aplaude o merecer

O capricho do penar.

A minha estrella agradeço

Guiarme por tam bom rumo

Sim, que ainda assi presumo

Que o desuelo nam mereço.

Se obrigado ao que padeço

Os extremos multiplico

Mais empenhos justifico;

Se he gloria o sentir, & amar

Quanto mais queira, & penar

Tanto mais deuedor fico.

Continuemos memorias, posso
 que seja elgotar os feitigos. He o
 coraçam melhor Astrologo', & em
 seus aluroços tam antecipados, pu-
 dera ver a figura que leuantaua de
 meu emprego. Disfarçouse amor
 em lastima, & passou a ser adoração;
 bem

bem pudera eu aduirtir que quem se disfarçaua vinha com animo de offender.

Estaua de filada Amor em huns olhos tam executiuo, que a nam serem elles o sagrado da fermosura o pudéram prender por falteador. Nunca vi tamanhas as forças de Cupido; mas he que fazia a guerra com os rayos de dous Soes mais bizarros, cuja efficacia desfazia os diamantes como a cera. Em mudas resistencias porfiou a alma por escapar de seus laços, mas em doces palauras foi bebendo mayores feitiços, ainda que descriçoens como matão ao ouuido, fazem os delitos em segredo; nam se sentem os golpes quando se executam, tenam quando se recordam, sam mais executiuos os assaltos do entendimento, que os da fermosura; porque podem os olhos entreter o emprego variando o objecto; porèm nam podem os ouuidos fugir à descriçam, o agrado dos o-

lhos

lhos pòde vencerse no retiro, mas as rezoens que enamoram o entendimento, logo a memoria as estampa em a alma: Os olhos tem mininas, & como estas nunca sam firmes, não he mui seguro o seu rendimento, o ouvir he a estancia da fé, & assim prometem mais firmeza. Os olhos seguem o que lhe agrada; o entendimento vne a si o que lhe contenta, & mais seguro deve estar o que em mim tenho, do que aquillo que fóra de mim busco.

Ou o amor seja emprego da alma, empenho da vontade, achaque do entendimento, ou agrado dos olhos, sempre he acerto amar o melhor; porque desluzamos o que sò em nós naceo para ser liure, fogeitandoo a outrem, he bem que recompensemos este dezar em o superior das prendas que amamos. No indigno de hum emprego, desacredita-se a alma no ajustar-se a menores prendas, a vontade no rendimento, o juizo

na

na escolha os olhos no agrado. Assim o entendi sempre; porém amar o que se nam espera lograr, & o que se não pode estoruar q̄ outrem logre; nunca pôde ter acerto, & a ter o amor escolha do entendimento, como violencia da fermolura, sempre ouuera de julgar de lacerto grande dar a alma a hum impossivel, & sacrificalla a hum ciume; he comprar huma breue vangloria a troco de grandes martyrios. Este discurso me fez batalhar algum espaço com meu desejo, ou eleuadono que via, nem ainda para sacrificarlhe a alma parece que me podia diuertir.

Brinco de cristal, feitiço de neve se mostraua hũa mão trauessa. Ouuera de prelumilla hum ramo de cinco jasmims, huma açucena, ou obrada ao torno de brunhida prata, se eu tiuera visto jasmims com tanta alma, açucena com folhas tam delicadas, & prata tam tersa, mas ei a tam superior a sua perfeigam, que a não ter

ter perto outra com quem só podia comparar-se, com mais rezam se pudera chamar orfaã do que a perola do Castelhana tam celebrada; vi que era hũa mão em quem a natureza lançou o resto das perfeiçoens; hũa mão que a todas as mãos daua de mão; mas ay que foi hum Basilisco que affestou amor para render a minha liberdade, que para abraçar coraçõens izentos, em a neue sabe amor acender fogo. Hydropico destes feitiços, era sede o que deuia ser recato, sentia abrazarme, & presumindo neue a mão que via, foi incendio o que busquei aliuio. Tremeo a mão achando brazaso que via flores. Assim o mar se representa espelho cristalino a que pòde alinhar-se quem o vê, mas aquelle que inaduertido se fia de suas apparencias, acha ondas que o sepultam, o que cuidaua cristaes que o lisongeauam. Assim o Sol alegre com a fermosura de seus rayos; mas quem se chega a elle

elle de mais perto; acha o resplendor ruina, morrendo a violencias de hũa luz que lisongecendo ao longe, ao perto mata. De hum bichinho humilde nasce a boi boleta, & a penas se vê com azas, quando se atreue a remontar os vcos, enamorada da luz de hũa vella a galantea fina, a cerca arrojada; cleuada em aquelle flamãte globo que a illustra, desatende ao ardor em' que se abraza; arrebatete ao lustrolo, & morre no ardente. Assim eu, ò maõ' cristalina, enamorado de apparencias tam bellas rondei o mayor perigo, arrebatoume a neve que via, & abrazeime no fogo que occultava. Assim o monte Etna de Sicilia cuberto de neve vomita chamas. Assim a pederneira, parecendo hũa pedra fria despede rayos. Ay de mim! Ay de mim, que o nam adverti então para o sentir agora. Mas ay como me mostro queixoso do mesmo de que estou agradecido? Como culpo o que me arrojey, se por

repe-

repetillo agora dera a mesma vida.

Que simplex Pintafugo

Em hum raminho posto,

Sentindo o visco nelle

Nam se passou a outro.

Ha Rouxinol que vendo

O laço de que solto

Se vio por dita grande

Nam se puzesse em cobro?

Ha quem colbendo flores,

Vendo nellas enuolto

O Aspid nam fugisse

Com a mão de medroso?

Quem de hum fogo liurando

A diligencias morto

Se poem no mesmo instante

A assoprado logo?

Sò eu (amada prenda)

Ao mesmo risco corro

O proprio visco busco,

Ao mesmo ramo torno.

Sò eu Deidade bella

Ao mesmo laço volto,

Com mayor desatento

Me entrego ao Aspid proprio.

Sò eu desuello dalma
 Mais simples, ou caprichoso
 Antes que o fogo morra
 Os incendios affopro.

Mal escapo dos riscos
 Quando os riscos renouo
 Abraçando a memoria
 O que dista dos olhos.

Sendo a neue remedio
 Do fogo para todos,
 He para mim sòmente
 A neue isca do fogo.

Perde a essencia fria
 O cristal enganoso
 Para mim, & me abraço
 Quando esse cristal toco.

Mas ay suaue engano,
 Pois com elle posso
 Em fé do que logrei
 Fazer ao mal soborno.

Ay, & quem repetirà
 Aquelle breue gosto
 Se fim da liberdade
 De meus suspiros logro.

Eu me quiz enganar, os olhos
 nam

nam me enganaram ; porque a fer-
 neue a mão que via, já dous Soes q̄
 tam perto estauam, a tiueram derre-
 tido. Oh que estaua Taful, & ven-
 do o ganho certo, em hũa tam bizar-
 ra mão lancei todo o resto da alma, &
 por mão me ganharam huns olhos
 com quem eu já tinha perdido a li-
 berdade. Oh fermolos Soes do Ceo
 da fermolura, que ao mesmo Sol
 matais de enueja, & ao Amor de a-
 mores. Daimellicença que vos cul-
 pe de ociosos, quando vos abateis a
 tam humildes prezas. Fazei osten-
 taçam de vossas luzes, contra as! A-
 guias mais Reaes, que queiram exa-
 minaruos os rayos, & nam contra
 quem nam se atreue a vos olhar,
 renhindo desejos, & desuiando pen-
 samentos, sim que julgo ainda o sa-
 crificio arrogancia, o arder atreui-
 mento, & o aspirar à morte tam lu-
 zida, toberba deslumburada. Nam
 merece os rigores quem à primeira
 vista vos proltrou adoraçoens, & se

resistio foi de cobarde, não de obstinado. He tyrania grande que lanceis mão a cinco setas de cristal, para atropelar hum rendido. Mas ay que vós não duuidastes o meu rendimento, nem o quizestes assegurar com nouas forças; foi dar-me a mão, para que eu atreuesse desejos, & alentasse esperanças; foi estamparme em a alma vossas armas; para que a conhecessem todos e CRAUA VOSSA. Mas ay neste dizer parece que desconheço o que sou, & que me nam lembro do que valeis. Como se pudéram honraruos tam humildes sacrificios. Nam importa que leuem almas para que consigam estimaçoens; porque à vossa fermosura, que victimas iram sem alma, ou que alma nam será victima sua? Ay de mim, atéqui me atormentaua não merecer vossas prendas; agora já começa de assustarme o hauer de merecellas outrem. Teue rezam quem disse que era o ciume fumo do amor, que co-

mo o fumo sempre mexerica o fogo, assim o ciume sempre explica o amor, & se o ciume he fumo, já nam estranho o effeito que em mim faz. A quem dà o fumo nos olhos, que o faça chorar? Nam entendo que o ciume he filho do amor, como o dizem muitos, irmão sim; nam nasce do amor, que da gloria nam nasce o tormento, nasce depois do amor. Quem ha de amar, que não tema perder o que ama, & mais quando se vê indigno, & não se espera favorecido, o certo he, que não corta bem o amor, se não se dà hum fio em o ciume, & como disse hum discreto, amor que não chegou ao ciume, não chegou a ser amor, & o que chegou ao ciume passou a ser inferno. Entre os empregos d'alma, as desesperaçoes de admitido, & os receos de outrem ser venturoso, batalho com minhas ancias sem aueriguar se hei de viuer de amante, apurando as verdades no segredo; se hei de mostrar-me

trarme fino na ostentação de meus sentidos, ou se hei de morrer de ciúso. Viuer de fino, & morrer de secreto não he impossivel, quando a esperança não alenta pertençaens; mas tem a alma seu modo de vangloria, & quer que se veja a gala de que se veste para desquitar no acerto do emprego o impossivel do favor. Dizer o que se sente, he confissão escrupulosa, parece que tem mais de pertençação que de fineza, & neste meu empenho, todo meu amor he respeito, nada esperança. Explicar ciúmes, he só permitido a favorecidos, sim que he tão custoso o declarallos, que só os deue explicar, quem os espera satisfeitos; quando a correspondencia nam os ha de serenar, mãda a prudencia que se occultem. Demais que recatando pensamentos porque se nam entendam pertençaens, mais deuo occultar ciúmes para que não se entenda que são memoriaes do amor, em que

sempre mais pede fatisfaçoens do q̄
allega queixas; pois para as ver satisfi-
feitas as repete, o ecco he agrauo,
mas a sustancia he rogo.

Doce encanto de meus sentidos,
fuaue laberinto de meus pensamen-
tos, adorote com tantas veras, que
quando a alma vangloriosa de seja
romper em confisões, o teu respei-
to as atalha. Se vai a conceber a fan-
tesia, a menor sombra de esperança,
a rezam a deluaece, nem fora cordu-
ra malograr verdades de hũa alma
por lisongear enganos de hum affec-
to; quando me matão receos de que
queiras a outrem, occulto meus pe-
zares; porque nam presumas que
aspiro a teus fauores a titulo de ex-
tremoso, que só quererte quero, dan-
do amantes idolatrias em agradeci-
mento do que logrei, que para ser
estimada nam era necessario que a
vontade a dispensasse por fauor, bas-
ta que o acalo a lograsse para timbre
de minhas fortunas. Em a tua mão
terás

teràs sempre a minha alma, como victima que continua os sacrificios, como Borboleta, que busca os mesmos incendios. Nam temas que o fogo em que se abraza a alma te derreta a neve; pois em mim experimentaste que de neve só tem as apparencias.

Em mudas idolatrias a esta memoria sacrificarei todas minhas memorias, sempre alegre, como sempre teu. Nam implica contradicção viuer hum triste alegre. Aquelle acipreste, sempre está verde, & sempre está triste. Alegre por teu escravo, & triste por indigno de tuas prendas. Serà o meu viuer hũa alegria triste, hũa tristeza alegre. Vès aquella aruore que abraçada com a Era que a cerca, a sustenta galante; pois essa Era lhe ha de tirar a vida, he ruina o afago. Bem sei que este amor que se arrima à alma he a Era que ha de contumilla, mas que importa, se ser ruina de teus olhos, es-

trago de tua fermosura sempre ha de ser para festejado. Vés aquelle ribeiro, que risonho corre sem que repare em os seixinhos que lhe querem embargar a pressa, vai a regar em esse valle húa flor que ama, & corre tam cego de amante, que não repara em que primeiro se despenha em húas lagens, padrasto de sua fineza. Ribeiro he meu amor que corre ao percipicio, quando corre ao alarde de seus extremos. Viste vapor grosseiro, que desdenhando sua humildade, se atreue a subir ao Sol, & quando mais procura tecerlhe grinaldas, lhe fabrica nuuens? Quando mais se consultaua Estrella, morre exhalação, pois he hum retrato viuo do meu pensamento, que desconhecendo as limitações da minha fortuna, se arroja a adorarte, & foi offenderte, cuidou que construia sua melhor fortuna, & os rayos de teus olhos lhe abatem as presunções. Subio ousado, & baixa des-

uae.

uaecido, remontou se altaneiro, & cae castigado; aspirou a tuas luzes enueja de amantes, & morre excarmento de atreuidos.

Incredulidade na certeza.

SE o fauor que se faz não se merece,
A ventura no logro se duuida,
E nas lutas de ser ou nam ser crido
O gosto de entre as mãos desaparece.
Qual sonho que passou, se desuaece
Como sombra que foge se he seguida,
Qual faisca no ar introduzida
Que ides a vella, & já nam aparece.
Hum fauor da verdade assegurado
Como dà sobresaltos de nam crido
Desmentindo os seguros de alcançado?
Mas ay como ha de crerse concedido,
Como se ha de esperar seja logrado
O que de nenhum modo he merecido?

NAs traueſſuras de huma fan-
 teſia, nos enganos da idea ſe
 achaua crido eſte fauor quan-
 do a ſemtrezão o negaua, & agora q̄ a
 fé o aſſegura o não creio. He difficil
 de expellir o habito, porque procede
 da continuaçam de muitos actos, &
 eſtes repetidos o fazem como natu-
 ral; a deſeſperaçãõ deſte fauor como
 ſe gerou de muitos deſdens continu-
 ados, & a repetiçãõ dos deſenganos
 a fez como natural, & aſſim nam he
 muito que ſeja mã de expellir.
 Chea hũa redoma de hum licor, pri-
 meiro a hãõ deſpejar do que tem pa-
 ra que poſſa receber outro licor.
 Cheo o coração das magoas do de-
 ſengano nam cabem agora nelle! os
 aluoroços deſte fauor; para que eſte-
 ja capaz de o receber, primeiro hãõ
 de fair as magoas que o occupãõ.
 Tendo em hũa gaueta hũas luuas
 de ambar, ainda que as tirem ficãõ
 nella por muito tempo memorias
 daquella fragrancia. Como o deſen-
 gano

gano occupou tanto tempo a interior gaueta do coração, ainda que agora tirem delle o delengano, por muito tempo hão de durar as suas memorias. Como o que primeiro se aprende nunca esquece, porque a memoria abraça tenaz as primeiras letras que nella se escreuem. Como as primeiras liçoens que tomei do teu desuio forão de desesperaçõens de lograr o teu carinho, como as primeiras letras, que se estampãram na minha memoria forão os protestos com que o teu desdem me intimou delenganos, não me podem esquecer, nem agora que já me asseguras o teu carinho. Aquelle que vio húa fantasma, fica por muito tempo embaraçado sem poder resolver se em q̄ foi delirio da fantezia, ou verdade do successo, porque como os nossos olhos não estão feitos a semelhantes vizoens, as estranha a vista por extrauagantes, & alterão como não ordinarias. Tratei como a fantas-

mas as esperanças deste fauor, como
 extrauagantes, como nunca vistas as
 estranha a alma, não sabendo se as ha
 de estimar por verdades, ou crer que
 são delirio do desejo. Neutral entre
 os aluroços do logro, & os medos
 de que seja engano proprio, viuo in-
 deciso se aueriguar se a alma ha de a-
 agradecer ao Amor esta dita, ou se ha
 de queixarse desta burla que lhe faz
 a fantezia.

*Com incredulas certezas
 Entre aplausos, & receos,
 Creio aquillo que duuido,
 Duuido aquillo que creio.*

*Em os affectos neutral
 Quando esta promessa vejo
 Na verdade assegurado
 Duuido só do que leyo.*

*Na firmeza da palaura
 Todos os seguros tenho,
 Mas constante nos seguros
 As seguridades temo.*

*Eu bem leyo este fauor
 Estou na palaura certo,*

Mas quem me diz que nam finge
Estas letras o desejo.

Bem construo estas rezoens,
Bem o seu sentido entendo,
Mas a fantexia, nam
Engana o entendimento
Nam padece a vista enganoso?
Esse Ceo azul nam vemos?
E não he Ceo, nem azul,
Sendo da vista embelleco.

Não cuidamos que he estrella
Que cae do firmamento,
O que he sô exbalaçam,
E dos olhos deuaneo?

A vista nam se presentam
No mar quebrados os remos,
E examinada a verdade
Nam os acham u. inteiros?

Pois quem me assegura amim
Que nam me succede o mesmo?
E que he engano da vista
O que cuido que estou vendo?

Chimeras da fantexia
Sam estas letras, ue vejo,
Visto se está, pois o gosto

Pode caber em o peito.

*Se os espiritos unidos
Recolhendose ao seu centro
O coraçam nam sufocão,
He que ignoram o successo.*

*Se nam rompem em locuras
Os aluorçõs he certo
Que a alma ignora o favor,
E nam chegou a sabello.*

*Que de aquellas vfanias
Que prometia o desejo
No logro? de embaraçadas
Nam sabem dar se a conselha.*

*Em confusas suspençoens
Pãram do gosto os protestos?
He que està o gosto em calma
Esperando melhor vento.*

*Como a vozes, como ' gritos
Este favor nam festeje?
He que cuidando que sonha
Estou vendo se desperto.*

*No logro das esperanças
Nam tem as ancias socego?
Em quanto os embargio, correm
Hão de correr o s desueiros.*

Como com sustos batalho
 Quando todo o susto venço?
 Monta o mesmo que nam ser
 O que eu ainda não creio.

Dada a sentença por mim
 Ainda o despacho temo?
 Se Amor concede a reuista
 Todas as venturas perco.

Vencido o Dragaõ de hum nam
 Vfano nam corro ao premio?
 Se eu cuido que nam venci
 Como hei de acabar o pleito

Se tenho chegado ao porto
 Para onde he que nauego?
 Para crer o que duuido,
 Que nam he golfo pequeno.

Se este despacho era o tudo,
 Que mais ventura pretendo?
 Que me confirme o carinho
 Para que então possa crello.

Sobressaltos da minha alma
 Eu já de vòs nam me queixo,
 Antes os vossos combates
 Do aplauso sam os esmeros.

Sois medidas do aluoroço,

Sois os contrastes do preço

Deste fauor; sois em fim

Da estimaçam juramento.

Nas duuidas accredito

Do gosto o maior extremo,

Que he tamanho que nam cabe.

Na breue esfera de hum peito.

Dizes (feitiço de meus sentidos) que sempre na tua vontade hão de estar muito viuas as memorias do meu amor, & que nos carinhos do teu cuidado terã sempre amorosa fatisfação as minhas finezas, & os agalhos que eu faço a esta ventura, he não a crer. Não o estranches, que como eu tantas vezes fiz esta mesma promessa ao meu coração, & nunca a logrou, não quer agora crer esperanças que nunca se lograrão. Aos Alemaens, que entraõ em Roma, os persuadem a quantas pataratas querem; mas excarmentados na repetiçam de tantos enganos, depois de nenhum modo crem huma tõ verdade de quantas lhe dizem. Magoa-

do o meu coração das repetidas li-
fonjas com que eu tanto tempo o
trouxe mais louco do que entretido,
não quer agora crer as verdades que
lhe intimas, sem discorrer a diuerfi-
dade das promessas, que eu nam po-
dia cumprir o que prometia, & tu
podes satisfazer o que asseguras; mas
este he o estylo de todas as emendas,
carregar tanto a mão nas cautellas,
que querem impedir o ilicito, que
vêm a fazer dano tambem ao que he
licito. Medroso dos herpes corta o
Cirurgiãõ pella carne saã. Temen-
do o coração os herpes de hum en-
gano, se acautella contra as mesmas
verdades, & corta pella parte mais
saã de hũa fineza: que hauendo o
coração agasalhado com tão indifi-
ueis aluroços as esperanças que lhe
inculcaua o meu desejo, tendo deli-
rios da fantezia, & que agora se nam
aluoroce com as certezaas que lhe
assegura o teu carinho? Si; porque
tem já perdido a fé que tinha com

as esperanças.

Nos apertos de hũa dor, protesta o Medico que e a ha de aplacar com a applicação do remedio que lhe faz, & com estes proprios seguros passa a aplicar outros. Os dous primeiros tomamos nõs com muito viua esperança do defafogo do achaque; mas desuaecidas. as primeiras certas tão encarecidas, perdemos a fé às medicinas, & se as continuamos he por se a calo alguma aproueita. Recebeo o coraçam com as mayores vfanias as primeiras esperanças que apliquei ao achaque da sua desconfiança, desuaeceraõle todas, perdeo a confiança que nellas tinha, & assim agora recebe estas sem anticipar os aluroços, esperando o successo, por ver se a caso se logra. Aquem colhemos em huma mentira, não crêmos nem verdades. Se alguem entre o dinheiro que nos dà mete hũa moeda falsa, ficamos acautellados temendo q̃ todas as mais sejam falsas.

falsas. Como introduzi no coração tantas mentiras da esperança, tantas falsidades da fantezia, não me cre agora as verdades, temese agora das certezas. Não te offende logo o coração no que duuida, porque elle nam forma os escrupulos no valor do teu dizer, se nam no credulo da minha fantezia. Se tu lhe intimàras esta dita com as mayores vfanias, rompéra de alegre em locuras. Não se fia na minha vista, não quer crer a minha construição, teme q̄ o desejo haja trocado as letras que o interesse neste fauor o assegure, porque lhe importa, & não porque lho prometem. Ex aqui as incredulidades em que se acha o meu aluoroço, nas certezas deste fauor, ou não crerà o coração que sendo tu tão discreta, hajas de errar os empregos, como nos teus desuios vio que conhecias o valor, do que negauas, não pode persuadirte a que baratees a hum rogo que negaste a huma adoração, que

que ainda que estas cegueiras tem a desculpa no Amor, como tu tanto tempo procedeste tãoolince nas atengoens à grande valia de teus faoures, & ao indigno de meus sacrificios, não crè que erre a olhos abertos, quem sempre os teuetam claros no conhecimento.

*Se esta ventura fora merecida
Como sempre (meu bem) foi suspirada,
Eu crèra que podia ser lograda,
Porque entam fora à minha fé deuida,*

*Como foi tantos annos resistida,
Como ha de crerse agora assegurada?
Quando para a lograr vêm a ser nada
As mayores finezas de hũa vidua.*

*Sem prendas hei de ser tão venturoso?
A tanta gloria posso persuadirme,
Sò por amante, sò por extremofo?*

*Mente a fortuna posto que o confirme
Nam creio nam, que o ser eu tam ditoso
Nos meritos nam cabe sò de firme.*

Dizem que se crè facilmente o q se deseja, serà quando o delejo, viue

entre as lisonjas da esperança, & não quando se acha oprimido do defengano. Como o gosto persuade o q̄ se apetece, com facilidade se crê q̄ haja de lograr-se o que se considera que ha de conseguir-se; como a propria conueniencia inculca as rezoens da confiança desuiando os temores do desuio, dá-se credito ao que se prezume, crê-se que succeda o que sempre se está imaginando que ha de succeder.

Como os interesses da vontade arrastam os discursos do entendimento, a vontade empenhada, & o juizo persuadido a que ha de ser o que deseja, primeiro se crê do que succeda, mas quando o desejo está atropellado da desesperação quando a esperança hauendo esgotado prazos que hia dilatando, tendo gastado as balizas que hia pondo deixou de ter esperança. Quando a vontade defenganada não tem efficacias para persuadir, quando o entendimento

mento tem tantos exemplos das esperanças, tantas vezes desuaecidas nam deue ler facil crer o que se deseja: A repetição dos malogros faz grandes escrupulos; nem basta que as esperanças que este fauor intima tenham mais firmes os alicerces, pois na que eu me asseguraua o interesse enganaua a fantezia. Eu mesmo para desafogo das ancias buscava a breue respiração que me inculcaua hũa idea, podendo eu introduzir esta chimera que nunca passaua de engano da fantezia, não lhe podia dar satisfação, & que agora me assegura as ditas quem pode coroalas do bom successo; porque ainda que nas realidades sejam tanto mais firmes os novos fundamentos desta esperança, tambem na minha inculca todas as esperanças se representauão bem fundadas, & que em persuadir que era infaliuel o logro. Não pòde logo bastar o melhor fundamento nas realidades, se nas vozes todas forão
sem-

fempre bem fundadas. Nas primeiras quedas não se defengana o lutador robusto, dellas se leuanta com novos espiritos para os delquites, com mayor ardimento para as lutas, mas depois de muito atropellado, depois que com as forças perdeo as esperanças, quando totalmente descaido do animo ferà em vão incitalo nouamente. Nas primeiras occasioens qualquer palaurinha construida em meu fauor armaua lutas com ambiçoens de vitoria; mas recebidas tantas quedas, desmayado o brio, perdidas as forças em vão quero meter a esperãça em novas lutas. Facilmente tenta o soldado ardiloso meter hũ auizo em a praça cercada; mas depois q̄ baldou todas as diligencias, depois q̄ se esgotarão os estratagemas, atropellado do defengano não torna a entrar em outras fadigas. Em quãto me alêtaua a esperãça do logro, em quanto eu entendi que os ardis do Amor, & os
meri-

meritos da fineza podião corcar de triunfos as minhas instancias, as cõtinuava tantas vezes repetidas; mas defenganado de que o Amor não tinha traças, efficacias o rogo, nem a fineza valia, como hei de ter animo para de nouo tentar as varedas em que sempre me perdi. Empenhado o Piloto em dobrar o Cabo da Boa Esperança, em quanto espera vencer a braueza daquelle golfo, se aventura, & se arrisca, mas se excrementado em seus proprios naufragios sabe que se perde quantas vezes se atreue, quem ha de obrigallo a q̃ de nouo se arrisque? Muitas vezes por tomar o cabo desta esperança me perdi entre as ondas do desdem, & o vento da sem rezão, & assim agora he tão difficultoso tornar a bulcar a esperança em que tantas vezes naufraguei. Em quanto a Rapoza entendeo que podia chegar às vuas que apetecia golosa, afadigauase pelas colher, mas como aueriguou q̃

não

não podiã darlhe alcance, acomou-se à consideração de que estauão verdes. Em quanto eu me persuadi a que minhas finezas podião conseguir o premio deste fauor, empenhei todos os extremecimentos da alma na sua conquista, mas vendo que sem merito a adoraçam, sem dita a constancia, não era possiuel logralo, me acomodei à consideração de que o não merecia, & como tanto se entranhou no coração o ser impossuiel este despacho, por mais que faço não posso agora persuadir-me a que sobre possiuel me està já prometido.

*Quando leyo esta promessa
Eu quero crela, & nam posso,
Que a alma nos sobressaltos
Diz, que lhe mentem os olhos.*

*Para se crer huma cousa
O desejo he o soborno,
Mas em mim faz, que nam crea
O graude empenho do gosto.*

Acharte a ti carinhosa,

E verme amim ventaroso

Para succedido he muito,

E para sonhado he pouco.

Esta evidencia da vista

Creem os sentidos que he sonho.

E temem que despertando

Achem caruão o thezouro.

Em hum laberinto estoio

Prendome em quanto discorro

Sendo a palavra infaliuel

Acho impossuiel o logro.

Batalhão no coração

Os sustos, & os aluoroços;

No que me prometes viuo,

E no que duuido morro.

Diuidindo as letras todas

Bem huma a huma as destronco.

Mas quando as junto nam creio

O fauor que nellas formo.

Leo, & fico assegurado,

Porèm mal o papel dobro

Quando enuestido dos susto

Outra vez, a nam crer torno.

Sem duuida que perdido

Tenbo a memoria de todo,

Pois do que estou sempre lendo
Me estou esquecendo logo.

Eu cuidava que logrando
Este carinho amoroso
Em alegres vfanias
Ficára de alegre louco

Mas achome tão sezudo,
Que as vfanias reporto
Tam albeio do que leyo,
Que o mesmo que vejo ignoro.

Deue ser porque na esfera
De hum coraçam, nam sei como
Seja possiuel que caiba
Hum tam indisiuel goſto.

Coube o desejo he verdade,
Mas em espaço tam pouco
Como o logro nam cabia,
Nam entrou o aluoroço.

Os eccos deste fauor
Tam sem novidade os ouço,
Que o coraçam nam se altera,
Porque o tem por fabuloso.

Quando o negava o desdem
Enganauame amim proprio,
Nos ensayos de logrado

Buscaua o meu desafogo.

Agora que me assegura

O Amor, estou tam tonto,

Que crendo o que me negauam,

Nam creio agora o que toco.

Delirios da fantezia

Foram sempre o meu engodo.

E agora a seguros da alma,

O coraçam está mouco?

Mas tem rezam, bem duuida

Porque o ser eu tam ditoso

De quem o chegar a crer

Aposto que zombam todos.

Não he muito que eu não creia
 este fauor tanto tempo acomodado
 a desesperação de o lograr. Sempre
 viui suspirando por esta cabal satisfacção
 façam de meus extremos, & agora
 não posso crer quando mais assegurada
 de hum carinho, quando he certo
 que o dezejo da execuçam se
 anticipou a promessa, quando eu
 conheço que a mayor difficuldade
 esteue na confissão, quando auendo
 feito esta promessa, o dar satisfacção

a ella vem a ser o menos; quando a maior resistencia era já do capricho, & não da vontade; quando nenhũa duuida me aflalta de que se a promessa he verdade, falte o comprimẽto della. Mas terà que he mais dilatada a esfera do desejo, que a da esperança; pode desejar-se hum impossivel, porẽm não se pode esperar, & como eu estaua persuadido a que este fauor era impossivel, não he muito que tão difficulosamente o espere; como foi tanto tempo resistido, nem depois de assegurado o posso crer.

*Quando hũ fauor se logra prometido.
Depois de muito tempo assegurado
Embargam os aplausos de logrado,
Os escrupulos necios de não crido.*

*A memoria de ser tam resistido,
Faz incriuel o ser assegurado
Ha mister todo tempo denegado
Para crerse que seja concedido.*

De receos a alma atropellada,

*De sustos combatida a fantezia**O que ha de crer ignora de alterada.**Ainda affusta o medo da porfia'**Como foi sempre tam desarrezoadá**Embargos poem agora à vfanía.*

Fallou experimentado o que disse; quem não quer padecer, não ame; porque não ha estado em que hum amante não padeça. Nos principios se luta com as fadigas de occultar os incendios, & nam os pôde reprimir; porq̃ ou a boca explica as chamas, ou a queixa meixerica o fumo; se declara o seu rendimento, padece nas duuidas da sua aceitaçam; teme não conseguir a fineza o que se nega às confissoens; recea que as precizas leys do recato sejam diuertimento da vontade. Tem na correspondencia os assaltos da desconfiança, do desuio, & do ciume. Tem no logro o estudo das cautellas, a ancia da conferuaçam, o susto de outro emprego, & na aulencia tem o

marty.

martyrio da faudade, com que sempre está padecendo quem ama, na variedade de quantos accidentes succedem para susto, para magoa, & para ruina.

Pintão o Amor cego; porque só quem não vê prova q' ama. Quem se extremece no que está vendo compra com o sacrificio huma vfanía. Junto ao fogo o mais frio se aquece; porém na ausencia como o agrado dos olhos nam satisfaz à alma, & como a belleza vista não afopra os incendios, na desconmodidade dos sentidos se apurão os quilates da fineza. Pintam mais o Amor com arco, & setas, & com azas; com arco, & setas para declarar que sempre está executando os golpes; com azas não só para explicar a ligeireza com que fogem os goslos do amor, se nam que como as azas se constroem de penas, protesta ao mundo, que não ha amor sem penas, amar sem padecer. Nas amorosas

batalhas com que luto o experimēto. Cuidava eu (fermosa suspensam de minhas Ideas) que se eu lograsse os teus agrados, se as minhas finzas se vissem coroadas do teu carinho, q̄ penduraria v̄fano as mulletas dos desuellos no templo do Amor. Que hauendo liurado das creppas ondas do teu desuio, & da minha desconfiança, sem risco de tocar nos fataes baixos do delengano, vencido o desprezo, & lograda a esperança, contaria alegre na praya as borrascas de que hauia escapado. Consideraua que se eu conseguisse a gloria de que a aceitação de meus extremos passasse a ser amor; se em ti o agradecimento as idolatrias fosse affecto da vontade, que desuaeido nos logros de tamanha conquista, em amantes socegos suspenderia as fadigas, deixaria os desuellos, & não hauendo tempestade que ameaçasse riscos, em amorosas calmas, lograria seguro as mais alegres

gres vfanias ; mas enganeime , que continuo as mesmas lutas, & os desuellos tristes em que me tinha a tua sem rezão, se trocãrão em alegres fadigas. O tempo que me leuaua a magoa, o gasto agora na satisfação. As horas que occupaua na queixa as emprego no agradecimento , com que não se diminuirão as fadigas, posto que se melhorãrão os motivos.

*Minha vida diz e como
Igualmente tyrannizas
A alma com desenganos,
O coração com caricias.*

*Em hum tropel de desuellos
Me poens quando te acho esquiva,
E no mesmo laberinto
Me vejo se estás amiga.*

*Arrebatam as ideas
Com pezar as tyrannias,
Mas tambem as arrebatam
Os carinhos com dilicias.*

*Igualmente me desuelas
Ou mates, ou me des vida,*

Que prendes com o desdém

Com o favor enfeitigas.

Se me negas hum favor

O pezar me desatina,

E tambem se mo concedes

Me enlouquece a alegria.

Sam (emprego da minha alma)

As tuas prendas tam lindas,

Que matam com pena, ou gosto

Negadas ou concedidas.

Es hum tropel do discurso,

Que em humma continua lida,

Ou no favor se regala,

Ou no desdém se afadiga.

O pensamento, nam ha

Instante que nam te assista

Que como quer regalar-se

Elle aos voos se conuida.

Sempre amante, ou desdenhosa

Ocupas a fantasia

Que ou o gosto a arrebatada,

Ou a queixa a encaminha.

A tua belleza sempre

Está na memoria viua,

Como sempre a estou vendo.

Sempre os desejos incita.

Retratada nas ideas

Bebo os rayos que fulminas,

E a todo o tempo me abraço.

Porque a todo o tempo os vibras.

Se hum instante o pensamento

De teus olhos diuertira,

Me acordara o sobresalto

Estando certo em que o vias.

Como entendo que em meu peito,

Tudo ves, tudo examinas

O menor descuido meu,

Ià temo, que mo castigas.

Desuaecido em querer te

Perdera aquella vfanía

Em que viuo aquelle instante,

Que fino nam te assistira.

No coração a fineza

Tam finamente te pinta,

Que aos mesmos extremos sempre

A tua belleza me obriga.

Lisonjas sam, nam finezas

As minhas idolatrias,

Porque todas executa

Meu amor a tua vista.

A teus fauores ingrato
 Vejo, que sou; pois deuia
 Multiplicar os extremos,
 E a fé nam os multiplica.

Nos mesmos desuellos viuo,
 Luto nas mesmas fadigas,
 Ou te veja carinhosa,
 Ou já te exprimente esquiua.

Nam viuo mais extremo so
 Ouindo as tuas caricias,
 Que a fé sempre he hũa; mas
 He miú outra a vfanía.

O fauor que me prometes
 Mais chamas não solicita,
 Mais gosto; si porque faz
 Que mais vanglorioso vna.

Se he para que mais te adore,
 Os fauores esperdiças,
 Porque eu nam posso adorarte
 Com finezas mais luzidas.

O meu gosto nam to explico,
 Quem constante sacrifica
 A alma a hum desengano,
 A hum fauor, que faria?

De mais que hum gosto tamanbo,

Nam

*Nam pôde explicalo a lingoa,
E o que sente o coração
Tu muy bem o examinas.*

Meu bem, quando vou a agrade-
certe este fauor, estranha o coração
os eccos do agradecimento, alterão
a nouidade das frases, & não con-
corre pera os aplausos, porque duui-
da o successo, como não esperaua o
fauor, não o crè, não sendo mere-
cido, & sendo tu quem o concede,
com rezão duuida que se haja ren-
dido aos assaltos do rogo a obstina-
ção de hũa porfia.

*Quando neste fauor eu empenhaua
Toda a alma (dizei) quem entendêra
Que com mil sobresaltos recebêra
O gosto porque tanto suspiraua?
Se mil ancias negado me causaua
Dizeime, quem considerar pudera
Que se amor algum dia o concedera
Para encherme de glorias não bastaua.
Como em sustos (dizei) vejo trocados*

Os aluoroços da alma mais crecidos

A caso de sua eem se logrados?

Fauores tanto tempo resistidos

Ainda quando mais assegura dos,

Nam he possiuel, nam, que sejam eridos.

Borrascas da saudade.

Q Ver que foi dos olhos vfanía. (10)

E o não ver q̄ he da alma desalen-

Vnemse agora para o sentimento,

Matame o q̄ nam vejo, & o que via.

Aquelle gosto a ser per ar porfia,

E passa de ser morte este tormento

Huma felicidade he alimento

Com que a saudade crece a tyrannia.

No mais sensível da alma executado

Este golpe, ha de ser o mais sentido

Posto que seja menos explicado.

Nam pode ser da lingua defirido,

Porem no coração acreditado

Será do sentimento encarecido.

N Eciamente se queixa das tempestades do mar quem segunda vez se fia da inconstancia das suas ondas. Desculpa tem de entregar-se aos crespos cristaes do mar, quem não tem feito, experiencias da variedade dos golfos. Torpemente acuzas as borrascas da laudade, quem segunda vez se entrega aos fracassos do amor; só terá desculpa para se queixar deste accidente quem nunca o experimentou. Quem se fia das lisonjas quando prometem rizo, & assegura bonanças; se bizonho se embarca terá a desculpa na sua ignorancia, mas só poderá queixar-se do seu desatino quem sabendo que o amor tem o baixo da saudade arriscada a vida no perigo de que a nam pode deluar, & virá a ser mayor a barbaridade, quanto as borrascas da alma sam mais executiva, que as do corpo. Certo he que quem se empenha em amar, ou não sabia os rigores com que huma

sauda-

faudade executa o coração, ou entendeo que a poderia atalhar atisfizando sempre aquem ama. Não pode ser, que considerandose arriscado a padecella, senão deluiafle de a padecer, escuzandose entrar no golfo aonde esta borralca se leuanta.

O que de penas padeço

Ausente de vòs meus olhos

Em estes mares da ausencia,

Da saudade neste golfo.

O que de ventos contrasto?

Que terriueis ondas rompo

Em cada memoria vossa

Hum baxo fatal encontro.

Encontrados mares surca

Este batelzinho roto

A vista lembranças vistas

Na verdade altiuos mortos.

He meu coração hum Mapa

Aonde em sitio tam pouco

A alma vos ve no Oriente,

Os olhos no ocase postos.

A hum mesmo tempo me acho

O mais ufano, & saudoso,

Saudoso, que vos não vejo,
Vfano que vos adoro:

No pensamento tam vistos
A todas horas vos logro.

Que me abraçais sempre, quando
A vista ausente vos choro.

Se no coração estais
Atiçando sempre o fogo,
Como sempre estais ausentes
Para regalar os olhos?

Se para auivar as chamas
Sempre vos vejo fermosos,
Para diuertir saudades,
Nunca vistos vos encontro?

Quando na vossa belleza
Me estou abrazando todo,
Iã que sinto as chamas, nam
Terei de veruos o gosto?

Com tantas adoraçoens
Meus olhos nam vos soborno?
A fé nam merece acharuos
Hum dia se quer piadosos?

Se sois os Soes que idolatro,
Dizeime, dizeime como
Hum, & outro anno se passa

110 *Cristaes da alma*

Sem que illustreis este Polo?

Os continuos sacrificios

De hum coraçam amoroso,

Na fé sempre estam presentes,

E nunca vistos no logro?

Com tam fina idolatria

O bem de veruos nam compro?

Amão por ventura mais

Os que sam mais venturosos?

Quando na amante fadiga

Com que luto a fé remonto

Sobre todos os amantes,

Nam hei de ser tam ditoso?

Se rendido a huma idea

Me traz huma idea louco,

Se não mereço lograla

Como fugirlhe não posso?

Se eu às vossas bellas luzes

Huma alma rendido postro

Dizei como as vossas sombras

Tam rigorosas encontro?

Se o coraçam nesta ausencia

Vos sacrificio extremo,

Como à golpes da saudade

O quereis levar por roubo?

*Se me nam quereis pagar
Finezas que por vós obro
Negai-me embora o carinho,
Mas porque applicais o fogo?
Guardai para a vossa vista
Todos os raios meus olhos,
Nam me abraceis nas distancias,
Quando eu vos vir vebrai todos.
Mas ay meus olhos em quanto
A vossa vista nam gofo,
Hei de viuer sem aliuio
Em muitas magoas enuolto.*

Sem d'uidia (amada prenda) o Amor julgou delito o amarus, & castigou por temeridade a adoração. Não dà meritos a fé, quando a mesma fé he culpa. Se o querer he delito, a constancia que vem a ler huma obstinação no querer, como pode dar merecimentos? Se os actos são culpa, como pôde ser merito o habito que procede de esses actos? Não he possiuel que huma tenieridade homizie, & muitas liurem. A

continuacão dos agrauos, a obstina-
 ção dos arrojos fazem maior a of-
 fensa, porque explicação o animo,
 não tem aquella desculpa do desa-
 tento, da inconsideração, que se tal-
 uão no tino do melhor acordo, &
 nos protestos do arrependimêto; lo-
 go se o amar foi culpa, a fineza no a-
 mar he maior offensa; sem duuida q̃
 o Amor entende que he delito a mi-
 nha adoração; pois me condenou ao
 remo da laudade. Assi o Sol fogindo
 castiga o detuaecimento da enamo-
 rada Clicie. Assi a vella castiga nas
 chamas a fineza da estremecida
 Borboleta. Eu cuidaua que sendo o
 Amor hum acto da vontade, hum
 sacrificio da alma, hum incendio do
 coração, agrado dos olhos, satisfação
 dos sentidos, sendo hum rendimen-
 to das potencias, entendi, que não
 era offensa. Persuadime a que sendo
 o Amor hum aplauso das prendas,
 hum tributo à belleza, hum teste-
 munho da mayoria, não seria cul-
 pa

pa o amar; mas enganeime, pois o Amor tam rigorosamente o castiga. Porèm isto teria fazer ao Amor ty-ranno; não se offende dos sacrificios meramente sacrificios, que a pequenhes das victimas não desacata os Idolos; antes ouue Legislador, que mandou, que aos Deoses não se offerecessem offertas grandes, na fé de que o affecto, & não a grandeza da offrenda tinha a valia: Não foi delicto o amar, porèm nam quiz o Amor, que não merecendo eu ver a vossa beleza lograsse esta ventura.

*Viuo de amarte tam desuaecido,
Que a nam serem as ancias de saudoso,
Ouuera de viuer escrupuloso
De nam ter esta gloria merecido.*

*No realce maior de extremecido
Nos mais finos excessos de amoroso
Nos requintes mais claros de extremo
Nam cabe a gloria de te hauer querido.
Vendo o Amor que em nada merecia*

Ser

Ser victima feliz de huma Deidade

Me roubou de te ver a vfanis.

Fez me justiça pera que a vontade

Merecesse querer o que queria

Me condenou a esta saudade.

Não lhe posso replicar com a terribilidade do tormento; porque como a gloria he excessiuamente grãde com igual excessõ ha de ser o custo que ha de merecer tamanha vfanis. Sendo tão grosso o beneficio; nam deue ser a pensam pequena. Como este gosto se veste de muitas circunstancias para ser o mayor, tambem este tormento da saudade se acompanha de varias penas para ser mais custolo; si, que parecendo a saudade huma só magoa he vniam de muitas, & todas as mais crecidas.

A saudade quanto a mim

He da alma huma impaciencia,

Hum desatino dos olhos,

Do coraçam fina seta.

Este tropel de pezares
 He huma terrivel lepra,
 Que a estaes sempre coçando,
 E o coçalla a acrecenta,
 He huma sede da vista,
 Que os sentidos inquieta,
 E até que se satisfaça
 Continuamente atormenta.

Esta queimaçam de sangue
 He huma nova Noroega
 Que continuam as noites
 Os mezés, & annos de ausencia.

Esta peste dos sentidos
 He laberinto de Creta,
 Que tendo as entradas liures,
 Prende todo o que nelle entra.

He a morte mais cruel,
 Pois com terrivel violencia
 A ametade de huma alma
 Diuide da outra meya.

He, se bem o considero
 Dos sentidos huma teima,
 Que em quanto nam vence o pleito
 Os gritos nunca socega.

Nacardina he da memoria

Que tomando sempre lembra

O que se adora, com que

Nam he possivel que esqueça.

He huma coca do Amor

Que os amantes embebeda,

Nam tornando em seu acordo

Em quanto dura a ausencia.

He huma masmorra triste

Aonde em escuras treuoas

Viue o amante nam vendo

De quem ama as luzes bellas:

He huma peste do gosto,

Ella he huma bandeira,

Que faz fugir os aliuios,

E nenhum ao perto chega:

Huma medicina errada;

He, que se applica a doença;

Quer diuertirse em memorias,

E fazem com que o mal creça.

He hum barco destroncado

Em que hum amante nauega.

Que cada onda o assusta,

Cada vento o poem na areia.

Iulga o amor graue culpa

A saudade que he sentença,

Que confiscando os bens todos
Da propria patria desterra.

He purgatorio do Amor
A saudade, porque nella
Entre volumes de chamas
Se purifica a fineza,

Eu lbe chamo chuminè
Do Amor; porque manifesta
O fogo do coraçam
Em o fumo da tristeza.

He hum pulso da vontade
Que descobre a febre intensa
A pezar dos dissimulos
Que a querem ter encuberta.

He huma mina do Amor
Que no coração rebenta
E enche hum alma que adora
De estragos, & de violencias.

Mas ay, que desluz o nescio
Os tormentos de hum ausencia
A saudade he nam ver
O que se ama, olhai que pena?

Neste golfo de pezarès
Que o meu coraçam nauega,
Viuo meu bem, como quem

Nam ve a tua belleza.

Todos os mais achaques respirão, se não melhorão nas medicinas, que se lhe applicão, só a saudade sabidamente pejora nos remedios; porque as memorias em que procura diuertirse a acrecentão. Ha quem toma nacardina para ficar com mais viua memoria, he porque se não experimentam os effeitos de hũa saudade bem sentida, que tanto desperta a memoria, que meudamente está decorando aquellas minimas circunstancias ainda em que a presença não fez reparos. He hũa Hydra Nermea, que em hum só corpo incluye muitas cabeças, & o golpe que quer troncar huma, faz que resultem outras; porque o empenho de diuertir o cuidado, faz que a lembrança acuda com tantas circunstancias de magoas na perda, que mais se lembra quãdo mais procura esquecerse. Eu cuido q̃ a saudade afflige medrosa,

drofa, & que a sua teima he cobar-
dia, que se nam diuerte, não de fina,
se nam do medo que tem de que se
faiba o seu diuertimento, & lho cas-
tiguem,

*Tam viua estás na idea retratada,
Viues no pensamento tam presente,
Que quando vou a me chorar ausente
A queixa da rez.ão fica embargada.*

*Aqui te ves do rogo importunada,
Aqui, que ao teu decoro reuerente
Impulsos vence o gosto, ou os desmente
Que sempre vista estás, sempre adorada.*

*Se puderas de mim ser offendida
Bem poderias logo castigarme
Sendo a culpa de ti logo sabida.*

*Cõ a mesma atêçam sempre has de a-
Porq̃ fio de ti, que agradecida, (charme,
A fé que apuras, bajas de pagarme.*

*Enganase todo o aulente, cuida
que tem grande aliuiio na memoria,
& a experimenta o mais cruel algoz.
Eu a considero huma estatua de
Nabu.*

Nabuco, a cabeça de ouro, os peitos de prata, as entranhas de bronze, de ferro as pernas, & os pès de barro. Em huma ausencia começa a memoria na cabeça de ouro de huma vfanias no emprego, definha na prata da lembrança dos fauores com a liga da recordação de perdidos, baixa ao bronze de hum tenaz de uelo, de ce ao ferro do grilhão que o prende, & remata se no barro fragil da consideraçam de ver quebradas todas as glorias; desuaecidas as vfanias todas, & de toda esta maquina não fica mais que a memoria dos estragos, & o monte de ancias que formou a pedra da saudade, a cujo golpe se desuaeceram todas as ideas que fabricou a fantezia, com que a memoria de hũ ausente aponta em aliuios, & defarma em magoas. As respiraçoens de hum ausente, são isca para mayores sentimentos.

*Nas ancias de huma saudade,
Me abraço no que respiro,*

Que

Que he hum Etna o coração,
E sam chamadas os suspiros.

Em o papel das ideas
A mayor magoa fabrico,
Que mais me doe o que perco
Quanto mais o imagino.

Se vou a buscar delicias
Entam me dobro os martyrios,
Porque me ferem de setas
O que recordo de alivios.

Quando contemplo os teus olhos
Nortes do meu gosto fixos
Nam me diuertem bizarros,
Porque me matam nam vistos. —

Se os pezares na belleza
Das tuas prendas diuirto,
Sam teus todos os realces,
E sam meus os desatinos.

Se reconto os gostos, que
Foram todo o meu feitiço,
A lembrança de logrados
Crece o pezar de perdidos.

Se assaltam o pensamento
Memorias do teu carinho
Vejo o que perco na ausencia,

E entam muito mais a sinto.

Quando espero que estes gostos
Me sejam restituídos

Auiua o meu sentimento

Ver quanto ao longe os diuiso.

Quando nas tuas bellezas

Lisongeo os meus sentidos,

Quanto mais sei o que perco,

Tanto mais magoado fico.

Se na idea do pensamento

Outra fermosura pinto,

Elle vaise a verdadeira

Sem reparar na que finjo.

Se ao empenho de hum negocio

Do que contemplo o desuio,

O que desuio intentei

Vem a ser mayor atilho.

Se o procuro diuertir

Em hum discurso preciso

Fogeme do que discorro,

Vaise aonde o sacrificio,

Se o aperto porque esteja

Hum instante só comigo,

Diz que foge dos pezares,

E quer buscar os aliuios.

Todas as traças que inuento
 Pera poder diuertillo,
 Sam exames em que apuro
 Quanto he na verdade fino.

Diz se o quero gouernar
 Que já perdi o dominio,
 Se o fiz escravo de huns olhos,
 Que he de quem o fiz catiuo.

Nas ancias de o diuertir
 As constancias lbe examino,
 E vendo que me nam segue,
 Eu sou aquelle que o figo.

Bem vejo que mais me empenho
 Registrando os meus feitiços,
 Mas se elles sam tam bizarros,
 Como haõ de ser esquecidos?

Entra o pensamento afouto
 Em tam bello laberinto;
 Porèm nam pode sair,
 E quem ha de darlhe o fio?

As tuas bellezas, si,
 As escuras as deuiso,
 Mas entre sombras tam bellas,
 He ganho o andar perdido.

Assi nas tuas ausencias

*Adorada prenda viuo**Dando huma alma às tuas sombras**Constante, & extremecido.*

Se hum ausente pudera liurar-se das baterias da sua memoria, escusar-lheia da continuacão das magoas, mas tambem deixaria de amar; porque a memoria he o pulso da vòtade. Cuida hum amante quando te ausenta, que leua grandes aliuio na memoria, mas ella trocando os antidotos em peçonha, buscada para recreo enche a alma de estragos, sendo cada lembrança huma seta q̃ fere o coração. Roim cozinheiro he a memoria. Os bons cozinheiros de ingredientes muito grosseiros fazem pratos muito gostosos; porèm a memoria de bellezas, de fauores, de carinhos, & de logros faz huma iguaria, que se não pode tragar. Todos os outros sentimentos tem possiuel o aliuio, porèm a faudade tem-no impossivel. Dos mais accidentes
pode

pode liurar-se a memoria de os sentir algum espaço; difficultoso he o diuertirse do que magoa, mas he possivel; porèm nas ancias de huma saudade he impossivel o aliuio; porque a memoria nam se pòde diuertir. Nas outras penas como a memoria estâ liure, posto que lastimada, pòde diuertirse do que a molesta no que a deleita, mas como na saudade a memoria he a mais ferida, não pòde diuertirse das suas mesmas penas; como a magoa estâ no proprio sitio aonde hauia de buscar o deleite, he impossivel o diuertimento, porque estâ o achaque na mesma medicina. Daqui vem que a saudade he o tormento mais excessiuo, porque se alimenta dos remedios, & crece com applicaçam das medicinas.

*Cuido que he hum bichinho a saudade
Que roe o coraçam tam lentamente,
Que dissimula o venenoso dente
Nos amantes carinhos da vontade.*

Com deleite a memoria persuade
 Com reclamo de aliuios, falsamente
 Disfarça no que se ama o que se sente
 Mentira o gosto, & o sentir verdade.

De falso o pensamento introduzido
 Cuida que vem a recrear memorias;
 E na luta mayor se ve metido.

Ancias encõtra o q̃ esperou vanglorias
 Mais triste quando mais fauorecido
 Fabrica as magoas das mayores glorias.

A faudade he huma parlezia, que toma todas as potencias, & todos os sentidos. O entendimento todo se ocupa em conhecer quanto valia o gosto que lograua; a memoria só se empenha nas lembranças do que perdeu, & a vontade toda se desue-la em amar a quem a catiuou. Pois os sentidos visto se està que estam impedidos para tudo o que não he sentir a faudade. Os olhos não vendo o que amão, acham que nada vem; q̃ he a faudade hũa cegueira interior a olhos claros, nada vê porque
 nam

nam vê o que deseja. Quanto o ouvir como he assento da fé, a que guarda aquem ama, o enfurdece ao que ouue. Como os amantes tem particular idioma, os mais como fallão em lingua estranha não os entendem. O gosto desbotado na ausencia está entorpecido, perdido o olfato, porque só preza a fragrancia da voz, & da belleza que ama, Está também torpe o tacto achando que nam toca o que nam ama, que sendo este o mais grosseiro dos sentidos, ainda na ausencia acredita as bizarras, com que hum ausente está impossibilitado para tudo o que nam he sentir a sua saudade. Nos mais amantes o empenho que os obriga a ausentarse he tyrania da desgraça, em mim foi justiça do Amor. He tyrania violentar hum coração, idolatra tirando das aras aonde sacrificamos todos seus affectos; mas o apartarme a mim da gloria, q̄ não merecia lograr foi justiça, & não rigor.

Quem diuisando hum cristal em
 em huma roza de preciosos diamantes,
 não manda tirar aquelle cristal
 como indigno de estar em tam bi-
 zarra joya, entre tam brilhantes res-
 plandores? Como a indigno me ti-
 rou o Amor a gloria de beber em
 teus olhos as amorosas luzes, que
 nam merecia lograr; ou os teus o-
 lhos offendidos de tam humildes,
 posto que finos sacrificios me fogi-
 ram.

Ab que de El Rey quem me acode?

Quem me liura deste aperto?

Que huns olhos que me roubaram

A alma, já nam os vejo.

Fugiram como ladroens,

Mas foi soberba, & nam medo

Desistimando os despojos

O que foi roubo, he desprezo.

Sabendo, que honram olhando

O mesmo, que matam vendo,

Como eram fauor as chamas

Retiraram os incendios.

Vendo, que era a suas luzes

Tam

Tam humilde rendimento
 Hum vapor, que as desluzia
 Se desfuiáram seueros.

Conhecendo a pouca preza
 Que roubáram desatentos
 Emendaram desdenhosos
 O que erraram de traueffos.

Indignados de que os meus
 Fizessem tam alto emprego,
 Castigaram retirados
 As ouzadias de vellos.

Vendo, que arrojando rayos
 Acendiam os desejos,
 Creram, que cessando a causa
 Cessariam os effeitos.

Vendo a ambiçã com que
 As chamas se arroja o peito,
 Escacearam as luzes,
 Por nam honrar nos reflexos.

Vendo que a primeira vista
 Arrebatou meus affectos.
 Viram, que deuiam ser
 Esquiuios; porque eram bellos.

Rebentando de bizarros
 Viram, que era desacerto

Ser alambre de huma palha,
Pedras de seuar de huma ferro.

Como a cada rayo seu
Mil almas se estam deuendo
Quando lbe deuinho mais,
Nam quizeram cobrar menos.

Retirarãose os meus olhos,
Porque eu fique no desuello
De os nam ver, as cfanias
De os ter visto mereccado.

Ficou a alma às escuras
Com os sentidos suspensos
Occupado o exercicio
Sòmente no sentimento.

Indigno era de tal gloria
Mas eu já agora a mereço,
Nam na fé com que os adoro,
Si na dor de que os nam vejo.

Peillas medidas do gosto
Se corta agora o tormento;
Cabalmente aquella gloria
Neste pezar recompensô.

Porque vos nam merecia
A gloria de vos ver perco,
Mas agora na saudade

Jà estou merecendo o veruos.

Esse velocino de ouro

Jà o posso lograr Tezeo,

Pois com o Dragão da ausencia

Ha tanto, que já pelejo.

Viuo sem vos ver meus olhos

Na fé que de veruos tenho,

Entam pagareis à vista

Os meus amantes desuelos.

Cobrarei nas vossas luzes

A paga de meus extremos

Sendo a vossa bizarria

Gloria, setas, fogo, & premio.

Se a esperança não comunicára a-
lentos a hum ausente, não fora pos-
sível poder rechazar os golpes da sa-
udade. Verdade he que se fazem es-
crupulosas as suas listonjas; porque
mentem os prazos, mas com tanta
destreza enganam, que os mesmos
amantes aquem burlou com a
promessa, se tornam a fiar della; por-
que quando hum termo se desuae-
ce, o outro aponta, a corrupçam de
hum

huma he geraçam de outra, com que nunca se perdem aquelles doces afagos, que quando hum acaba de delenganar, entra outro a entreter, & como o deixar-se enganar rende tantos defafogos à pena da faudade, a discursos fechados se bebem os enganos. Eu entendo, que a esperança he aquella aruore que vio Eneas no inferno com os ramos de ouro, que hum arrancado logo resultaua outro. No inferno da ausencia, a esperança sómente presenta os ramos de ouro, & quando huma se tronca, a outra nace. Enganos sam os lences da esperança; porem niffo melhor se examina qual he o rigor de huma faudade, que os enganos da fantezia vem a ser os vnicos aliuios da ausencia. Nam cabe na esfera do valor resistir o golpe de magoas tam executiuas.

*Quem se não rēde ao golpe da faudade,
Mais se mostra insensiuel, que valente,
Que*

Que quem luta com ella nam a sente
 Por mais que o sentimento persuade.

Ella he dalma desfeita tempestade.

Que o minimo reparo não consente,
 Lima do coraçam com tenaz dente
 Mais o magoa, quanto he mais verdade.

Ao Buitre à roda, ao penedo esquiuo
 Geroglifico antigo de hum tormento
 Excede a pena em que ausente viuo.

Fome, & sede de Tantaló era vento;
 Via o cristal, & o pomo fugitiuo,
 Mas eu sem ver, de magoas me alimento.

Finezas mal aualiadas.

ARbitrio injusto de hũa crueldade
 Indigno proceder de hũa belleza
 Iulgar q̃ desmentindo hũa fineza
 Pode desobrigarse hũa vontade.

Fatal decreto de hũa variedade
 Que a mais fiel adoraçam despreza
 Condenar por descuido hũa fineza

Aualiar mentira huma verdade.

Desarrezuada ley da tyrannia

Desconhecer a fé crer hum engano

Vendo os rayos do Sol negar o dia.

Mas ay que intenta este desdê tyranno?

Descre o amor, & faz da fé porfia

Por ver se cede a fé ao desengano.

AY minhas adoraçoẽs, tanto tẽdes de verdadeiras, quanto de minhas, mas perde a sua valia a vossa verdade pella circũstancia de q̃ sois minhas, & quiçã que o lereis. Verdadeiras, & o ser minhas sejam duas cõstelaçoens, que vnindose fatalizem vossa desgraça. Eu nam estranho q̃ hũa vôtade violentada na prizão da cortezia deseje passarse à ley do seu gosto; só me queixo de que à custa de minha fineza solecite a sua liberdade. Nunca eu fui tam presumido, que esperasse duração em venturas, que por minhas, & por nam mercedas se conhecião mal seguras, que me nam acomodasse facilmen-

mente a perdellas; mas hauia de ser a titulo de que nam as merecia, & nam que as desconhecia; porque isto he offender a minha estimação, & o merecimento de quem adoro, & aquillo confirmão minhas confissoens, & aplaude as prendas de quem amo. Que nam seja eu digno de lograr fauores tam soberanos, eu sou o primeiro que o publico, mas que eu nam faça delles a mayor estimaçam, he huma falsidade que deimente tantas vfanias dalma. Nunca eu entendi amantes adoraçoens que vòs ereis pagas, mas cuidauaos cridas, & agora vejo que nem pagas, nem cridas sois. Quem pertende confiado no que merece, ainda que lhe defacreditem a fé com que ama, acalhe a esperança affiançada ao conhecimento de suas prendas; mas quem ama sem merecímétos q̄ alentem, & só em suas adoraçoens liura o seu despacho, quem lhe defabona as finezas, lhe defar-

ma

ma as esperanças todas.

Perluadir hũa couza a quem a não crè porque a duuida he facil, a quem a nam crè, porque lhe nam està bem, he impossivel. A rezam com que se proua hũa verdade, desfaz a duuida que della hauia. Quem não cria porque duuidaua, desfeita a duuida crè, porque já nam duuida; mas quem não crè, porque lhe não està bem o crer, ainda que a rezam lhe desmanche a duuida, nam lhe desfarma a conueniencia, & assi como tirada a duuida ainda a conueniencia fica donde nacia o duuidar, nunca, se persuade, porque se nam quer persuadir. Nam crè (ò meu desuelo) as minhas adoraçoens, nam porque as duuide, se nam porque lhe nam està bem o darlhe credito, & ainda que as rezoens, que lhe dou em abono da minha verdade lhe desfaçam as duuidas, como lhe nam satisfazem as tuas conueniencias não se dà por assegurada.

Con-

Conquistar huma vontade liure, nam he difficultoso, huma empenhada he impossivel, o estar sem amar he huma ociosidade do entendimento, hum desabrimento da vontade, hum desagrado dos olhos, huma rebeldia do coraçam, & huma liberdade izenta, ordinariamente se inclina a quem a ama, que o agradecimento abre portas ao Amor, & o mayor arbitrio para ser amado (disse-o Seneca) que era amar, mas pretender huma vontade preza tem mais difficultades, pois he desobrigala de huma parte, & obrigala a outra; este sam dous empenhos, aquelle hum. Eu prezumi que aspirava a obrigar huma vontade izenta, & que a mais fina adoraçam suprisse a falta de minhas prendas, mas ay que em bem custotas experiencias achei que me auia empenhado na conquista de hum coraçam rendido, húa vôtade obrigada, hũ entendimento afeiçoado, & húa memoria empe-

empenhada; mas chegaram estas noticias quando nam bastou o desengano; antes impediram o empenho, depois nam bastaram para o retiro: o Amor em seus principios he minino, qualquer ruido o faz fogir, mas quando o trato o faz gigante, nada o vence. O Amor em os primeiros lances he hum aggrado dos sentidos, huma inclinacãm da vontade, & huma desposiçãõ para o empenho da alma. Aos principios o Amor se dispoem, depois abraza, & assim a noticia que bastara antes de empenhado para não solicitar o emprego, nam bastou depois para me retirar d'elle, que essa differença vai de huma vontade inclinada a hum empenho declarado. Bem pud era eu entendelo logo, mas elle nam he facil a 151. sentir o entendimento ao que a vontade lhe desuia. A poucos discurtus pudera eu penetrar os segredos que depois alcancei; mas como a vontade hia
tam

tam interessada em o não alcançar sobornado della o entendimento nam o cria, porque lhe nam estaua bem o entendello, que com difficuldade abraça o entendimento o que a vontade lhe nam propoem; então nam o entendia, mas já agora nam he possiuel que o deixe de entender, pois vejo que continuam as desconfianças como se a experiencia de minha fineza não desarreloara todas. Aquelles conselhos de que a minha adoração era desenfado, nam era dictame da alma, se nam lisonja que embugaua o ciume na atença do credito, & hoje que vejo repetidas estas mesmas rezoens, final he de que se profegue a bataria, & quando minhas adoraçoens desmentem o menor escrupulo em minha verdade, não ha capa que occulte a tenção com q̃ se continua o desacreditar a minha fé. Que a outrem se cream palauras, & a mim se descream lagrimas? si, q̃ o affecto tudo cre, o desgra-

grado

grado de tudo duuida. Cremse palauras muito sem noticias, em minha offensa; & sendo as lagrimas rezoens da alma, da verdade de minhas lagrimas se duuida. He que se veste o affecto das conueniencias; crer as palauras, desobriga de hum empenho violentado, & por isso se crem. Nam crer as lagrimas, liura do empenho de as pagar, & por isso se nam crem.

*Lagrimas julgaõuos falsas,
 Pedacos dalma destilla
 O coraçam pellos olhos;
 Mas que importa, nam sois cridas.*

*Sangue sois do coraçam,
 Do sentimento sangria,
 Iuramento dalma sois;
 Mas ay, julgaõuos fingidas.*

*Do mais intimo do peito
 Aos olhos vos enuia
 A minha magoa; mas ay,
 Querem que sejais mentiras.*

*Da mais acendrada fe
 Sois moedas sem ter liga,*

E sendo metal tam puro
Nam correis, diz nam sois finas.

Sois i nterprete do affecto,
Sois do sentimento cifra,
Geroglyphico da dor,
Mas ay faltauos a dita.

O fumo descobre o fogo,
O pranto assi mexerica
Ao Amor, do Amor sois fumo,
E no ar desuaecidas.

Sois suor dalma abrazada
Do fogo do amor faiscas,
Do coraçam testemunhas;
Mas ay, cuidaõuos mentira.

Nam vos arroja lisonja
O affecto dalma vos dita;
Não vos violenta o engano,
O amor sò vos regista.

A boca pode adular
Falsa, ou encarecida,
Mas lagrimas nam enganam,
Que os olhos sam dalma lingua.

Hum coração magoado
Em as lagrimas respira;
Sois aliuio derramadas;

Mas

Mas sois martyrio não cridas,

Nunca de vós me vali,

Antes eu vos desmentira,

Se nam fostes allegadas,

Para que fostes fingidas?

O que faz moeda falsa

De chumbo, ou cobre a fabrica,

Com ouro ninguem engana,

Com lagrimas, he mentira.

Lagrimas sam ouro dalma,

O coração he a mina,

Os rayos do amor o geram,

O ouro não se esperdiça.

Mas ay o juizo se turba,

He que a dor o desatina,

Cridas sois, não desmaeis,

Cridas sois lagrimas minhas.

Por rezão de estado só

Vossa fé desacredita

Quem cuida que não vos crendo

Da paga se desobriga.

Mas ay minha adoração

Crede vós que vos dedica

Essas lagrimas huma alma,

E nam sejam respondidas.

Nam

*Não logre eu vossos favores,
Mas ay meu bem não se diga
De mim, que amo com li sonjas
De vòs que nam sois querida.*

Quem crer estas amorosas correntes do coração, empenhase em as enxugar com seus cristaes. Quem confessar que naceem estas fontes da fineza, & não da lisonja, sabidamente ha de acharse obrigada a acalantala com o favor em cujo alcance se derramão; logo nam crer minhas lagrimas, he conhecido ardid para negar favores. Bem sei que instancias mais venturosas, importunaçoens melhor ouuidas fechâram sempre a porta ao meu despacho; mas ay para impossibilitar favores, escuzaõse instancias; pois os allegura negados huma assistencia cortez, que nunca passou a ser amorosa, & hum gosto diuertido q̄ nunca se deixou sobornar da adoraçam.

Bem sei eu que nam querem que
eu

eu vos ame com extremos, porque o conhecimento da minha vontade lhe não roube algum agradecimento, pellos vizos que tem de amor; mas ay não o estranho, que se eu me vira senhor de tam preciosa prenda, com ninguem consentira as repartiçoens certo he (ò defuelo da alma) que se tu ouviras estas minhas queixas, te offenderas da clareza dellas; porque como teu respeito as embargava, cuidauas que nam as tinha. Tyrana ley de huma temrezam não querer que se sintão; nem que se entendam os golpes que se executam no mais sensiuvel do coração! Rigor grande impedir q̄ respire pella boca em queixa o que martyrio afflige a alma? mas ay entendo que te offendem estas queixas, & as articulo? ou mente meu amor, ou me desatina a minha magoa. Nem em estes longes quero obrar couta de que te agraues; perca eu os aliuios, & nam te molestem meus queixumes, que
nas

nas maiores distancias me ha de achar mais atento teu gosto para lhe diuertir pezares, do que a minha magoa para lhe buscar respiraçoens.

Quem pudera (amada prenda) nam lembrarse do que tu nam queres que eu entenda! sentira eu meus pezares sem culpar tuas femrezens; mas como destas nace aquelles, vam enuoltas em minhas magoas as tuas tyrantias. Culpa a memoria, & nam a vontade, ou nem a memoria culpes; porque o pulso do Amor aonde se toma conhecimeto à intenção da sua febre, he a memoria, & mal pòde esta ser fraca sendo medida de hum amor tam ardente. Só eu posso queixarme de minhas memorias, pois assistindome como minhas, me maltrataram como estranhas, embargandome os discursos para tudo o que nam he batalhar com tristes ancias.

Deixai-me tristes memorias,
Que eu nam sei que possa ser
Amizade o assistirme
Com rigores, com desdens.

Deixai-me memorias digo,
Que serà termo cruel,
Que com capa de piedade
Me aflijais, me magoeis.

Deixai-me, que nos descuidos
Serà possiuel viucr,
E nam se vòs me apertais
Com desuellos o cordel.

Porque me estais recordando
O que eu nam posso esquecer?
Vos com capa de carinho
Brindes me fazeis com fel.

A Anteaõ se os mesmos eães
Despedaçarão crueis,
Vos blazonando piedades
Obrais o proprio tambem.

Deixai-me que he tyrannia
Contra toda humana ley,
Que estando tam afligido
Novas afflicçoens me deis.

Eu bem sei que o desafecto

Sò os des primores creè;
 Bem sei que não ama muito
 Quem ama sò de cortéz.

Bem sei memorias que busca
 Descuiipas de não querer
 Quem de querer se arrepende,
 Todos os segredos sei.

Mas em repetilo tudo
 Dizeime vòs que fazeis?
 Para o remedio que importas
 O desengano nam o he.

Representaime huma dita
 O rustico proceder!
 Nam vos esquecer dos males,
 Nam vos lembrares dos bens!

Permeti que hum breue instante
 Algum aliuio me de
 Hum fauor, que no perdido
 Já o seu desconto tem.

Entam depois apert aime,
 Que estarme sempre infieis
 Executando, he tratar
 De acabarme de huma vez.

Em hum discurso respire
 Breue espasso pera que

Tome alento no piadoso

Para passar o cruel.

Mas ay memorias que digo

Nam, ay, nam vos ausenteis,

Por que nos vossos martyrios

Se requinta a minha fé.

A vida irá venturosa

Sacrificio a hum desdem

Sois de quem adoro? pois

Metame, & nam me deixeis.

Direis (amada occasião de minhas penas) que he em mim melindre a queixa de vossas desconfianças, & sam mui differentes os termos de humas, & outras, em mim justifica as desconfianças o conhecimento de vossas prendas, & pouco que eu mereço, & estes mesmos conhecimentos defarrezão a vossa, eu delconfio, porque vòs me não quereis assegurado, & vòs desconfiaes da minha fé, porque nam quereis asseguraruos della. Eu tenho por ley o vòsso gosto, & vòs tendes por gosto a
minha

minha mortificação ; duas vezes perdi a mayor dita por nam delgoftaruos, & vòs em satisfaçam desta fineza, nenhuma òuue de mortificar-me que nam lograsseis. Eu protesto que se alguma acçã minha vos desconfia, a primeira noticia vossa a emendarà, & quando eu desconfio de que negueis despacho a minhas petiçoens, acalantais a minha queixa com enfados, com carancas. Eu assegurovos obrando o que vòs me ordenais, & assi nam deueis desconfiar; vòs desconfiaisme mais quando eu desconfio, & assim nam posso deixar de desconfiar; façamos hum concerto, que està posto na melhor rezam. Quando eu deixar de obrar o que for gosto voffo, desconfiai de meu amor, & quando vòs obrardes ajustada ao meu amor, eu viuirei confiado na vossa fé. De forte q̄ em quãto eu tiuer por Norte de minhas acçoens a vossa vontade, não duuideis de minhas

finezas, & em quanto vos desuiardes do meu gosto, viua eu desconfiado.

Aos principios de hum empenho nega fauores o recato, por não se presumir que a facilidade, & não afecçam os concede. He prudencia em quanto o conhecimento se não assegura da fé, & do segredo; mas passados annos de idolatrias, examinada a fineza sem escrupulos na pessoa, só o desaffecto nega os fauores, que o brio permite que se concedão. Eu não vos amo pellos fauores, amo os fauores por vossos, & quanto mais distantes, mais os merece a minha fé.

A pedra de seuar quanto mais apartada do Norte, o busca mais atenta. Assi o meu amor quando mais apartada da vossa vista, com mayor ancia a solecita. Mas ay em vão me queixo de minhas desconfianças, & de vossas semrezoens, pois não quereis satisfazer meus queixumes,

mes, nem asseguraruos de vossas
desconfianças, & assim se conclue
com evidencia, que he voslo gosto
duuidares da minha fé, & que eu
desconfie do amor que vòs me en-
careceis, & o vosso desdem des-
mente.

*Idolo da alma que constante adoro
Por quem fino padeço, & triste choro,
Eleuagam amada dos sentidos
No teu desdem ainda bem perdidos
Feitiço da vontade,
Adorada prizam da liberdade
De mim, ay Deos, te julgas o offendida?
Serà se cres offensa o ser querida,
E se amarte he delicto
Do ceo de Amor me dou já por preuito,
Que nunca em meu amante pensamento
Se haõ de ver sombras de arrependimẽto,
Se duuidas de minha fé constante,
Abreme o peito neste mesmo instante,
Abreme o peito esquiva,
E dentro delle te acharàs taõ viua,
Que fiques por ti mesma assegurada*

Da verdade com que hes idolatrada.
 Se não vè o que pode assegurararte
 De como seí amarte,
 O que queres ordena,
 E quando eu repare em risco, ou pena
 Quando não atropelle de huma sorte
 Os perigos da morte
 O gosto, a cortezia
 Da fé com que te adoro desconfia.

Sendo tam vistas as finezas, nam
 he possiuel que o desacreditar a ver-
 dade dellas seja escrupulo da duui-
 da; tabidamente he arbitrio da con-
 ueniencia; quem mostrar que crê
 os extremos com que he querida o-
 brigasse ao premio delles; mas quem
 quer negar fauores teruese da duui-
 da que finge para negar a paga do q̄
 deue. Chegando a declarar hum af-
 fecto, ou se finta, ou só se finja; to-
 das as palauras sam hūas; porque
 ninguem com ellas desacredita o q̄
 com ellas encarece. Nam se cifra
 a verdade no dizer, as acçoens
 desco-

descobrem a verdade, ou o fingimento. Extremos que nam passam da lingua, he que o coraçam os ignora. Que importa (feitico de meus sentidos) que me encareças finezas, se o negar desafogos a minhas ancias as desmente.

Mente quem diz que extremosa
A fé de hum amante paga,
Se toda a satisfaçam
Cifra sòmente em palauras.

Mente quem se nam lastima
Das mesmas penas que causa;
De todo ignora o que custam
Quem nam remedeia as magoas.

Quem deixa arder hum amante
Em as mais actiuas chamas,
Mente se diz que lhe quer,
E os incendios nam apaga.

Quem por seguir os dictames
Do capricho, ao Amor falta
Blazona de caprichosa,
Mas de amante nam se jacta.

Quem rocha aos viuos combates
Do rogo, os rogos rechaça

Desmente no que resiste

O que encareceo que amava.

Para quem nam ama o rogo

He bataria sem balla,

Amando he peça de Diu,

Que todo o capricho arraza.

Tem a vitoria infaluel

Quem nam ama nas batallas,

Aizençam lhe assegura

O triunfo das instancias.

Nega quem quer de verdade

Os fauores a quem ama,

Nam por negar; mas espera

Desculpas de importunada.

Quem querendo bem resiste

Deixou vencerce das ancias,

A liberdade he teimosa,

A vontade logo cança.

Quem quando resiste fecho

Toda a porta as esperanças,

As presunçoens de que quer,

He certo que desengana.

Nam diga que ama quem nega

As respiraçoens a huma alma,

Que na belleza se acende,

E no desuio se abraza

Nam encareça o que quer

A que regatea auara

Alentos a hum amante

Que de saudades estala.

Nam ama nam quem à vista

Do fogo, no fogo lança

O alcatram que o acende,

Nam a agoa que o apaga.

A que no jogo do amor

os rogos de falso balda

Perde creditos de amante,

Abonos de liure ganba.

Quem só por brio resiste,

Deixa vencerse da instancia

O que negou caprichosa,

O concede lastimada.

A vontade que do amante

O rogo importuno assalta,

Liure resiste os combates,

Amante nelles desmaya,

Se a vontade o que lhe pedem

Deseja, logo o abraça,

Contra o proprio gosto nunca

Se vio temosa, e regada.

Nam quer quem no nam querer
 Dura com porfia tanta,
 Que por seguir hum capricho
 Deixa sem premio as constancias.

Mas ay que ditirio he este?

Como o juizo se cança

Neciamente em apurar

A minha mayor desgraça?

Como com tantos discursos

Me afadigo em que se saiba

Que quem mereço tam fina

He comigo tam ingrata.

Duuidar a tyrania

Muito melhor nam me estaua?

A caso dà mayor pena

Temida que aueriguada.

Mas conste esta sentenzam,

E veja se que realça

Finezas a minha fé

Nos exames de mal paga.

Tu melma delarrezoas as tuas
 desconfianças, pois nos desuios fazes
 que luza mais a minha fineza, quan-
 to mais elquiua me trataas, mais

extremoso me examinas, que a tua
esquiuança apura a minha fé, logo
na desconfiança te fizeras mais con-
fiada se nam fora em ti capricho o
nam crer por nam pagar. Desluz
embora a tua lemrezam as minhas
finezas, que tu mesma fazes com os
desdens que ellas mais luzam, pois
consta que tam mal respondido te
amo com tam fino extremecimen-
to. Quem segue hum empenho le-
uado da esperança, quem o continua
entertido das lisonjas, quem o pro-
segue enriquecido dos fauores não
apura os extremos nos que obra,
porque a esperança de lograr pica a
que se mereça no que se finge. As
lisonjas que se crem verdades, pa-
gaõse como verdades, & quem he
extremoso viuendo fauorecido, po-
de se entender que atende a sua con-
ueniencia, mais que aos realces da
sua fé; mas quem como eu ama
desenganado, mais acredita a sua
constância, pois nem as esperanças,
nem

nem as lifonjas, nem os fauores o picam, ou o empenham, se nam que os dictames dalma, as verdades do coraçam o estimulam. Logo quando mais duuidas da minha fé, melhor asleguras os creditos della.

*Quem do mayor fauor desesperado
Firme no mesmo extremo permanece
Padroens na eternidade estabellece
De fino, de constante, & de extremado.*

*Quem ama de esperanças enganado,
Da fineza os caprichos enuilece,
Aquelle sò os timbres da fé crece
Que ama sê premio, & quer de senganado
Ser firme quem se vê fauorecido
Quem espera de spacho ser constante,
He ser atento, nam extremecido.*

*Quem aos golpes do desdem diamante
Nos de senganos brilha mais luzido
Esse requinta os creditos de amante.*

*Saudades de Aonio.**Primeiro suspiro.*

Y minhas saudades, nam pareceis minhas no rigor com que me tratais. Eu deuos toda a alma, & vòs tomais por entretenimêto o martyrizalla. Eu pretendo com vosco aliuir meus males, & vòs só em mos multiplicar parece que vos diuertis. Em a tempestade desta ausencia, eu abraçome com vosco, como com a vnica taboa que me ficou na tormenta, & vòs me conduzis a mayores naufragios. Ruina he o que espero reparo; mas ay abonado està o que vos amo, q se eu vos não quizefa tanto bem, nunca yòs me tratareis.

tanto

tanto mal; seja saudades, seja, que se o reconhecimento faz mais agradável o beneficio, a ingratitude o mostra mais heroico, & eu mais prezoteruos devedoras, do que acharvos gratas, conheçam todos que vos mereço lastimas, posto que vejam que só colho tyrantias. Si, que he estylo do mundo ser mais ingrato o mais devedor. O receos tyranos de meu gosto, para que me estais repetindo o ecco que me ameaça semelhante desgraça, quando no mesmo articular da queixa de farrezoo o temor, pois disse que era estylo do mundo, & nam do Ceo, & huma deidade nam legue as semrezoens da terra, quando os caprichos de sua soberania seguiram a melhor correspondencia. Nam tem hoje que fazer comigo de confianças de huma fé, de mayos de hum receo, & temores de huma mudança, que me quero todo entregue à doce tyraniã de minhas saudades. Nem de viuos sinto, nê

cho-

choro rigores, sò saudades me lasti-
mão, só ausências me magoão, &
pellas sentir melhor, tudo o mais
deixo de sentir. Isto tem de Aguia
a minha pena, que todas as outras
gasta. Ay cruel ausencia, não esta-
ua ausente! quem vos chamou pai-
xaõ, pois não vos sente quem
proua! que vos sente, que em se-
melhantes magoas sentimento que
naõ pasma os sentidos, tem mais
de exagerado, que de actiuo. Hu-
ma dor excessiuamente grande, naõ
fò izenta de outras, mas ainda dõ
sentimento de si mesma.

*Tyrannas saudades
Nam digo que vos sinto,
Porque o mesmo sentir
Leuastes nos sentidos.*

*Deixastes-me (que pena)
Sem huma açã de viuo,
Destes o golpe nalma
Tudo leuou consigo.*

Se sentir he viuer



Ay (saudades) minto
 Se neste apartamento
 Me descreuer sentido.

Insensiuél sem alma,
 Sem vida morto fico
 Impossiuél à pena
 Nam achado do aliuio.

Mas ay, & se estou morto
 Como o que falo digo?
 O he alma o tormento,
 E do que morro uiuo.

O desmayo me alenta,
 Com o susto me animo,
 Que alimentar pezares
 He sò do amor capricho.

Se he certo que do amor
 He medida o martyrio,
 Nam seja breue, nam
 A de amor tam crecido.

Dilate se o tormento
 Porque se apure o fino,
 Meça se pella pena
 Amor tam infinito.

Ay saudades da alma
 Sabei que nam consinto,

Que nem por morto escape
A tam fatal perigo.

Ay saudades, ay
Que golpe tam actiuo
Despois de morto (ay si)
Ainda hei de sentillo.

Nam dis contradicam
Estar morto, sentindo
Esteja ao gosto morto,
Mas fique à pena viuo.

Nam saudades nam
Em quem naceo tam fino
Morrer por nam sentir
Parecer à delicto.

Se com a alma está
Este amor tam unido
Tambem se identifique
Com a alma o martyrio.

Prenda na alma o pezar,
Nam prenda nos sentidos,
E sejam como a alma
Eternos meus suspiros.

Saudades sintamos.
Sejam meus olhos rios
Pois he meu peito hum Etna

Desafogue em gemidos.

Repita o ecco queixas

Quando queixas repito,

Veja-se o que padeço,

E saiba-se o que sinto.

Ay de mim rompendo vem a Alua os negros embugos da noute, sem que possa defatar os da minha tristeza. Iã vem aclarando o Sol o Ceo; mas ay a mim só o inferno me mostra, pois sem esperanças de melhor fortuna, nem hum rasgo de luz vejo.

De aljofar matiza o prado em aluicaras do Sol que vem rayando, eu de lagrimas este sitio, sem poder deuisar os rayos do Sol que adoro. Vanaõse as flores, as aues a saudam, & a mim me martyriza feu aluorço; noua circumstancia de magoa ver tudo alegre estando eu tão triste. Que perguiçoso que fae o Sol.

Mas ay, que apareça me admira, não estranho que tarde. Estaua em os braços de Thetis, donde o tiram

violencias de sua obrigação. O leys tyranas, que obrigaes a que se deixe o que se idolatra, por acodir ao que se deue nem o Sol se izentou do vosso rigor! O flamante Topasio do Ceo, nacei nacei vfano, aparecei bizarro, que vos não ha de durar a louçania mais que aquillo que tardais em ver outros Soes mais luzidos; correrà meu bem neuadas cortinas a mayores luzes, & á tua vista ficareis treuoas, entam vereis eclipses vossas prefunçoens, desmayos vossas bizarrias. Ostentai a dourada madeixa de vossos rayos, assoalhai a brilhante pompa de vossas luzes, que eu mais acreditado me confidero entre as lagrimas que derramo, os suspiros que repito, as magoas em que viuo; pois vòs na gala desluzis a fé, & eu no sentimento acredito o amor. Vòs mostraiuos galante quando vos autentais, & eu ausente, todo sou penas. Fazei cristalino espelho de vossa bizarría, este campo
de

de neve, essa derretida prata, & quando vos vires com mais alinho, mais desairoso achareis vosso amor. Diuertido pezar! ò mal sentida ausencia: Consultar o enfeite da gala, quando a alma està tão descomposta! O quando ha saudades que picam, nam ha espelho que diuirta! Mas ay ditoso vòs cuja ausencia se termina a breues horas, quiçà fazeis do mar espelho, & vos reuedes nelle, porque suas agoas hão de ter o tumulto de vossa gala. Caminhais contente; porque caminhais a fazer breue a auiência. O se as saudades vos picão, que poucas horas terà de luz o mundo! Ay de mim, que nem minha ausencia promete fim, nem minhas saudades me permitem aliuiio.

Nam sei quando se ha de acabar meu deíterro, nem està na minha mam abreuiar o prazo. Ide, ò brilhante alma do dia, ide vffano; pois na pressa consiste o remedio da vossa

fa

sa ausencia, & cu q̄ nem na esperan-
ça o mereço, fique triste. Estes gi-
gantes de escuma q̄ se presentam na
campanha do mar; essas lanças de
cristal crespo, remedam a borrasca q̄
em meu peito leuam minhas fa-
udades. Aquellas ondas encapella-
das q̄ no meyo do mar se enfure-
cem roncam, porque não chegam
à amada praya, mas ay, já entre as
arcas quebrarão a furia. Ditozas
vòs que à vista do logro desfazeis a
queixa; ay de mim, que as ondas de
minhas faudades, como nam pòdem
chegar à praya não se quebrão, que-
bram meu coração aonde leuan-
tam riguroso temporal. Dessa bran-
ca escuma dizem que procedeo Ve-
nus. Bem pudereis vòs agora, ò
claras agoas, representarme outra
Deota de amor mais bella! ò destas
lagrimas, que na realidade são cha-
mas, bem pudera nacer minha ama-
da prenda; si, que no incendio em q̄
morre húa Fenix de amor, bem pu-
dera

dera renacer a Fenix da fermosura.

Aquelle vulto que no meyo do mar a vezes parece, a vezes brama, quiçà que seja algum Delfim amante, ou algum Tritam ciofo. Ay entre as agoas vos obriga amor a tanto! Hum mar nam basta para aplacar tanto ardor? que ferà em meu peito, aonde as chamas humas a outras se encontram, tudo brazas, tudo incendios, quanto fallo, quanto respiro; si, que as respiraçoens dos Ethnas, & dos Vezuuios, não he ar, mas chamas. Que picado està o mar! Taful parece perdidofo; tambem mostra querer conjurar-se contra o Ceo, montes de escuma enlaça para dar a bateria.

Em vam, o mar, em vam aspiras a subir ao Ceo, he mayor a distancia do que a força; està impossivel o vosso valor; podeis cançaruos; porém nam podereis chegar. Ay de mim, que imitando porfia tam indiscreta, em vam procuro chegar ao

Ceo

Ceo quando me foge. Hum monte subo em outro monte para vencer a distancia com a industria; mas ay, minha desgraça he o rayo que termina locura tam inconsiderada. Ay Aues, nessas agoas tendes vosso intertenimento, eu só me entretenho em lagrimas que choro; si, que considerar a causa dellas troca o pezar em aliuio.

Aquella volante Torre, aquelle Abestruz de pinho, aquella Ilha errante a quem as ondas já consultam para Norte, já despacham para Concha, ò que arriscada voa. Assi foi meu amor correndo ao precipicio sempre vento em popa aos rilcos. O que começa a encontrála o vento, ò que os mares a combatem! Assi foi a Nao deste empenho, a penas em o mar largo desatou as vellas, quando hum Tyrano Boreas intentou que desse à costa, quando logo as ondas de mil perseguicoens se puzeram a encontrarlhe o disignio.

O que alentada rompes effes grilhoens que o mar te lança. Affi meu amor rompeo bizarro ondas de inconuenientes. Melhor fuceffo te prepare a forte, ò que empenhada vens para o porto, como dizendo, ou entrar, ou perderme. Affi o proteffão minhas laudades, que ou hei de entrar vitoriofo, ou me hei de perder fentido. O escapa, escapa à tempeffade tam desfeita.

Que empenhadas eftam as ondas em contrastar tua jornada? Tam vi-finha ao porto encontras o perigo. Affi eu quando cuidaua que hauia já liurado das perseguiçoens, as encon-trei mayores? O liura, liura de ta-manho risco. Ià liurafte; ditofa tu, que despois da carranca de huma tormenta, achas os afagos de hum porto aonde defcaanças. Ay de mim, que lutando com as ondas de minhas faudades, na tormenta defta ausen-cia escapo de huma onda por lutar com outra, liuro de Scyla para dar
 O H em

em Caribdes. Hercules he meu destino, a accção que termina hum risco os multiplica; quando cuido que venci hum perigo, os acho mayores. Outro Sifiso fou com o pezo de minhas laudades: quero vencer a aspe-
raza desta ausencia, mas he inaces-
sivel o penhasco, & o descango im-
possivel.

O como rompe aquella seta breue

O mar aonde seu valor escreue!

Ou Neptuno a respeita,

Ou para a praya por castigo a deita

O como de nodada

Em as azas fiada

Sem temer as carrancas do mar voa

Gentil valor? Pois nunca a sorte he boa.

Como as ondas desfata!

O como quebra esses grilhoens de prata

Com que Neptuno já cuida que aprende,

E se a não prende, a não cuidallo aprende

He pequeno o batel fortes os mares

(Tudo a mim me retrata em meus peza-

O vence, vence opposição tão braua (res)

Nacida quando o risco se acabaua.
 Rompe, rompe esse azul impedimento,
 Pois já se muda o vento
 E pella popa já te fauorece
 O como se parece
 Com esta tua dita a minha sorte
 Cujor rigor ha de amainar na morte,
 Mas ay que digo, nam te desuaeças,
 Que quiçã que comigo te pareças
 Rompeose a vella, ò que fatal perigo.
 Ay, ay batel amigo
 De ti me compadeço,
 Porque padeces, ay, o que eu padeço
 Quando as vellas inchadas
 Das esperanças, si, mais bem fundadas
 O mar de amar, surcaua denodado
 Romperãose, eu fiquei desesperado.
 Como está outra vez embravecido.
 O mar. He que te vê já desualido,
 O como o vento crece,
 Tudo contra hum caído se embravece,
 Aos barcos visinhos pede ajuda,
 Porẽ quẽ ha de hauer q̃ a hũ triste acuda?
 Já esse vento te conduz à praya,
 Que te está dando vaya;

Pois quando inçhado pello mar corrias
 Semelhante successo nam temias.
 Mas ay ditoso tu ainda o digo,
 Pois foste venturoso no perigo
 Vinbas à praya, & posto que em pedaços
 A praya dèste os ultimos abraços
 Ay de mim que sem ver aquem adoro
 Suspiro, morro, estalo, sinto, & choro,
 Ay quanto encontro, & vejo
 Tudo melhor o passa, tudo enuejo,
 Porque padeço em minhas saudades
 Mayor susto mais, fortes tempestades.

Segundo suspiro.

AY mudemos de sitio saudades,
 pois não podemos mudar de
 sentimento, não por diuertir a pena,
 que quem cuida que pode diuertir
 seu pensamento bem alcança a pou-
 ca fineza d'elle.

Não pòde diuertirse meu cuidado
 do que contempla; porque ama fir-
 me. Não pòdem meus olhos alegrar-

te no que vem; porque nada achão que vem, não vendo o que amão, mas queixale a praya de que sempre minhas lagrimas a tenham em enchente, & costumada à das agoas estranha a do fogo. Pratiquemos hum pouco com as flores deste jardim, com as plantas deste bosque, quicã que tambem entre ellas ache quem simbolize minhas magoas, encontre quem minhas faudades enuejem. Ay como estais vfanas flores com os rayos do Sol que vos alentão. Que vistolas despregais ao vêto as folhas. Assi eu em mais ditoso tempo vfanos na vista do Sol mais bizarro animava as esperanças mais floridas que conheceo amante; hoje murchas, & eu ausente, todo sou sentimentos, todo penas, tem que estas me sirvam de voar aonde està meu bem; penas só para mortes, não para voos. Ay brancas açucenas, erradamente me apergoam a guerra vossas folhas; de paz ereis simbolo, & agora

o sois de minha morte. Parece que tomais a mão às flores para representarme huma cristalina, huma animada açucena, hũa mão em quem a natureza deitou tanto o resto, que deu muito que enuejar às perfeições. Mas ay femrezam he de minha forte, que quando os outros amantes se entretem com o retrato de suas prendas, a mim me martyrize o que aos demais aliuia; mas ay discretas faudades minhas, bem fazeis em não vos diuertir com o proprio aliuio que entretem aos outros; porque como a causa he diferente de todas, rezam he que tambem os effeitos sejam diferentes. Circunstancia seja de noua magoa a occasiam do aliuio; quando os outros se diuertem, me entresticei vòs mais que os mesmos motiuos de se aliuiaar, deue fazer meu amor rezoens para intristecerse. Não haja instante que se veja diuertido, quem sempre deue estar ma-

goado , que implicação contradicção olhos diuertidos, & coração faudofo,

Aquella roza aquem agora o vento laciadamente brando derribou algumas folhas, me representa as que em o campo de neue da minha amada prenda desfolhou a natureza. Aquelle crauo me está pedindo que o ache retrato de seus beijos , porém não he tão vulgar a perfeição delles.

O memorias de huma ventura, q̃ magoais passada, deuendo diuertirme na lembrança de possuida. Ay isso remeda aquella Aranha, que da mesma flor que a Abelha fabrica o mel, tira a peçonha , assi minha memoria da flor de huma dita constroe a peçonha que me mata. Ay glorias de amor, apenas vistas quando já perdidas , Efimeras breues que aos termos de hum dia se limita vossa pompa! O tyrana ausencia, ò cruéis faudades, pois tudo me rouba-

stes,

ftes, despojame tambem destas memorias! O percaas , percaas quem tudo tem perdido, & he nouo modo de tyrannia leuar o que me animaua; & deixarme fõmente o que me mata. O vòs candidos jafmins, tempo fei eu, que dandome hũs o idolo de meu cuidado ao tomallos naõ o fabia distinguir dos dedos. Ay, & como ficais vfanos com este gauo, pois abatei os brios que foi enagenação de meu amor, & não embarço de vofsa femelhança. Aquelles junqui-
lhos, vi eu ontem os mais viftosos, & agora quebrados , & abatidos ao chaõ, dizem quam facilmente quebra huma dita, fe acaba huma prosperidade; pois iſſo he murcharſe huma flor , quiçà me eſtejão agora dando liçoens de cordura, ou vayas de ſentido; pois ontem vfanos, hoje derribados, tam pera viftosos ontem, hoje tam desprezados , ontem a prefunção do bolque, hoje a laſtima delle, parece que me eſtam

dizendo: Que estranhas necio amante, murcharse huma flor, troncar-se huma dita; este he o estylo das felicidades do mundo acharem quando se cuida que começam, se lhe esperaste mais duracão, engano foi de teu discurto, não rigor da sorte. A todos dà exemplo esta Republica de flores, auisos damos do pouco que duram os bens; lede vòs o que nòs escreuemos. Aos eclipses de hum Sol, aos desmayos de hũa flor, acenda o mundo a luz da rezão, & acharà desenganos. Ay alemos frondosos, com quanta mais rezão que quando Hercules entrou no inferno coroado dellas, deuem agora vossas folhas tornar-se todas escuras, como defumadas, offendidas dos incendios de minha respiracão. Na diuersidade dellas, noto varias circunstanCIAS de minha sorte, que se vòs simbolizais o tẽpo, essas folhas por hũa parte brancas, & por outra negras minhas glorias dizem, explicam mi-
-15 211 -15
nhas

nhas penas. As brancas dizem que já tiue dias venturosos; as negras dizem q̄ tudo hoje he triste noute para mim; si que ausentes do Sol tambem vòs ò flores viueis sem alegria que sempre faz estes effeitos a ausencia em quem sabe amar, posto q̄ não possa sentir.

Ao vento que vos combate, vos humilhais; ò juncos a quem rega esta fita de prata com que se enfeita o prado, & quando furioso arranca as arvores que mais se animam a resistir-lhe, a vòs nam fazem mais dano que dobraruos. Poderà o vento de huma, & outra perseguição combater-me embrauecido, porèm não ha de derribarme vitorioso, quiçà vendendo a logeição com que me humilho às penas, mude para outra parte a bateria. Mas ay que he isto ò flores? Mas ay que foi isto ò plantas. De verme triste vos entristeceis, como he possiuel que encontre o aliuio de huma lastima, quem ha tanto
que

que luta só com tyrantias. Mas ay não he compaixão de minhas magoas, sentimento he de vossas perdas. Pozse o Sol, & já começais a sentir ausencias suas; agora que o Sol se deixava ver, se escondeo. Ditas do mundo que se mostram para vos empenhar, & logo fogem para martyrizaruos! Que he isto, ò branca açucena, já encolheis a gala? que he isto ò purpurea roza, murchais a bizarria? Quêde vossa alegria ò prado? cristaes, aonde está vossò rizo? Tudo trocou em apparencias tristes a ameaça não mais de huma ausencia. Ay de mim triste, o Sol ainda agora se aparta, a dezhoras de ausencia se terminão vossas magoas, porém minhas saudades mayores rigores dizem. Naceo hum dia o Sol, pozse outro, nacerão muitos, todos se puzerão sem eu ver a cara ao dia, sempre em treuoas meu pensamento. Passa huma, & outra semana, acaba hum mez, & passase outro, & eu sem
ver

ver o Sol que adoro. Deixai para mim, ò flores o sentimento, pois toda a perda he minha, antes a consideração de minha fortuna deue aliviar os desmayos de vossa ausencia, pois à medida da minha pudera dilatarse a eternidades, & vòs, ò musicas Aues, suspendei a suavidade de vossò canto. Se sois musicos da capella do Sol, como quando elle se retira, vòs cantais? O nam vos veja alegres quem vos acha ausentes, que he affectar tyrannias cantardes vòs ao mesmo som q̄ eu choro; mas ay quereis duplicarme as magoas vendo que tudo se diuerte, & tó eu nam posso diuertirme.

*E vòs minha flor canora
Como com tal melodia
Vendo que se ausenta o dia
Cantais quando o prado chora.*

*Suspendei a vòz sonora
O musico Rouxinol
Esperai que naça o Sol
Vede tudo tam trocado.*

Como est à triste este prado
Murcho aquelle girasol.

De meu amor aprendei
A saberes ser amante
Ligoens de fino constante
Rouxinol eu as darei.

A todos ensinarei
Amantes pontualidades
As mais sinceras verdades,
As mais crecidas finezas.
As mais profundas tristezas,
As mais tristes saudades.

Mas ay o voo detende
Não vos arrojais ao risco
Fugi (ay) fugi ao visco
Que nesse ramo vos prende.

Bateis as azas? Pois tende
Paciencia. Que fazeis?
Olhay que mais vos prendeis.
Perdestes a liberdade.
O perdeilhe a saudade
Nunca mais a lograreis.

Mas ay Rouxinol amigo
Quando cativo vos vejo
Ainda assi vos enjejo

E vossa sorte bem digo.

O consolaiuos comigo

Mayores meus males sam;

Que em mais aspera prizam

Nam com cantos me entretenho

Na ausencia a masmorra tenho,

Nas saudades grilham.

Ay huma Ave de Rapina

Esses ares vem ferindo

As garras vem esgremindo

Contra ti (ay que moфина)

A seu bucho te destina

Ià faz rigurosa presa

Em hum tronco ià faz mesa

Ay que jà te despedaça,

De ti se desembaraça?

Que rigor? Ay que asperesa?

Ditoso tu que acabaste

De hum golpe, mas ay de mim

Que nam tendo os golpes fim,

Não ha hum golpe que baste

De huma ferida espiraste,

Eu nam de tantas feridas.

Porque em penas mais crecidas

Padeça por varias sortes

*Em huma uniam de mortes**Muitas mortes diuididas.**Terceiro suspiro.*

AY muito ha que para mim he noute, agora começa ao ler para os outros. Nenhuma estrella aparece em o Ceo, sendo que todas nelle estam. Assi vòs, ò doce suspenção de meus sentidos, em meu coraçam estais, posto que meus olhos vos nam vem. Muito combatem os ventos estes mares; mas he certo que a bataria, se turba as agoas, as leuanta. Assi à tempesta-de de tantas perseguiçoens se perturba meu gosto, com euidencia se vê que sobe de ponto os quilates de meu amor. Ià a noute tira o apara-dor das Estrellas. Que brilhantes que saem: Muitos de vòs, ò flaman-tes Astros, soubestes de amor, experimentastes penas. O lastimemos
agora

agora as que padço. Por menores acçoens a muitos de vòs puzeram em o Ceo, bem merecia meu amor por prodigiolo, & por fino, ter colocado em o Ceo por estrella, & sêpre o fora fixa. O queira a forte que tenham minhas finezas bom lugar em o Ceo da minha Venus entre as estrellas de seus olhos, que se huma estrella benigna he prospera de certa, que seram duas propicias? Que será hum Sol afecto? Que clara aparece a Lua? menor he que cada qual das Estrellas, mas achaa mayor a terra, porque está mais perto, que só pertos amão os homens. Não eu querido emprego da alma, que a mayor distancia nam diminue a estimacão que faço de tuas prendas; he tam certo o conceito que dellas tenho, que nam posso fazer caso das que de mais perto vejo. Propriedade he do Sol acanhar as de mais luzes, mas he quando aparece. Tu todas as luzes eclipsas quando mais

te occultas ou he, que sempre meus olhos te tem presente, ou que basta a memoria de tuas prendas para desluzir o mais. Ay enganada Cintia, sem duuida que vindes tão toucada de estrellas, tam vestida de luzes por cuidar que podereis lograr os braços do vosso Endimiam ditoso. O não, que já a enueja vos impedio os logros, & lhe tirou a vida, Lutos deuem ter de sua morte as luzes de vossa gala; que o melhor affeo de hũa pena, he o defalinho. Mas ay q̃ bem soubestes de sua morte; mas he que o tempo aliuiou a dor. Sò eu sei amar fino, não diuertir pezares. Ay de mim que com os dias crece meu sentimento, & tenho de mais triste o que de mais ausente.

Chea appareceis agora, ò Lua, retrato ao viuo de minha desgraça, que està no mayor auge. Nem seu rigor pòde ser mais, nem mayor a minha magoa. Esse bem tenho entre tantos males, que já estes não podem

dem ser maiores, nem tenho mais q̄
temer; pois não ha mais que sentir,
Húa nuvem agora vos escurece. Af-
si minha ventura quando estaua
mais luzida, veyo a nuvem negra
de húa ausencia, & a escureceo ò que
quieta està a noute; só as vezes os rō-
cos do mar fazem ruidos, em mayor
silencio o passo tão pasmados os sen-
tidos, que só pello rasto de algum
suspiro podem verse em mim vis-
lumbres de viuo. O que encontra-
da està a fortuna com meus peñares.
Quando eu choro minhas saudades,
repicam à festas? Aquella exalação
errada que rompendo os ares parece
vai blafonar à esfera do fogo, de que
tambem a terra fulmina rayos, he
meu pensamento, que ardendo se le-
uanta a contemplarte, amada pren-
da minha. Aquelle que se desfaz em
lagrimas q̄ outra cousa he se não del-
creuer as propriedades de meu amã-
te pensamento, sobe a contemplarte
fino, assiste constante, lembrame

o que perco de glorias nesta aulencia; pica a memoria na vea das faudades, & saem as lagrimas que deramo que sam sangue do coraçam, & como os incendios em que este se abraza o fazem hum Mongibello, sam as lagrimas chamas, & eu em vam te chamo; pois surda a minhas vozes nem com a menor lastima as respondes. Mas ay nam he este o tempo (vnico feitiço de meu amor) para sentir rigores ou chorar deícuidos; só minhas faudades quero sentir que nam basta para desempenho de minha fé não suspender o sentimento, se nam que importa tambem nam variar a causa.

Não quero dar lugar a outra queixa, antes me conuem supor que esta aulencia me impede o mayor logro para que aly esteja mais justificado o rigor de minhas faudades.

Hum ausente esquecido mais deue sentir o esquecimento, do que a

au-

ausência; pois esta lhe nam impede as venturas, aquelle si. Quem viue desconfiado na ausencia, menos ha de sentir as faudades; porque a causa que tem para a desconfiança, ou lhe turta a pena ou lha diuerte. Hum ciolo ausente sente a ausencia nam só por ausencia, se nam tambem por occasião do aggrauo, & em fim hum esquecido, hum desconfiado, & hum ciolo tem no esquecimento, na desconfiança, & no ciume quem lhe diuirta o sentimento, & lhe embarace as faudades; só esse as sente de verdade. Assi eu para que minhas faudades me achem mais desembaraçado para as chorar, nem a temor do esquecimento, nem a impulsos de desconfiança, nem a repiques de ciumes dou lugar; porque me ham mister todo minhas faudades, & não quero que fique diminuto o sentimento que deuo a ellas repartindoo por outros affectos.

Querida eleuação dalma, nada de
quan-

quanto vejo me diuerte, que olhos q̄
podem diuertirse licença trazem do
coração para serem falsos.

Tudo para quanto olho, me re-
presenta nouas magoas. Nada me
desperta memorias de tuas prendas,
porque estão muy alterta sempre de
contemplarte viuo da mesma lem-
brança q̄ me mata, tomo os alentos
que me animão, que não he nouo ar-
did em os achaques da alma fazer da
mesma peçonha triaga.

Quanto este mar discorre, quanto
aquelle bosque encerra, quanto ne-
sta noute passa, tudo em mim he
motiuo de novos sentimentos, já vê-
do tua alegria na bonança à vista de
meus desmayos nesta ausencia, já
vendo suas penas nos infortunios
tam inferiores a meu sentimento
em minhas faudades.

*Vós foreis Astros sendo mais brilhãtes,
Vós serieis a ser multiplicados*

*Alguarismo, & retrato a meus cuidados,
Mas vós sois menos, elles mais flamãtes.*

Pois

Pois menos vejo em vòsquãto em amã-
 Meus firmes pensamētos retratados, (tes
 Nam tendes diſſo indicios abonados
 Pois ausentes estais mais radiantes.

Estam do voffo Sol no mar os rayos
 E vòs lançais a mais luſtroſa tella
 Nam ſam eſſes de fé nobres enſayos.

De mim podeis, ò luzes, aprendel la
 Quãdo entre luſtres vòs, eu em deſmayos
 Vòs na ausencia luſis, eu morro nella.

Quinta eſſencia de amor.

Verdades abonadas no
 ſegredo.

N Aõ deſluz.aes ò não meu pẽſamēto
 Tãto extremo de amor acreditado
 Na mudex de hũ ſilencio exagerado
 Fundar no deſluzido o luzimento.

Aggrava a dor gauar o ſofrimento
 O encarecido offende meu cuidado;

Mais

Mais vos abona o menos abonado

Mais sente quem diz menos sentimento.

Do sentir mais sentido a ley me ordena

Que reconcentre o peito quanto sente

Sem que esta pena a alma fie à pena.

Se na queixa respira a dor vebemente

A mayor magoa a sorte me condena

Que hum breue respirar me não cõsente.

EM mudas adoraçoens, ò bella suspenção de meus sentidos, te diz a alma, quanto o respeito encobre. Em altar occulto, culto te offerecem minhas potencias. Não profana a lingua veneraçoens tão estudadas, nam rompe a pena silencios tão prometidos. Hydropico de martyrios meu peito os retém todos, para que vnidos obrem mais violentos, porque espalhados, não combatam menos efficaces. Ambicioso de tormentos que tem tão bella a causa, nem à lingua, nem à pena fia breues noticias de adoraçoens tamanhas. Não quero que pareça
espe-

esperança de galardão o alardear fin-
nezas.

*Que busca alguna esperança
Lo que sale de silencio.*

Não quero que se cuide vanglo-
ria de meu tormento, habilitar-se de
mayor na desatenção da paga; por-
que me entreguei tão medroso a es-
te desuelo, que

*Padecer dudè temiendo
Si era arrogancia el dolor.*

Batalhem renhidamente porfia-
dos os mais presumidos de extre-
mosos, se pòde amar-se sem esperan-
ça, que eu em amorosas experien-
cias tenho achado que só com o go-
sto deuem os olhos consultar o ren-
dimento. Amim o superior das prê-
das me fogeita não o facil da condi-
çam, ou a possibilidade do logro,
amo o que me parece melhor. a-
mo o que vi mais digno de ser ama-
do.

Esto es amar, y lo demás amase.

Amor que espera lograr, quer por

conueniencia, amante que pretende, mais he para mercador que para amante. Quem se queixa aggraua o sentimento. Tal ves a esperança estimula a vôtade, muitas a pretençaõ, estuda as lisonjas, naõ poucas, he a queixa rezão de estado naõ dictame dalma. Pois amor, naõ esperemos naõ pretendamos, nem nos queixemos. Naõ deslusa a esperança o fino de tanto amar, naõ faça a pretençaõ sospitosa a mayor fineza; naõ desminta a queixa a mayor vfanias, acomodese a alma a querer sem que defares de comuns deslustres descomponhaõ caprichos da mayor bizarria.

Causa peregrina de taõ peregrinos effeitos, empenho foi de minha estrellas o adorante; pois pera que hei de exporme ao dezar de cuidar-se q̄ foi o emprego lisonja da esperança, ou esperança do logro, credito do bõ gosto foi o discreto deste emprego; pois para que ha de arriscarse, a pretençaõ

ção a que te presumão minhas adorações grangearia do apetite, & não eleição da alma? Se te amo só por amar-te, não quero que se imagine q̄ te solicito por te obrigar; se a mayor exageração de minhas palavras ha de fazer sospeitosa a verdade dellas o não as articule meu amor, calado a bone quanto desluzia encarecido só as mentiras buscaõ enfeites que as dissimule; só lisonjas cuidaõ de artificio que as doure. Minhas verdades desdenhaõ toda a composiçãõ lisamente ditas podiam só acreditar meu querer, mas ainda recusa a singella explicaçãõ dellas, porque se não cuide que trato de obrigar com palavras aquem adoro com extremecimentos, o não desluzza pouco dizer tanto sentir, aualiarse a minha fé pello pouco q̄ digo, & não pello muito que amo, & como a eloquencia he taõ inferior ao affecto, ficará este perdendo por mal explicado os credits que

merece por tam fino. Não quero fiar os primores de meu amar da rustiquela de meu dizer, ò que não he a lingua instrumento capaz da mayor fineza dalma. O que huma pena não pòde explicar tantas glorias, nem he bem que pensamentos tam soberanos se exponham a murmu-raçoens cõmuas. Nas estatuas que fazia dos Deoses punha Sileno os nomes no concauo da figura, não na exterioridade dellá, si, que não deuem fiarse tamanhas soberanias de atençoens vulgares. Teu nome doce feitiço de meus pensamentos gra-ua meu amor no intimo dalma com tanto respeito, tanta veneração que se nega ao soborno de o ouuir só por tratar de que se não saiba. A boca o nam articula, os ouuidos o ignoram, embargo a alma estas noticias, só para que quer a gloria de te amar, & de o saber. Nem tu has de fabello ou porque não rinhas a teus olhos o ocio de tam piquena vitoria, ou
por-

porque não te persuadas que esse alardear finezas, será dispor esperanças.

*Quando levar a alma ainda procura
As penas, & o segredo à sepultura.*

Affentem todos que nam pôde ser amor de verdade, o que nam anhelar a sua correspondencia.

Eu nam proponho maximas geraes, affirmo conclusoens particulares, & acho que bem posso ser amante sem desejo de ser amado. Quem fez tamanho emprego já parece que perdoou a gloria de correspondido, ou por nam offender o que adora com a esperança, ou porque os impossiveis se nam desejam, & assi fico deuendo a meu destino, alhanandome as adoraçoens, impossibilitarme as offensas. Quanto mayor he o objecto, mais empenha em ser amado, & quanto mais se desigualala com soberania, mais vai difficultando a esperança. A hum mesmo tempo (vnico emprego dal-

ma) te vi superior a todas as mais belezas. Viue a alma muy vefinha dos olhos. Cuidei que se aflomaua a elles para verte, & foi pera adorarte, fui pera cõsultar o exemplo, & já estaua empenhado, que muito que em materias de querer se adiante a vontade ao entendimento, se antecipem os affectos aos discursos? Não he muito se ponha mais da parte dos olhos, q̃ da esperança. Os interesses consultaõ-se cõ a esperança, as adoraçoens com a vista; fora simonia dar-se o emprego espiritual de hũa alma pello interesse da paga.

Amar só por amar he capricho de meu empenho, he o timbre de minhas adoraçoens. Antes tenho muito que agradecer a meu desuelo, não dar entrada à menor esperança, ou quem adoro não permitilla, pois me fica amor liurando dos piques de hum desejo, do martyrio de hũa repulsa do sentimento de hum desuio, de baldar as petiçoens
de

de hum carinho, pois está meu amor tam soberano por fino, tam divino por independente, que nam o picam deluelos, nam o martyrizam defenganos, nem o sobornão lisonjas.

Amarte por amarte

Adorado feitiço

He da minha alma empenho

De meu amor capricho.

Dizerte sem falarte

A sorte de que viuo

He primor do respeito

He da fineza arbitrio.

Em cobardes mudeses

Mais fino amor te explico

Que amor quanto gigante

Entam he mais minino.

O como falo mudo

Mais digo o que nam digo

Si que amor no cobarde

Se requinta de fino

Nam saibam nam teus olhos

Que huma alma lhe dedico

Que para tantas luzes

He pouco sacrificio.

Medroso do que offereço

Mais do que presumido

Nam o cuido finex a

Ocultoo si delito.

Ay amorosas ancias

Passais a ser prodigio

Mas amor, ou nam be

Ou chega a ser delirio.

Como sera discreto

Amor nam entendido

Mas amor bacharel

Nunca foi amor fino.

Se nam digo o que te amo

Nam dirás nam que o finjo

Que he de falso sospeito

Quanto busca arteficio.

Mais logo quando mudo

Verdades acredito.

Pois calando o que passo

Nam se dirá que minto.

Dizei mudos affectos

Quanto ao silencio liuro

Que sò nam o dizer

O deixa encarecido.

A agoa que cã experimentamos tam peſada, he leue em ſeu centro; o fogo que he tam voraz, & tam inquieto, em ſua eſfera eſtã ſocegado. Centro ſãõ das lagrimas meus olhos, & por iſſo lhe ſãõ leues, eſfera he meu peito do meſmo fogo, & aſſi nelle eſtã tam quieto. Eſta he a cauſa amada prenda porque me nam aſſige o que choro, nem formo queixas do que me abraço.

Quando as lagrimas ſãõ forçadas, foram cuſtoſas, quando as chamas eſtiuerem violentadas viuirãm inquietas, mas como a alma eſtã tanto da parte deſte empenho, abraça as violencias de ſorte que nada fica violento, & aſſi nem me cuſta o diſſimulo, nem o amante me laſtima.

Vfano de tam nobre catiueiro a cadea que deuia prender os pès, a poſho nalma, he adorno o quẽ ſe forjou para grilhoens, habito he de Tutam com que ſe honra o peito, mal logo poſſo dar queixas do que me

acredita, grande sem razão fora que os melmos fauores que recebo os quizesse vender por fineza..

Pouca justiça terá a Borboleta quando queira pôr a acção à luz de hũa vella pedindolhe sua morte, pois ella de si mesma quis buscala, antepondo à vida hum morrer flaman-
te.

Quando a crua Gigante alegar ao Sol, seguir seus rayos embebecida, murcharse triste na ausencia delles, pouca satisfação lhe deve o Planeta Rey, pois seguir suas luzes foi acreditar o bom gosto, demais que assistir ao que se ama he logro, sentir ausencias suas he força, & a dita, & o preciso não sei como possão ser finezas. Quando eu intente (ò grande satisfação das mais elevadas ideas) alegrate que Borboleta de tuas luzes me abraço nellas, diràs que quando hum gulaniho toma por capricho em desprezo da vida honrar-se com morte tão luzida não vem a
fer

fer fineza, que tendo mais dilcurto
figa o mesmo rumo, se quizer enca-
recerte que Clicie de teus olhos figo
teus rayos como primeiro mouel de
todas minhas acçoens, te riràs do
fantastico deste blazonar, pois que-
ro aualiarte por fineza o que obro
por gesto, pois quero venderte por
extremo digno da maior satisfação
o que sem interesse obra hũa flor. Di-
ràs que se te adoro, querer assistirte
sempre he mais comodidade para
meu gosto, que fineza com tua fermo-
sura, quando em tua ausencia me
descreuer sentido, me lastimar ma-
gado, diràs entãõ, amada prenda
minha, que sentir a perda de hũa
ventura he cuidar de minhas conue-
niencias, naõ lisongear tuas pren-
das. Nada te obrigo quando mais te
adoro, pois se ostentar as maiores fi-
nezas na vangloria de seres tu a cau-
sa dellas, colherei mui antecipado
o galardão isso me deueràs, q̃ até deti
mesmo occulto meus extremos, mas
ay,

ay nem isso he diuida em que tu me estejas, nem isso serà fineza que eu por ti obre. Pedir o que se sabe que nam ha de alcançarle, he querer baldar as supplicas he apurar a paciencia, nam lisonjear a esperança, he buscar hum defar, sollicitar hũa pena. Nam vem logo a ser extremo para encarecido deixar de pertender o que sei que não posso conseguir. Nisto obro razoado, não fino, & assi viuo mais descansado.

Como no pido, no espero,

Como no espero, no pido.

Se te explicàra meu rendimento, empenhauame em desculpar o arrojado de tamanha accção, com causa puderas culpar minha temeridade, pois vinha a ser deliçto remontar tanto a vista.

Que son de sagradas luzes

Offensas las atenciones.

Pois melhor arbitrio he negar o empenho por fugir à nota, por escusar a desculpa, amar o melhor, he ter bom

hom gosto, & este mais se acredita quando as prendas que elege tam mais releuantes. Amar não he offensa, jura a alma de superior o sogeito a quem se rende. O reconhecimento da mayoria diz vassallaje, não agrauo; só confessar esse amor, ostentar esse querer, alardear essa fineza, ferà delicto, ferà agrauo, pois não offenda eu dizendo o que adorando aplaudo, obre meu amor as mayores finezas, que só calandose brilharão melhor, fiadas ao silencio que as oculte, entregues ao descuido que dissimule, melhor se grauarão nos bronzes, se estamparã nas memorias, & quando em as demonstraçõens de meu amor aueriguarem finezas tão desimuladas, aplaudirão hum amor tão fino, que chegando a prodigio, se sustenta mudo, & vendose os extremos, se ignora a causa delles. Descontale a gloria de amarte com a pena de offenderte duuida que auerigua a alma que te agraua

o adorarte, pois tanto se empenha em occultar que te adora. Mas ay, eu não te offendo no que idolatro, mais digo; o adorarte não he acção minha, o impulso he de tua fermosura a obediencia he de minha vontade. Pois obedecer teus decretos, como pòde ser culpa quando não seja merito?

Desuaecido o vapor simbolo do mais humilde sobe ao Sol, centro das maiores luzes.

Tente vapor grosseiro, sobes tam altiuo, como se ouueras de encastoarte no Ceo por estrella; se folicitas recer grinaldas ao Sol, borroës são de suas luzes teus aplausos; olha que offendido de tuas temeridades te ha de arrojarexhalação desuaecida, ou desfeito em agoa, lagrimas a q̄ quiçã te destina o arrependimento, mas ay que se estou ouuindo que respondes. Nam culpes, nam que voe remontado; essa que te pareceo temeridade de meu desuaecimento foi
pri-

primor de minha obediencia. Formoume o Sol leuantaraõme seus raios, obedeci suas influencias sem attender a riscos de ruinas proprias. Se foi ruim modo de agradecimento tecer nuuem e que parecia aplauso a culpa, temna o Sol que me arrebatou a buscallo, a desculpa està na obediencia que deuo a suas luzes.

Animado Sol, flamante luz. Vapor he meu pensamento, a tua fermosura deue todo o lustre, se te offende no que se atreue, se te agrava o que sobe, teus raios o atrahem, elle obedecelhe, se achas que he dezar de tuas prendas aplauso taõ humilde, tinha a teus olhos tam abatido emprego, a elles seja a reprehensam pois delles foi a culpa, sofram o defacato, pois eu me acomodo aos incendios, perdoem me os voos, pois eu me abalanço às ruinas, & se meu pensamento he filho de tua fermosura, bem pode elle em fé deste

deste parentesco anhelar a gloria de
fer despojos della, sem que o arrojo
se aualie temeridade. Si que se amor
me desculpa, quem poderà culpar-
me?

Nunca en amores de feto

Lo que es effecto de amor.

Tomou certo cortezam por em-
presa huma Aguia fitando a vista
em o Sol, & dezia a letra que por
gofarem os olhos tamanha vista ar-
desse embora a pena das azas. Seu
foi o capricho, a verdade minha.
Bem sei querido encanto de meus
pensamentos que ha de abrazarme a
pena de meu detuanimento, mas
arda tudo, a troco de que meus o-
lhos logrem o bem de tua vista meu
cuidado a gloria de contemplarte;
mas ay ainda sobe de ponto a fineza
de meu querer, & o abono no que
parece que o desminto; pois nam
solicito tua vista, nem te explico os
effeitos della.

Esta accção tem mais de fina que
me-

menos de interessada, nam se pode chamar fineza a que nam encontra conueniencias proprias; cuidar dellas, nam he acçam para alegada, dezar si para discredito; solicitar tua vista, quando mais te adoro, fora grangear hum agrado aos olhos, huma gloria aos sentidos, & sendo cômodidade, mal podia chamar-se fineza; Nam buscar o que adoro, delectar do que me agrada, essa he a maior fineza, o extremo mais para encarecido, pois encontro todas as conueniencias de meu gosto por abonar os primores de huma alma; mais atendo aos caprichos desta, que ao aluoroço dos sentidos, si que este amor vniose com a alma não se collocou em os olhos, abriram-lhe elles portas ao incendio; mas este como rayo espirital sem fazer calo das partes corporaes, no espirito logrou todo o golpe, nelle executou a fanha toda; mas ay isto soa à queixa, & eu só deuo agradecimentos; pois nas
ruinas

ruinas de huma, lanço os alicerces
pera o credito de minha fama.

*Segunda Troya sois
Amante pensamento.*

*Pois vos honram ruinas
Vos illustram incendios.*

*O mortal de huma pena
Vos sollicita o termo;
Dispensa eternidades
Bem sentido hum tormento.*

*Pouco sabe de amar
Quem recusa os desuelos
Que padecer amando
He da dor refrigerio.*

*Duplicque a sorte estoruos
Que eu agora os nam temo
Para amar naõ os ha
O ser amado he menos.*

*Profiga minha estrella
Influxos tam aduersos
Que nam ha mister dita
Quem tem taes pensamentos.*

*Nam façais do penar
Algum merecimento*

*Porque se a pena he gloria
A mesma pena he premio.*

*Felice (ay amor) si,
No infelice a ser venho;
Pois me prouo mais fino
Quando mais desespero.*

*Nam ser correspondido
Abona meus empregos.
Ser a paga impossivel
Apura meus affectos.*

*Mais te amo pella prenda
Quando nada pretendo
Amo o que tu es
E nam o que eu espero.*

*Per me abonar de jirme
Satisfaçoens desdenho
Quando o querer he mais
Sempre o lograr he menos.*

*Todos os mais amantes
Acreditem requebros
Solicitem carinhos
Que eu só quererte quero.*

*Quem quer mais nada quer; esse
quer mais, que quer menos. Para-
do-*

doxos parecem, & são verdades. Quem quer mais que querer, pretende, nam ama.

Quem não diz o que ama, he certo que não pretende mais do que amar. Pensamentos occultos adoraçoens secretas não podem cuidar se ardis do fingimento, ostentaçoens da pretençaõ, bem se prouão prodigiosos da fé. Mais obriga hum amor que ainda desdenha o obrigar, bem se vé que ama por amar, não pello logro.

Vnico branco de todos meus pensamentos, se algum suspiro rompe meu silencio, não o presumas ancia do que padeco, ou esperança de obrigar-te com o que oculto, he que finto não ter mais que huma alma para ofertarte, he que me magoa não merecer mais para poder blasonar de tamanho pensamento; oculte-te de indigno que ha de eternisar-te de constante. Vfano viuo, quando confidero que viuo teu, nem o calarte; me-

us cuidados vem a ser finesa, arbitrio he de melhor discurso, he força que te julgues offendida vendote adorada de taõ indigno amante, & eu naõ quero arriscarme a que me ordenes que deixe de te amar, porque ainda que conheço que naõ ferà possiuel, tambem alcanço que impossiveis ha de fazer meu amor por te obedecer, & deixar de amarte, ou de obedecer-te, ambas cousas passaõ de custosas a impossiveis, & qualquer dellas feria dezar grande de meu amor esquecendo o que quero, ou naõ obedecendo a quem adoro. Limite-se pois de considerado na esfera do segredo pois se eternisa fino na delatençaõ da paga.

Naõ pode ser cobardia o naõ conquistar, quando he temeridade de hum pensamento, quando mais escala as esferas, & se remonta ao Ceo he culpa.

*El poder por temerario
Desdichas son que no offensas.*

As

As idolatrias de hum pensamento não offendem quando mais se remontaõ; lisonjas que enganão, & ainda verdades que pretendem se- raõ offensas a deidades superiores, mas sacrificios occultos adoraçoẽs secretas, suspiros não declarados, an- cias dissimuladas tributos são, nam aggrauo, prouaõ à soberania que a- doraõ; não se atreuyendo a esperança a apadrinhalos melhor os encarece a veneraçãõ que os recata, se a espe- rança lisonjea, he facil o custoso do mayor desuello, se a pretençaõ men- te logros, são suaues todos os custos; mas amar quem não elpera, querer quem não pretende, grande prodi- gio he de fineza.

Naõ pretender o que se ama, tal vez he o melhor arbitrio de o pretẽ- der, não querendo obrigar para mais obrigar; si, que obrigar desobrigan- do he já treta sabida.

Naõ encarecer as finezas que se obraõ, he muitas vezes o ardid de
as

as exaggerar melhor; se o cuidado está entendido, bem se conhece que o não pretender he traça, o não se abonar estratagemas em pensamentos conhecidos também são conhecidas as finezas penetrada a causa, a ella se atribuem os effeitos todos, & indo conhecidos, vão mais acreditados por não assalhados, mas quem encobre seu pensamento da mesma prenda que adora, que recata seu cuidado do proprio que estima, bem proua o desenterefe, bem se vê que não trata de obrigar.

Nem pareça fineza o deixar de pretender o ser amado, que essa ancia que querem seja inseparavel do amor, a desmente a pretensão. Solicitar carinhos com amorosos rendimentos, he comprar o fauor, não merecello, isso então será agradecimento, não amor. Pagar finezas com finezas por se deuerem, não he pagalla. Nam paga amando quem ama; porque deue amar, si, que o
agra-

agradecimento não he amor, este he hum entrego da alma, 'aquelle he hũa acção de graças.

O amar, he hum querer à pessoa, o agradecer he hum amar o beneficio, ser agradecido he ser honrado, ser amante, he ser fino. Venerar o que se deue, he ser pontual, não amante. Antes amar de agradecido parece que he aborrecer.

Amar por obligacion

Es modo de aborrecer.

Pouco logo faço em não agenciar a gloria de admitido a titulo do agradecimento que se deue a minhas finzas, & quando hũ reconhecimêto agradecido bastára para satisfação de hum amar prodigioso, sendo o amante, ò bella suspensão da alma, diuida em que os corações estão à tua fermosura, como pode ser merito em minha vontade, o que he violencia de tuas prendas, se quizera abonarte meu amor, sendo forçado que

que te obriga? & se não te obrigo,
que me deues?

Amoroso cuidado

Amoroso no extremo que occultado
E occultado (si) com tal extremo
Que do mesmo silencio o ruído temo,
Que só da alma vos fio
E dos mesmos sentidos vos desvio
Com tal veneração, com tanto medo
Que parece descuido, & he segredo
Não vos mostreis queixoso
De que não vos abone de amoroso
Não vos deis por sentido
De que não trate o veruos admittido
Porque eu misterioso no descuido
Assi melhor de vosso abono cuidado
Melhor assi vos explicaes amante
Contentaiuos com timbres de constante
Deixai os de ditoso
Que amar fino não he ser venturoso
Não vos queixeis o não de desuelado
Agradeceime estar bem empregado
Sendo a causa tão bella
Mais val o padecer só por querela

Que gosar a ventura mais subida
 Si que dispensa glorias no querida
 Si que logro ventagens no extremo
 E sem ser admitido sou ditoso
 Já felice me vejo
 Pois o capricho a meu cuidado inuejo
 Pois cuidado segredo não se diga
 Qua quer mais galardão vossa fadiga
 Que tam nobre tormento
 Que he paga do desuello o pensamento
 E vós ò prenda a quem oculto adoro
 Tanto que ainda eu parece que o ignoro
 De idade (si) que tam cortex venero
 Que o respeito se iguala ao que vos quero
 Sempre dalma sereis a mais querida
 De meu toco dizer nunca offendida
 E no peito gravada
 Aueis de ficar nelle eternizada
 E gravada em meu peito
 Vos fará sacrificios meu respeito
 Nas aras da vontade
 Será victima vossa liberdade
 E a vossos pés postrada
 A alma dirá muito, a boca nada.

Magoas de Lisardo, no acha-
que, sangrias, & morte
de Amarilis.

Doente Amarilis? Si.

E Vi o Sol ecclipsado
Vestida de horror a Lua

O Ceo sem a gala sua

O dia triste, & nublado.

Sem flores de luto o prado

As flores, sem bisarria

Os campos sem louçania

Choro das aues o canto.

O riso das fontes pranto

E trocado em noite o dia.

Eu vi Christal desbotado

Jardim com a graça perdida

Eu vi a rosa offendida

Da grosseria do arado.

Eu vi hum jasmin neuado

Perdido o candor lusente

E o Sol sem luz no occidente

Quem isto chegou a ver

Bem pode Amarilis crer

Que podes estar doente.

Que muito que hum accidente esteja em dous sogeitos. Dous lentem hum acheque; porque a dous offendem mas ay mal supponho separado o que por amor està vnido. Ama Lizardo a Amarilis, & assim nella padrece quanto a mal trata. Quem anihila o todo, destroe as partes; quem offende a principal, aggraua a inferior. Se a pedra que golpea os pès da estatua toda a estatua postra, o golpe que se empregou no coração como o deixará em pè. He Amarilis o todo que adoro, hei de seguir seús accidentes; he a parte mais principal, hei de correr a mesma fortuna. He o coração, principio de
mi-

minha vida, se me reparte os alentos, tambem os desmayos. Quem poderá estranharme magoado, estando Amarilis doente? Quê se admirou de ver murcho o Girasol, estando o Sol nublado! Mais justificada está em mim a queixa porque he a alma a parte mais sensitiua, & nella excuta a dor, quantas Amarilis padece em o corpo.

Amarilis doente? sy. He o vnico arbitrio que a fortuna achou pera Lizardo viuer sentido.

Como tantos experimentados encarecem mayor a febre do amor que a do mayor achaque, cuidará alguê que me importará grandes lastimas, se pello rigor desta, conjectura Amarilis o actiuo da outra, mas eu não apeteço os remedios tam custosos; antes quero a Amarilis sem noticias do que me deue, do que com lastimas do q passo em as sombras do q padeço. Si que menos me custará a desatenção a huma fineza que o

martirio de hũa alma. Baldeme extremos Amarilis, com tanto que me forre das penas della o passar mal. No excesslo de meu sentir pode Amarilis tomar o pulso às veras de meu querer, & quando eu suspirava por occasioens em que minha fé luzisse com os extremos mais eroicos, sendo esta a mayor, a sinto porque mais delejo a Amarilis liure do que padece, que certificada do que a amo, não quero apurar meu amor no crisol de suas penas.

Nem nesta occasiaõ acredita lisonjas meu sentimento, sentir penas proprias mais he acção natural do q̃ acção de fino. Morrer nas ansias do que padeço padecendo Amarilis he atençaõ a meu tormento, não lisonja a sua fermosura.

Amarilis sangrada? Si.

Vi nas cristalinas agoas

Fogo neve, sangue leite

Para

Para os olhos que deleite
 Para o coração que magoas?

Eu vi a neve abraçar
 Eu vi o fogo neuar-se
 No cristal, fogo atear-se,
 No fogo o candor brilhar.

Eu pude bruxulear
 Por entre humas enagoas
 A neve acender as fragoas
 O fogo animar a neve
 Se o pé de Amarilis breue
 Vi nas cristalinas agoas.

O pé de leite coalhado
 O Etna representava
 Pois os incendios vibraua
 Em a neve disfarçado
 O Coral vi desatado
 Dando magoas no deleite
 Buscar o mayor enfeite
 Nos laços que ao pé tecia
 E assi na bacia via
 Fogo, neve, sangue, & leite

Eu vi hum jasmim neuado
 Hum atomo de cristal
 Guarnecido de coral

Ou hum rubi engrazado.

Bem he que amor lastimado

A tanto incendio receite

Botam de neuve que estreite

O fogo em que me acendi

Ay como me suspendi

Para os olbos que deleyte?

Eu vi o Sol desmayado

Ecclipsada a fermosura

Desfeita a melhor mistura

Sem rocieler o neuado.

Eu vi hum pé abreuiado

Nas ondas de hūas enagoas

(Mares já de sangue as agoas)

Correr temporal desfeito

Ay que golpe para o peito

Para o coração que magoas.

Ouve quem disse que a alma era o sangue; não foi conclusam de Fyloso, figura foi de Astrologo, pronosticou, que o sangue que hauia de fahir do pè de Amarilis, seria a alma de Lifardo. Ay alpid luzente entre as flores da mayor fermosura execu-

tas os golpes mais tiranos. Es aspid para Amarilis, Basilisco para Litardo a ella offendes com o golpe, amim me magoas com a vista.

Vozes de sangue son, sangre del alma.

E correm amorosamente apressadas para vnirte com teu sangue.

Ay Amarilis o Ceo ensangoentado? permita amor que não seja pronostico de infelicidades grandes, oh que as temo pello que me ameaçaõ; sy que o mayor risco de tua vida, he o ser ella a alma que me alenta, oh se a fortuna o duuidara para que não te perseguira. Perdera eu os creditos de fino, desluziram me opinioens de grosseiro, & tu liuraras de achaques taõ rigurolos.

Amor como consentes, que seja despojos de hum accidente, quem foi triumpho de tantas almas? Como não defendes sua vida de agradecido a quantas vitorias te deraõ seus olhos, quem te ha de presumir, Deos, atropelando a morte quem tu mais

presas, quem ha de temer teu valor vendote quebrada a mais luzente seta? O não seja assi minino Deos, ay tira o embuço, vê o que desatendes, olha para o que perdes, aduerte q̃ de hum só golpe atropella a morte todos teus respeitos, desluz tua opiniaõ quebras o credito, & perdes todo o seguito. Mas ay tu enuejoso das venturas que logro nos fauores de Amarilis quiçã traças sua morte por te escular enuejas. Mas ay Amarilis como podes perigar; a minha alma te faz escolta. Se crescer o mal, ella ha de sabir a receber o golpe: & ficaràs tu livre.

Ve estas ondas de rubi, està liquida purpura; pois não sahio não do pè que magoàraõ, senaõ da alma que me feriraõ; ò si que se offereceo ao pique gostosa por te escusar o delmayo.

Marta Amarilis? como?

Am.a.

Amarilis sem vida?

*Ay Deos! Espirou? si
Tambem o Sol espira.*

*Naufraga (ay dor a alma
De toda a bizarria?*

*Si, que a belleza humana
Dessa sorte periga.*

*Treuoas (ay de mim) veja
A luz mais peregrina?*

*Si, porque a luz terrestre
Qualquer vapor a eclipsa.*

*He sombra de si mesma
Quem foi do mundo dia?*

*Si, que dias humanos
Sempre a noute os termina.*

*Lirio o jasinim mais bello
Murcha a rosa mais viua?*

*Si, que a pompa das flores
Naõ dura mais que hum dia.*

*O cristal terso alquime
Cobre a prata mais fina?*

*Si, porque em fim saõ terra
Metaes que a terra cria.*

*Em lagrimas se trocam
Tantas idolatrias?*

Si, que humanas deidades
Todas se vem mentira.

Em a morte dissona
A maior armonia?

Si, muzicas da terra
Não tem sonancia fixa.

A mayor gala, & graça
Huma tumba as limita?

Si que graças, & gallas
Do mundo sam fingidas.

Ay; morreo, Amarilis?
Morreo desta alma a vida?

Si que para acabar
Basta ser gloria minha

Amarilis he morta?

He certa esta noticia?

Si quando foraõ falsas

Ay Deos minhas desditas.

Morta Amarilis? nam

Não he morta, he mentira

Não morreo, pois não morro

Pois que viuo està viua.

A Mayor belleza estraga a morte,
para que se veja que não guarda res-
peito

peito a fermosura. A mayor calidade aggraua; porque se saiba, que não atende ao sangue. Na primavera de seus annos tronca a flor mais bella; porque ninguem se fie na pouca idade. Não ha prendas releuantes q̄ a morte respeite, antes confidero, que a effas se abalança mais apressada, por se abonar mais poderosa atropellando o mayor.

Quiz a Parca amada Amarilis que fosse excaramento a quantas fosse inueja. Ay de mim por melhor te escolheo a forte, exemplo serás do mal seguro de humanas soberanias, & effa he a mayor magoa.

Que no ay desdicha como ser exemplo.

Morreste fermosa Amarilis, faltou seu eclipse ao Sol, inueja a Venus, seguito a Cupido, luz ao mundo, credits à fermosura, eleuações aos olhos, pasmos aos ouvidos, & glorias a Lisardo, ò sendo taó bella como podias ser mais venturosa.

Cristaes da alma
Que facilmente lo bello
Admite lo desdichado

Morreo contigo meu gosto, minha esperança, & hoje sò a tenho de te acompanhár; Ay, & q̄ pouco pode durar minha vida? Si, q̄ se Amarilis affictida de duas almas, hũa q̄ a anima, outra q̄ a idolatra, não pode resistir hũ achaque, como eu de animado poderei vêcer o golpe de tantos males. Não pareça que estar sem alma, me terá sem sentimento, porque a dor a substitue.

A pena que mata, he compassiua, a que alenta he tanto mais rigurosa, quanto vai de terminar as dores a multiplicallas; se a morte he o maior dos males, tambem he o termo delles, & o mal que se acaba, não he grande; se isto q̄ dura atormenta, vê a morte a ser remedio, não achaque. Pena que se termina em a dor de hũ sò golpe, pouco lastima, a que sem matar affige, mais magoa. A dor q̄ prende na alma, mártiriza, não mata,

a

a que se executa no corpo, acabando acaba, demais que não he para estranhar que viua sem alma, que facilita o prodigio o ser em dano meu.

*Quien viue sin alma
De mitades viue,
Que haze amor milagros
Para perseguirme.*

Ditoso aquelle aquem forueo a primeira onda que o enuestio, desgraçado mil vezes aquelle aquem as ondas de tantas desgraças repetidas, mil vezes vomitaõ em a praya para tornar a foruello tantas. Ay que a fogo lento me abraza amor, mal afiado o instrumento, porque não seja o martirio breue deixarme com vida, he já matarme; si, que o viuer entre tantas magoas, he modo de morrer mais riguroso.

*Que viua puede ser cierto,
Pues hablo, lloro y escriuo;
Pero quien ha visto viuo
Con tantas señas de muerte?*

Naõ te pareça amada Amarilis delar de meu amor sustentar a vida, sabendo tua morte, naõ posso morrer de outra sorte senaõ viuendo. Senti a vida he martyrio, a morte he só o que apeteço, & assi viuer entre tantas magoas he a mayor fineza de meu amor; he querer sustentar os pezares; cobardia fora o fugirlhe sendo tu a causa delles, ou he que a morte naõ me mata vendome já defunto. Naõ o encontra acharme taõ lastimado, que malesteus ainda depois de morto hei de sentillos. Ay unico emprego dalma, mais te matou minha desgraça, que teu achaque. Ay demim, que em tantas perdas, infensuel me ostenta o estar sentido, si, que ainda isso he de viuo, & verse que o estou, estando Amarilis morta he naõ sentir. Infensuel por sentido, ingrato por lastimado, desacredito minhas magoas quando mais as abono: de farrezoa as queixas poder articulallas ainda com estes defalinhos.

nhos. O não, não expliquem minha dor excessos de grande em trocados periodos, informes frases, acuda a melhor rethorica do sentimento: valhame a eloquencia mais aplaudida da dor, acudão os olhos com lagrimas, pois faltão palauras à lingua. O abone o pranto quanto desluz a rudeza de meu dizer. Dê o melhor testemunho a alma do seu sentir.

Que lagrimas bien juradas

Son del alma juramientos.

São as lagrimas rezoens encarecidas da alma, testemunha do fogo do coração, que se liquida em prato. Respire pellos olhos o coração affligido, de uirtate em lagrimas a dor, que reprezada abafa o peito, cõmunique se aos olhos a pena, pera que menos atormente o coração; euapore se a magoa pellas aberturas dos olhos, para que menos violento bata o peito. Ay querida Amarilis, olhos que já te não podem ver; que haõ de ver? sejam rios.

*No tengo ya mas que ver
Sobrame porque cegar,*

Mas ay, se ver o que não for Amarilis ha de ser mágoa, seria conueniencia, & assi vem a ser fineza grãde empregar a vista em os outros objectos, para que na disparidade delles se multipliquem os pezares. Deue minha pena fugir a aliuios, & buscar tormentos. E assi veção meus olhos, para que não vendo a Amarilis, & vendo que não he ella, sejaõ dous os pezares, hum a pena do que não posso ver, outro o enfado do que vejo. O rompão meus olhos em correntes de lagrimas, que no mar de meu pranto sò acharei porto no naufragio. Mas ay que digo, chorar he aliuiõ; lagrimas derramadas saõ penas diuertidas; pois não choremos, não abone meu sentir.

Lagrima antes enxuta que llorada.

Esses incendios reprezados, essas magoas reprimidas rompão o
peito

peito com a bateria de seu rigor; não se enfraqueça a violencia da poluora de tantas desgraças no evaporar da queixa. Calar a dor, tragar os fulpiros, não fiar da boca a menor noticia do que o coração padece, he extremo encarecido de hum amor que sente por sentir, & não por lilongear.

Chorar o que se padece, he mostrar a versão à magoa, quando acomodarle a ella, he reconhecella precisa. Chorar parece que he sentir o tormento, & só deue magoar a occasião delle. Quem chora seus males os aliuia, ò não

Quiero merecer sufriendo,

Y no descançar llorando.

Mas ay acudo por minhas lagrimas, q̃ são a melhor companhia em meus pezares, tão longe estão de aliuia as penas q̃ as a sopraão. He tanto o fogo em que arde meu coração, que os rios de meus olhos são pouco borrifo que acendem mais a fragoa.

fragoa. Não são isto lagrimas não, pedaços si do coração que se quebrou com dor, & saem estas lascas delle pellos alambiques dos olhos destiladas em pranto. Cricias disse, que a alma era agoa, aduertio a que as lagrimas que brotassem meus olhos havião de ser minha mesma alma. O say a já enuolta em meu pranto; morra luzido quem viue taõ lastimado; seja a morte taõ honrada, pois a vida he taõ constante, morra de saudades quem viueo de fino; hõreme a melhor morte, pois perdi a melhor vida, si que

Bel fin fà chi ben amando muore.

Mas ay isto ferà matar de todo Amarelis. Morreo Amarelis em si, cõ ella morreo a parte da alma que lhe assistia, em mim viue ainda a que depositou em meu peito; pois alargue se a vida porque viua ainda a pesar de tanto pezar esta porção de Amarelis que em mim viue: anteponha se a duraçõ desta sua meia vida

ao tormento desta sua meia morte. Delatenda Lisardo a seu morrer por cuidar de hũa parte da vida da sua Amarilis; seja hum martyrio continuado credito de hum amor tão firme. Defunto ao gosto, viuo à pena, entretenho o martyrio de minha saudade para que viua em mim quem morrendo me matou. Para sentir tamanha perda me acharão meus discursos sempre viuo, encontrandome os aliuios morto sempre, só pera sentir com vida.

Porque me fica o sentido

Para sentir o que entendo.

Entre os aluorogos de hũa morte, & os sentimentos de hũa vida, inuejo o que morreo, sinto o que viuo. Aesperança de que haó de achar minhas magoas porto na morte, me dà alento para sustentar a vida, sendo a ancia do remedio todo o estoruo delie. Matame a pena, & dame vida o desejo de perdella, & nesta opposição de causas se embarça o effeito; pois

pois nem o tormento me mata, nem
o defejo me liura.

La muerte no me dexa,

La vida no se acaba,

Que de mitades viuo

Sin la mitad del alma.

Ay doce eleuação de meu penfa-
mento, quantas vezes minha lem-
brança ha de tomar refidência às ho-
ras que em tua companhia me pare-
ceraõ instantes, pera mos descontar
a tormentos.

Quantas leuado de meu amor hei
de principiar o caminho que toma-
ua para diuertir meus pezares, & a-
chando impossivel o aliuio delles, ha
de pagar o coração o que os olhos
perdem? O sintão minha dor, sintão
quantos agora alegres depois se põ-
dem ver tristes. Ninguem se con-
fie no que logra, que ditas de amor,
faõ mal leguras, efimeras breues,
que aos termos de hum dia limitão
sua pompa,

Ay amor, & quem agora ha de
temer

temer tuas iras, quebrada a seta mais executiua? Erão os olhos de Amarilis praça de armas aonde tinhas reduzido todas tuas forças esta entrada pello furor da morte, quem te ha de temer? Mas ay tu sem duuida traçaste sua morte por elcapar a incendios, quiz o Sol for rarse de emulagoens, a Lua de vltrajes, as Estrelas de desmayos.

Morreste fermota Amarilis, morreste, tua morte deuia consultar quem disse que o Ceo era corruptiuel, vio que o era o Ceo animado de teu corpo. Opinião he seguida, que os primeiros passos do Sol a penas criado, forão para o Poente, para seu Occidente caminhou logo em nascendo, não para seu Zenith. Tu Sol bizarro na primeira carreira de teus annos quando começaste a luzir com prendas tão heroicas, logo caminhaſte pera a sepultura. Que hão de cair Estrellas nos diz a mesma

ma

na verdade, que sobe hũa , vemos
nòs agora , quiçã he preuenção do
Ceo, para que não faltem a feu adorno
as que entã cairem. O sinta mi-
nhas magoas o amor que perdeo os
maiores triunfos, o Sol que em os
duplicados de Amarilis podia dele-
gar a comissã de alumiar o mundo,
a Lua que menos dependente do ir-
maõ , esperava de Amarilis alimen-
tos mais flamantes; sintãõ minha
perda as Estrellas que em os olhos
de Amarilis tinhaõ a mayor vingan-
ça de seus aggrauos: pois se a luz do
Sol as retira, tambem o Sol à vista
dos rayos de Amarilis desmayava
feu esplendor. O deixe a Aurora de
sentir a morte do amado filho, chore
a de Amarilis bella, derrame todo o
aljofar, todas suas perolas, seja cho-
rada, com lagrimas mais custosas a
morte mais para sentida. Sintãõ
meu tormento as flores que perde-
raõ a gloria de remedarem as pren-
das de Amarilis; já o crauo não terá

a lisonja de ser hum retrato da boca de Amarilis, as rozas não ouvirão o gauo de parecer que estão em seu rosto na cõfusa mistura dos jaímims. Sinta o prado, pois em seus olhos tomava liçoens de reuerdecer. O sintão, sintão tamanha perda estas flores, pois já não hão de merecer o fauor de seruirem seus cristaes de espelho à fermotura de Amarilis. O como o sentem, turuas correm as que sahiaõ claras. Tornemse endechas tristes as doces cantillenas destas Aues; pois não pòdem já aprender cadencias de tua harmonia, nem hão de ver a belleza que os fazia cõ emulação renhida, competir a que-bros. Ó chorem as fermosuras mais celebradas, pois as destruhio a forte do maior hiperbole, já a lisonja mais encarecida não poderà dizerlhe que são outra Amarilis.

Sintão os amantes de melhor gosto faltarlhe a melhor prenda a que pudessem sacrificar seus affectos. Ay

claro concurso de armonias, senti perder a mayor suauidade vossa. Ay claras, ay cristalinhas agoas, engrossai essas breues sangrias de liquida prata, creça o cabedal, não sejam lisonja à sede, diuertimentos aos olhos, alimento às flores, socorro às plantas, siruam de lagrimas que em turuas correntes expliquem faudades claras. Mas ay ninguem finta a morte de Amarilis seja minha toda a dor, pois o he a mayor perda. Eu sentirei por todos, pois por todos passa minha desdita: ò creça em mim o sentimento, multipliquemte as lagrimas; mas ay

Como puede llorar más

Quien no puede llorar menos.

Não posso sentir mais, porque me nam he possiuel sentir menos, & a pena que nam pôde diminuir, tambem nam pôde crescer. Excede minha dor todos os modos de sentir, nam he possiuel que haja mais penar. Hum só bem tem tantos males,

les, que he forrarme de sentir outros. Nam posso sentir outra perda, nem esta já a posso sentir mais, & le ha mais que padeça.

*No estan los impossibles
Seguros de mis penas.*

O que nam pòde ser a lingua fiel interprete d'os sentimentos da alma. Nenhuma pena pòde explicar tamanha pena; nam ha papel que seja capaz para resistir incendios, & reter mares. Que tinta pòde hauer que dè viua cor a minhas magoas? O desmaye a pena, recuze o papel, tøm ao a tinta, melhor arbitrio he reconcentrar na alma meus sentimentos, escrever no coração perda tam fatal, si que serà

*Carta il cor, pena il duelo inchiostro il
pianto.*

O não desluza hũa pequena queixa tam grande dor, si, que se medirà a pena pella explicaçam, não pello tormento. Querer relatar minhas magoas, parece presunçam

de poder comprehendellas, & fora desmentir o conhecellas infinitas esperar referillas.

Bem sei que desarrefoa meu amor a queixa formandoa

Quexase el amor de vicio

Quando se puede quexar.

Razão fora q̄ liurara minha dor no filécio todo o encarecimêto, por não defacreditar o muito sentir cō o pouco dizer, razão era que sentimentos tanto dalma, só della se fiassem,

Mas quem será razoado

Em males tam sem razam.

Não atendem minhas magoas a arbitrios de parecerem grandes, defendhã todo o artificio no desalinho da queixa apuraõ o desarrezoado da dor. Não se acomodaõ à politica do commum sentir; porque todo o sentir excedem. Não obseruã as leys da Rethorica, porque as ignora hũ sentimento grande. Aquelle suaue Rouxinol chora enamorado, ou canta triste a ausencia da consorte amada,

da, entre tantas penas está só a magoa. Aquelle penhasco bruto, esse gigante de pedra, ainda insensível fente a magoa que pôde conuertello em pedra dura, como o dizem as lagrimas que destilla. O que hũa dor grande obriga a lêtir ainda aos mesmos aquem a natureza izentou de sentimento. Esta cithara de christal, esta sucessiua neue lembrada da aduersidade da sorte no desdê de Narciso, continua o pranto, ainda depois de mudar a natureza; si, que luttimas grandes não se satisfazem cõ instantes de sentimento, eternas lagrimas pedem. Amada Amarilis, defunta prenda de hum amor tão viuo morta aos olhos, viua na saudade, todo meu cantar ferà choro depois q̃ a alma desampare o corpo, se verão em mim sinaes de sentir tua morte, sendo meus olhos fontes perênes, eternamente minhas lagrimas publicarão meu sentimento.

Pauta ferà minha historia de fine-

zas, como tua morte excarmento às maiores bizarrias.

Expõe meu amor as razões que tinha para sentir tua morte, seguiu-se agora descrever o como se desempenhava das obrigações de fino, mas recuzava a lingua tamanho empenho: disse o menos, agora, não fiadas vozes a relação do mais. *(fleuit.*

Quæque potest narrat, restabant ultima,

Eternas lagrimas sejam geroglífico de hum amor eterno: veja-te em o pranto de meus olhos a fineza do meu amor, sejam rios que lauem a vítima de meu coração amante, para que Amor o sacrifique à tua memória em quanto se não concede a morte a meus suspiros, não se lastima o Amor de minhas ancias, que só com a esperança de acompanharte cedo entretenho todos os martyrios: nesta se trocou a de lograr tuas prendas, esta me animava, aquella me entretém. Mudar da fortuna, foi mudar de esperança, & não deixar de esperar.

*Nunca esperança falta,**Falta lo que se espera muchas vezes.*

Neste desejo viuo, em tuas faudas morro. Não logra a morte minha esperança; porque está mui vana com tamanha preza, & acha que he defar do poder que ostentou, abaterse a tão humilde emprego; porèm minhas tristezas abonarão tal sentimento, que seja mayor fineza aliviar os pezares em a vida, do que terminallos em a morte. Em quanto a lingua puder articular vozes, louver formar caractères a pena, encherei o ar de queixas, o papel de magoas, faltará a voz a meu sentimento; porèm não sentimento a tanta perda. Não pôde meu engenho celebrar teu nome, mas bastam tuas memorias pera eternizar minhas finezas. Quem repetir a fermosura de Amarilis ha de lembrar-se da fé de Lisardo, andarão vinculados os pasmos de meu sentimento às exageraçoens de tua beleza.

leza. Repetirá a fama q̄ foſte a mais
fermoſa flor que produzio a nature-
za, dirão os annaes da lembrança do
mundo, que foi meu amor o mais
conſtante na duração, o mais discre-
to no empenho, & o mais extremoſo
no ſentir.

*Morreſte (ay Deos) morreſte
Eras ſol, no Occidente te puz eſte
Morreo minha ventura,
Por minha bem ſe via mal ſegura.
Ay Amarilis, bella
Correſte exhalação cuideite Estrella
Do Ceo todas as luzes
De treuoas (ay de mim) veſtem capuſes
Virão que lhe faltauas
Quando com tua luz, luzes lhe dauas
Quando contigo o Ceo julgo feſtiuo
O vejo (ay penas) hum retrato viuo
De meu ſentir magoado
Goſandote ſe mostra laſtimado?
O ſão do Sol inuejas
Recea que ſubindo ao Ceo o ſejas,
E tem conſigo as luzes reprimidas*

Porq̃ as aches mais fortes quando unidas
 Da fermosura de teus bellos rayos
 Se pronostica à sua luz, desmayos
 Si; de teus olhos teme a bateria
 Que sejam elles quem dê luz ao dia
 Viue, viue no Ceo a mais ditosa
 Como foste na terra a mais fermosa
 Porèm na terra tu nunca estiueste
 Porque foi Ceo em quanto tu viueste
 Nessa esfera brilhante a que subiste
 Descãça alegre em quãto eu morro triste
 E nesse globo de flamantes lumes
 Atende a meus queixumes
 Em quanto a sorte lhe nam poem remate
 Ou ati resuscite, ou a mim mate.

*Queixas sem agrauo de hũa
mudança sem culpa.*

Queixase Aonio quando se
muda Cloris, &c.



Aõ está introduzido o alin-
ho por fraze do sentimento,
melhor aualiado está o
desconcerto pera abono de
hũa pena. Mais explicação hum tor-
mento rudezas desconcertadas, do
que periodos encarecidos, quem sen-
te com extremo não falla com afei-
te: dor que não defatina, pouco tem
de dor. Implica contradicção, sentir
com excessão, & encarecer com exa-
geraçõens.

Quem atende ao concerto do
que

que diz, não sente o que encarece. Pouco sente quem diz tudo o que sente. Pena que não pôde explicar-se, perto está de não sentir-se. Dor que não embarça aos sentidos, tem mais de encarecida, que de apertada. Tormento que pôde sondar-se, bem se pôde nauegar. Ansia que não poem a eloquencia em calma-ria, pouco tem de rigurosa; o melhor modo de exagerar hum dor, he o desconcerto em a referir, o arbitrio mais acertado pera explicar hum tormento, he hum pasmo suspen-dido, hũa mudez cobarde. Melhor logo (ay ansias dalma) vos explica-rà minha grosseira, do que tantas e-loquencias aplaudidas: mais abona-das vos acharà o mundo entre as ru-dezas de meu dizer, entre os descon-certos de minha dor, na calma-ria de minha suspenção, nos pasmos de minha cobardia, do que no luzido de tantos discursos, no superior de tanta soberania. O que me-lhor

lhor jurará os sentimentos da alma hũ suspiro eloquente, que rethoricamente encarecido, interrompendo a practica, acreditará a pena. Mais verdadeiras vos verá o mundo, quando menos exageradas. Abonemse os outros de discretos, que eu só quero acreditar-me de sentido, com pitão com emulação bizarra tantos Apolos, a quem melhor vos ha de encarecer, que eu sem atender aos empenhos da competencia, às leys da Rethorica, aos alinhos do concerto, toficamente encarecido, no desalinho liuro o maior abono de meu sentimento. Verdades artificiosas nunca parecem verdades; rudezas fingelamente ditas, mais aceitas serão por verdadeiras.

Não vos encareço (ay penas) porque vos finto. Não vos fente quem vos exagera. Façaõse os mais eternos com os lustres de seu dizer, entre os astros grauem seus nomes: afadiguem os buris, empenhem os

pin-

pinceis, cancelam a fama os aplausos de tanta descripçã, que eu desatendendo ao lustre do dizer me desempenho nas veras do sentir. Ay de mim quando os mais dizem o que não sentem, não posso eu dizer o q̄ sinto? O se eu tiuera sua eloquencia, ou se elles sentiram a minha pena, q̄ bem que acreditara meu sentir! Que lustrosa sahira a relação de minhas ansias. Ay Cloris, está o peito cheo de tantos suspiros reprezados, & affi importa pera communicar a esta solidão quanto encerra afflicto, que primeiro o desembarace em gemidos. Ay Cloris (digo) que me enganaste com promessas. Ay de ti Aonio, que te creste de palauras: Ay de ti Felizardo, que a mesma paga te espera. Excarnente teu aluoroço em minha desgraça.

Mudouse (ay Deos) mudouse

Cloris; quem tal dissera

Falton ao Sol a luz

Falton ao Ceo firmeza

Des-

Desmentese deidade

Quando melhor se ostenta

Quem a julgou diuina

Mudauel chega a vella.

Quando a nam cria humana

Deshumana a ser chega

Pois usa tiranias

Pois exerce crueltas.

Escrito ficará

No liuro das esferas

Meu aggrauo entre as luzes

Porque melhor se veja.

Será fallar liçam

Pera que o mundo aprenda

A nam crer nem deidades

Nam fiar nem de estrellas.

Caprichos de seu gosto

Por outro gosto deixa

Cloris; ò ninguem fie

Em gratas apparencias.

Empenhos de seu brio

Em sustentar firmeza

Esquece Cloris; ò

Ninguem em brios crea.

A fé desmente Cloris

Quando prometeo nega
 Cloris, nenbum amante
 Fie em fé, nem promessas.

Desmente (ay Deos) desmente
 Cloris tantas finezas?

Pois se Cloris foi falsa,
 Qual será verdadeira?

Abrio, gosto, & fé,
 Palauras, & firmezas
 Falta Cloris! Pois quem
 Será bem que se crea.

Cloris Cruel mas ay,
 Nem offendido offenda.

Aonio teu respeito
 Deixado te venera.

Foste mulher qual todas
 Cuideite qual tu mesma,
 Não he falta a mudança
 Não; porque he natureza.

Não se muda quem muda
 Por melhorar de prendas
 Melhoras no que eleges,
 Pois não se diga que erras.

Acertos Cloris sam
 Mudanças tam discretas;

Não te culpo esquecido.

Nem de ti formo queixas.

Amim de mim me queixo,

Pois presumia eterna

Gloria, que sendo minha,

O mesmo vento era.

Logra, logra este empenho

A mais querida sejas,

Que quem naceo honrado

Desta sorte se queixa.

Mudou-se Cloris; perdeu Aonio quanto ganhou Felizardo, mas ay como o estranho, se o mesmo Ceo parece que está doutrinando mudanças. Rey he o Sol dos Planetas, morgado das luzes, diamante he do Ceo, & em seus rayos temos escola de variedades. Hum mes he sua mayor assistencia. Tanto tem de lustroso quanto tem de vario. Errantes sabemos tantas estrellas flamantes. As mudanças da Lúa tam sabidas. Pois se as mayores luzes do Ceo tem por essencia a variedade, como estranho
que

que as bizarrrias da terra sejão varias? Os mesmos Ceos se mouem, & fora ruina não só pasmo o quietarse. Pois como pode dizerse, que seja desar na terra, o que he obrigação no Ceo? Imita Cloris o Sol no vario; compete com as estrellas no errante? Remeda a Lúana nas mudanças? Segue o Ceo no mouimento? Pois como pode ser defeito em hũa dama o que he estillo no Ceo? Entre os elementos só a terra he estauel, & isso tem de grosseira que de firme. Sobre as agoas diz a mesma verdade, que fundou a terra, & se nas agoas se explica a mudança, a variedade na terra estabelecida, parece que he dizernos que a firmeza mais eroica se ha de fundar nas mudanças.

Sò em Deos he virtude a immutabilidade, porque senão pòde melhorar; mas quem pòde melhorar, bem faz quando se muda.

A mesma razão que te escusa, amada Cloris, me empenha, mudaste-
te

te de mal empregada, & como nam posso melhorar de emprego, mal poderei mudarme. Quem elege sem examinar o que escolhe, caminha pera o arrependimento; perto està da mudança, mas quem se empenha em adorar o que nam merece, no retiro se desacreditara. Talvez hum pretendente finge o que não he; hum papel representa o que nam passa; quem apadrinha pinta com a paixão, nam com a verdade. Muitas vezes se enganam os olhos, o entendimento se deixa lisonjear, deixa obrigar-se a vontade, & despois no discurso de hum empenho acham-se os olhos enganados no que vem, o entendimento descontente da escolha, a vontade violentada no trato, & não està hũa dama obrigada a continuar hũ martyrio por satisfazer tantos enganos. Quem não acha o que se prometia, desculpa tem pera arrepedir-se, mas qué acha mais do q buscava, infame fora quando se retirara.

Tam

Tam pouco podem importar delares de ingrata; que o agradecimento obriga à pagar o que se deve, & finezas humanas nunca podem merecer correspondencias diuinas. De mais que a fineza de amar nam empenha em paga, de outra sorte nam fora o amar eleição da vontade, senam obrigação da cortesia; de mais q̄ nesse caso, sendo os amantes muitos, seria huma dama obrigada tambem a amar a muitos, & como isto não ha de dizerse, tam pouco o outro ha de affirmarse.

Meu pouco merecer, querida Cloris, desculpa tua mudança, & o eminente de tuas prendas, me penhora em firmezas. Quem escolheo o indigno, acode por seu credito quando o deixa; mas quem elegeo o melhor, empenhouse em nam desmayar na pretensão. Erraste quando me admitiste a escravo teu, conhecido meu pouco valor, não vem a ser em ti culpa o esquecimento presente,

sente, em mim vem a ser diuida a estimacão passada.

Elegite (ay prenda amada) por vnico empenho dalma. Deixame fermosa Cloris blazonar de que foi meu empregó eleiçam da vontade, nam violencia da estrella, permite jaçtar-me de que o entendimento te escolheo por superior, posto que o destino te me decretasse pera idolo de meus cuidados.

Elegite (digo) por vnico empenho dalma (tal vez acerta mais quem menos sabe) Rendeote meu aluedrio fogueiçoes (quiz mostrar-te discreto, fazendo voluntario o precilo.) Declareite parte de minhas ancias (foi o mais que pude, & o menos que sentia). Arrojeime amante (he cego amor, & não vê perigos.) Instei atreuido (he propriedade de húa luz grande, o deslumbrar.) Logrei lastimas (piedade foi tua, não mercimento meu.) Duplicou meu amor finzas, por acreditar a fé, nam
 por

por lograr a instancia. Logrou a dita quanto a rezão difficultaua (nam he nouidade alcançar mais quem merece menos) vime correspondido com finezas (cuidei o indigno em mim as affeguraua) conheceste o deslumbramento, & te retiraste (que os erros de discretos, são deslizes, não contumacias. (Esqueceste meu amor) pera ser desgraçado bastaua ser fino.) Nam te esqueci esquecido (que he laberinto amor a que nenhum Theseo achou saída.) De forte Cloris, que o queresme, foi ardid de minha estrella, quiz que te enganasses com minhas prendas, porque fossè mais custoso o desengano; deixaresme, ha sido o mayor credito de teu bom gosto, amei te porque te vi digna do amor mais firme, & como tuas prendas ainda são as mesmas, nam rilca este esquecimento os affectos dalma. Por fermosa, por discreta te adoro, não por facil, nam por fina, & assi posto que mal
correl-

correspondido com a mesma firmeza te hei de amar em quanto fores bella, & entendida. Carácter immortal ha de ser este amor que ha de viuer eternamente.

○ Morre com o corpo o amor que se vnio aos appetites do corpo, mas amor que se vnio à alma, toda a vida dalma ha de viuer. Eternamente te hei de amar, que só eternidades serem bastante campo pera tanta fé. No immortal ha de parecer este amor desgraça minha.

Cloris nenbuma razam te culpa;

Cloris nenbum motiuo me retira.

Seres de outrem, nam basta pera eu não ser teu; antes correspondido pudera meu amor aualiarse agradecimento, ou conueniencia, porem mal pago bem se mostra prodigio.

○ Créditos importam ao amor tantos martyrios do gosto. O padeça, padeça eu vfano tormento que me acreditam affectos, ansias que me abonam finezas, desprezos q̄ me pro-

uam

uam extremos, & em fim morra de deixado pera que meu amor lusa de evidente, Erra quem me culpa fermosa Cloris ofendeme quem me consola, deixaresme não foi culpa que mereça nota, emmenda foi de hum erro. Perderte não foi delicto; mas he desgraça que nam admite aliuiio.

O quantas vezes foi temido o golpe, sem que tantas preuengoens vallessem reparos. Quem nam merece o que logra sempre o dá por mal seguro; mas nem sempre o discurso atalha o destino, antes nos desgraçados só de anticipar os pesares serue. Ay quantas razoens pudera alegarte pera te nam perder, mas à vista de lembranças mortas não tem lugar razoens viuas? Perdite por infelice, ou por fino, chorote por firme; sinto o perderte, não espero o cobrar-te, & nenhuma destas penas me mata pera que ambas me magoem. Ay Cloris nam sei de quem primeiro

meiro me queixe, se do que padeço, ou do que logrei, a memoria do que fui me aflige, a vista do que sou me mata.

Quem cuidàra, quem dissera, que de tantas glorias auiam de nacer tantas penas? Da memoria do menor fauor teu (ò alma minha) esperaua eu reparo ao mayor golpe da fortuna, & hoje nestas lembranças vejo minha morte; com que venho a aueriguar, que hum triste quando he ditolo, he só pera ter razoens de ser mais triste, mas ainda assi festejo o que logrei, pois isso só viui, que me estimaste. Liga fazem contra mim concordemente vnidos meus males, & meus bens, teu desprezo, & minha dita, teus desdens, & minhas glorias. Peçonha acho as triagas entre as venturas morro. Ditas me matam: O quem nunca ouuera fido ditolo, nam fora agora tam desgraçado.

Morrer de desgraças, he estylo, de

venturas só eu morro. Que hum esquecimento, me mate, não he muito; mas que a lembrança de hũa gloria me tire a vida, he nouo arbitrio de pena. Que os rigores de hum mal que me tucedem me matem, passe; mas que a memoria de hũa dita que tiue me aflija, he a quinta essencia dos infortunios. Mas ay quem costumado a teus fauores os perde, bem he sinta novos modos de penas. Colon he meu pensamento de tormentos, descobre magoas que já mais forão sentidas, & a mayor de todas he, que vnindose pera atormentarme, nenhũa me mate; mas ay, nem assi quero delejar morrer, que terminar as penas fora conueniencia, & já não era fineza, parecêra cobardia, & não era extremo.

Viuer quero, pera que comigo viuão minhas magoas, quero à custa de hum martyrio acreditar hũa fé. Acomodome ao que padeço, porque tu conheças o que te
M quero.

quero. Perdite Cloris, perdite, pois
chore eternamente tanta perda.

Poz-se o Sol, já não vejo a luz do dia
Passouse a illustrar melhor Oriente
Ficando eu (ay triste) no Occidente
Sem alma, vida, luz, nem alegria.

Secouse a fonte de quem eu bebia
Lisô aljofar, prata transparente
E hoje bebo a agoa tam sómente
Que aos olhos a dor do peito enuia.

¶ Apartouse de mim (que pena!) a alma,
E assi agera toda desalentos

Assiste a vida (que rigor!) em calma.

¶ Dizeime Sol, Fôte, Alma, ha mais tor-
O leuẽ, leuẽ desta vida a palma (mêtos?)
Tantos rigores, tantos sentimentos.

Nesta solidão, amada Cloris, te
choro alhea. Aqui communico me-
us males com as Aues, que de lasti-
ma suspendem o canto por ouuir-
me, com as arvores que esquecem
o mouimento de suas folhas por es-
cuta; me cõ as flores a quẽ murcha o
ár de minhas queixas, cõ esta fôte q̃
para

pàra sua corrente por dar atençaõ a
minhas magoas. A todo este bos-
que entristece meu sentimento. Vès
aquella Rola que se queixa lastima-
da, queixosa se lastima! Pois nam he
Aue que chora ausencias de seu a-
mado esposo, he a alma de Acnio,
que nesta solidão chora teu esqueci-
mento. Vès aquelle Acipreste, sim-
bolo he de tristeza; porque hauia de
fer ouinte de minhas magoas. Vès
aquelle Pinheiro? Pois não està não
pera adorno deste vale, si pera sim-
bolo de minha morte. Vès aquelle
Alemo? Pois remoqueame tua mu-
dança. Aquellas canas folhosamen-
te vnidas, tua inconstancia dizem.
Vès aquella erua Gigante que busca
os rayos do Sol pera seguillos? Pois
não he Clicie amante, senão Aonio
fino que busca tuas luzes pera idola-
trallas. Vès aquella Rosa simbolo
da graça? Pois diz que o ha de ser da
desgraça, sentida de meus tormétos.
Vès aquelle Iasmim, bandeira de paz

que o prado punha? Pois de medo de outro tal successo, olha como está amarelo. Aquelles Goiuos dizem meu sentimento; aquellas marauilhas meu sofrimento simbolizão, que tambem he marauilha. Aquella giesta na desesperação que significa, diz o importuno, o riguroso de minhas memorias. Aquelle crauo diz meu receo. Aquella murta significa meu cuidado. Aquella cebola ceseu minhas saudades representa.

Este fio de aljofar, este galão de prata, esta successiua neue, que murmurando tuas mudanças, corre a publicar minhas finezas, não he sangria, não deffã fonte clara, he minha verdade liza, & transparente.

Ay Aues, ay Aruores, ay Flores, ay Cristaes, com vosco procuro em vão consolar-me, pois me intristeço com o que choro, ou vós me magoais com o que me estais representando. Ay suaue Rouxinol, tu estás requebrando a consorte amada, que

a quebros te responde, te satisfaz a cadencias; ay de mim, ay de mim amante passarinho, que enuejando vossa forte, nem mereço que me escute Cloris. Musico Pintasilgo, que fino galante da Alua, a estas chamando a quebros, quando ella lastimada das queixas, ou trazida da harmonia com lagrimas de aljofar, corresponde tuas faudades, & com sua vista serena teus queixumes. Ay de mim, que choro por quem me namouue, & chamo por quem me namacode.

Ay flagrantes flores tristes, na ausencia do vosso Sol, húa noute estivestes murchas, & agora vfanas com sua vinda, esperais cobrar com vsuras quanto perdestes em seu retiro. Ay de mim, que chorando eternidades, nem o Sol que adoro me recompensa tantas perdas, nem eu espero com suas luzes enxugar minhas lagrimas.

Doce corrente a delpenharuos

ides, mas sabeis que lá embaixo naquelle valle hũa flor a quem galanteais com fineza, vos espera com alvoroços. Ay de mim que me despeinho achando no fim do precipicio elpinhos que me picão, abrolhos que me magoam. Ay de mim, que adorando quem corresponde a outrem, tendo impossivel o remedio, vejo o mal sem aliuio. O como desluzo meu sentimento no que viuo! Nada sinto, pois sinto tanto; sentir muito, não he sentir. Ay Cloris quem á vista de tamanha magoa, não fica morto insensivel padece por grosseiro; mas ay não he estar viuo, estar assistido de sinacs de sentimentos.

Aquella rocha morta está a vida, viua ao sentimento, as lagrimas que distila o digão. Aqui conuerteo Amor a hũa Ninfa nesta fonte, morta ficou ao gosto, com vida pera a pena, as lagrimas que fia o testemunhem. Ay Cloris posto que minhas
lagri-

lagrimas, ainda que minhas ansias, & estas magoas me publiquem viuo, he que estou viuo pera o sentir, morto pera o viuer. O não murmurais flores, não meu sentimento por menor gentileza, Iacinto vos perdestes, faudades de menos luz vos entristecem o prado. Não chorais vós o fonte por occasião tão bella; mayor fermosura, luz mais brilhante, causa mais digna ocasiona meu sentir, motiua minha tristeza. O deixai-me, deixai-me viuer triste, pois viuo desprezado. Alma era que me animaua esta correspondencia, em fé de bem pago viuia; pois se me faltou a alma, como hei de viuer? Por Sol adorei a Cloris; pois sem sua luz como posso liurarme de eternas trevas? Deixai, deixai que me magoem desprezos, que a conjuração de tantos males me examina o valor, quando me desfatina a paciencia. Grande me cuidão as desgraças, pois tanto cabedal arrastão pera conhecerme.

Ay amada Cloris, delgraçado sou, como se nacera benemerito, queixo-fo viuo da fortuna, como se fora entendido, esse mal me fez tua eleição, cuidou a fortuna digno, presumio discreto, quem tu fauorecias, nam aduertindo a que mal podia merecer muito, quem lograua tanto. Que nam poderà tua fermosura? Pudeste aualiarme por entendido, & fizeste me venturoso, acreditado fica teu valor, requintada a opinião de teu juizo; agora se abone teu bom gofio. Escolheste a Felisardo, que já no nome tinha premissas desta fortuna. O queira Amor que te pague Felisardo quanto roubas à Aonio! O queira a forte, que nam fazendo caso Amor de minhas queixas, deixe sem castigo tuas mudanças, que eu mais me quero enuejoso, do que compadecido, antes quero enuejar a Felisardo a gloria de teus fauores, do que verme vingado de tua mudança. Logre Felisardo tanta dita, que a
mim

minim bastame tanta fé, seja elle felice, que eu me acomodo com os creditos de amante. Sabes ò Cloris a fineza a que chega o extremo de meu querer, que não abono as veras de meu sentir, porque não culpem as mudanças de teu empenho: não quero que à vista de extremos tam prodigiosos te estranhe o mundo mudauel, te minta facil, ou te cuide ingrata. Não quero que saibam o que me deues, porque nam culpem o como me pagas; mais quero desluzido meu amor nos diffimulos, do que delairoza tua fama na mà correspondencia. Padeça meu amor notas de pouco fino, & não ecliptem teu decoro murmuraçoens de ingrata: menos prezo os lustres de meu amor, ati te quero mais. Ay Cloris, Cloris, por Felisardo me deixas! Não culpo tua eleição, enuejo tua fortuna. Tempo sei eu, amada Cloris, em que a estas horas rayando o Sol os mais altos montes enxu-

gando o aljofar de que achaua bordadas as flores, o prado matizado, me pedia aluicaras de que em teus olhos hauia de ver o eclipse de suas luzes, & me enxugaua as lagrimas que tinha derramado em tua ausencia: hoje (ay de mim) hoje nace o Sol, pera em seus rayos me despertar lembranças do que perdi. Enxuga as lagrimas às flores, porque ninguem quer que me acompanhe no sentir. Discreto anda o Sol, não te perderão as flores: pois não chorem. Perdite eu, pois só eu o sinto.

Ay de mim, cantão as Aues fazendo talua ao Sol que nace, eu sempre miste choro os retiros de hum Sol que se me poz. Vfanõe as flores com a esperança do Sol que vem rayando, ay de mim, que sem esperanças de ver o Sol que adoro, todo sou lagrimas. Rizo offerece aquella fonte por aluicaras do Sol que vem nascendo, ay de mim, que sem ter vistas do q̄ idolato, hũa noute he vespora

pora de outra noute, hũa pena he fuzil que enlaça outra. Desfaz o Sol a parda nuuem, que se opunha a suas luzes. Ay de mim, que não espero que o Sol que adoro desfaça a nuuem de tantas magoas com a luz de sua vista, com os rayos de hũa satisfação. A todos se mostra já o Ceo sereno. Ay de mim, que sempre o acho nu'blado, ay de mim que sombras de minhas desgraças sempre mo tem encuberto. Oh fatal estrela minha, pera que me destinaste a tanta luz se me viste indigno de logralla? Ou mais dita, ou menos fé; mas ay com a força da dor (ay Deos) já deliro: Menos fé não, que fora discredito de meu amor ser menos fino, & offensa de Cloris não ser amada tanto. Conheça o mundo em minhas finezas a verdade de meu amor, que não quero destas desgraças fiar o abono deste, que nem todos os moços são b. nemeritos. Vejase em minhas confissoens

que

que respeito a Cloris mudada, como pudera firme. Amada Cloris, nem eu posso culpar tua mudança, nem queixarme de minha fortuna.

Tua mudança foi discreta, pois foi melhora, meu queixume ferà grosseria, pois fora desconhecirme. Mudarestes tu, nam he deitar que te notes, deixaresme amim não he agravo de que me queixe. Todos culpavam tua eleição em meus demeritos; pois cobre teu juizo melhor opinião, que isso me importa mais, que ser ditoso. Duuidauase fino Amor tão venturoso, conheça-se agora que paga pensoens de extremo. Presumiasse que a pertença era conueniencia, agora veja-se que o querer he fé. Se estação defuzidos teus caprichos, violentado teu brio em tão indigna correspondencia, cobra teu lustre, que mais me importa teu credito, que minha comodidade. E como posso eu queixarme de que correspondas a quem
mais

mais te agrada, como posso eu queixarme de que admitas hum aliuo que descartes hum pezar. Se tua mudança não he desar que te no-tem: perderte nam he desgraça de que me queixe, tambem lograr Felisardo teus fauores, não he dita que o desuaega, elcrupulos deixa de sua fé, quem logra venturoso as pagas della, nem lerà cordura prezar mais lances de ditoso, que creditos de amante: em meu exemplo tem Felisardo quem lhe aduirta o mal seguro da fortuna que logra: & hum bem com sobrefaltos de perdello, não he bem; si, que nos receos lhe desconta amor todas as felicidades, & se Felisardo ha de perder o que logra, vai comprando em instantes de gloria ao gofio, eternidades de martyrio à memoria. Si, que mayor he o sentimento de hũa perda, que o gofio de hum logro. Logo nem podem culparte a mudança, nem eu queixarme de ser deixado, nem Felisardo

do blasfonar de admitido.

Fermosa Cloris, esquecido me tens sem eu poder esquecerme. Triste me verá sempre o mundo, queixofo nunca. Sempre achará que te amo, que te culpo já mais. Logra mayor ventura em melhor emprego, que nunca a dita me deixou tam desuaecido, que presumisse achar duraçoens em felicidades minhas. Eternamente viuirás na alma, sem q̄ segunda eleição de facredite a fé deste empenho, & te em mim vires alguns finaes de viuo, persuadete querida Cloris, que he nouo arbitrio de minha desgraça o matarme com a vida que pera que eu morra não me mata, se algum indicio te vir em mim de menos triste, presume que he mentira do dissimulo, não descuido da vontade, que esta a pezar de tuas mudanças, & de meus pezares ha de adorarte firme, ha de assistirte pontual, & ha de ser sempre tua, ainda que tu sempre sejas de ou-
irem.

trem. A vista de minhas finezas publicará o mundo, que só Aonio soube amar fino, posto que só Felisardo chegou a lograr venturoso. Cloris, depois de despresado meu amor te assegura a mesma fé, que quando correspondido, as mesmas finezas te protesto deixado, que antes prometi favorecido, & em todo o tempo conhecerás em meus extremos que sou quem mais te ha querido, & te ha merecido menos.

*Ay minhas saudades
Viueréis na minha alma eternidades
Eternamente viueréis comigo
Porque veais que cumprio quanto digo
Ay tiranas memorias
Penas agora sois já fostes glorias.
Ay solidam amiga
Só voz me consolais tanta fadiga
Ay cruel pensamento
Algoz sois da alma potro do tormento
Ay Cloris, Cloris? Ay que te mudaste?
Cloris*

Cloris que me deixaste?

Ay ay Aonio triste

Que sofrimento tanto mal resistes?

Ay de ti Felisardo

Que o mesmo fim te aguardo

Que se eu perdi a Cloris por indigno

Nem tu seràs de suas prendas digno

Ay consolai-me (ay) Flores

Pois au senciã sentis, sabeis de amores.

Mas ay nam he meu mal viuer ausente

Outra pena mayor Aonio sentè

Pois chora despresado

Penas de ausente ancias de deixado

Ay consolai-me Christalinas agoas

Em minhas tristes magoas

Pois vòs penas chorais, se eu penas choro

Seja aliuiò a meu pranto vòsso choro

Mas ay se desunidas

Do mar (que he vòsso centro) estais sèidas

Agora que correis tam desatadas

Depressa vos vereis entre as salgadas.

Ay de mim que por mais q' amante corra

A morte hei sò de acabar que me socorra

Ay consolai-me ò Aues

Com cadencias suaves;

Mas ay nam consoleis que estais cantãdo
 E eu estou chorando
 E seram vãas porfias
 Querem diuertir com alegrias
 O ninguem me console ay de mim triste?
 Pois meu mayor aliuio (ay Deos?) consiste
 Em que confesse o mundo
 Que he meu mal sem segundo
 Tanto meu sentimento
 Que não naceo aliuio a meu tormento.
 Deixai que aqui sentido
 Me lamente esquecido
 Deixai que magoado
 Minhas ansias pratique a este prado
 Sem que a Cloris offenda a minha queixa
 Pois hum indigno deixa quem me deixa
 Tu Cloris peregrina
 Que por seres em tudo mais diuina
 Em tudo soberana
 Hum vislumbre nam das de ser humana
 Viue felice ao passo que fermosa
 Como discreta viue venturosa
 Que eu posto que deixado
 Hei de fazer eterno meu cuidado

Que eu post o que esquecido
Meu amor ha de ver se o mais lufido
E de tua bellefa o mais amante
O mundo hei de ensinar a ser constante

LAVS DEO.



Protestação do Autor.

Vzo de Deidades, adorações, sacrificios, entregues da alma, & outros hypporboles introduzidos como licenças Poeticas, frases amorosas, & não em verdadeiro sentir, em quanto são gala do dizer, & não desvios do sentir Catholico; isto, & tudo o mais sogetto à censura da Igreja, como filho della. Lisboa 16. de Outubro de 1672.

Gerardo de Escobar.

Protocolo do Autor
V. João de Deus, adora
fores, sacrificios, entre
vies de alma, e outros ppor
toles entredixidos como libe-
ras Posticas, fizesse amorosas
e não em achadivo semim,
em quanto se gata do dizer, e
não de fuid de semim Colobias
isto, e tudo o mais seguiu
confirma da terra, como fido
della. Lisboa 16. de Outubro
de 1672.

Gerardo de Elobar

L I C E N C, A S

P Odefe tornar a imprimir o liuro de q̄ se faz menção, & impressõ tornarà pera se conferir, & se dar licença pera correr, & sem ella não correrà. Lisboa 27. de Março de 676.

Manoel de Mag. de Menezes.

Manoel Pimentel de Sousa.

Manoel de Moura Manoel.

Frey Valerio de S. Raymundo.

P Odefe imprimir este liuro intitulado Cristaes da alma. Coimbra 10. de Mayo de 1676.

Fr. Alvaro Bispo Conde.

L I C E N C, A S.

V Iſtas as licenças do Santo Officio, & Ordinario que ſe poſſa imprimir eſte liuro, & deſpois de impreſſo tornarà a eſta Meſa pera ſe confe- rir, & taixar, & ſem iſſo não correrà. Lisboa 20. de Junho de 1676.

Mag. de Menezes. Miranda.
Carneiro. Roxas.

V Iſto eſtar conforme com ſeu original, pòde correr eſte liuro *Criſtaes da alma.* Lisboa 15. de Agoſto de 1677.

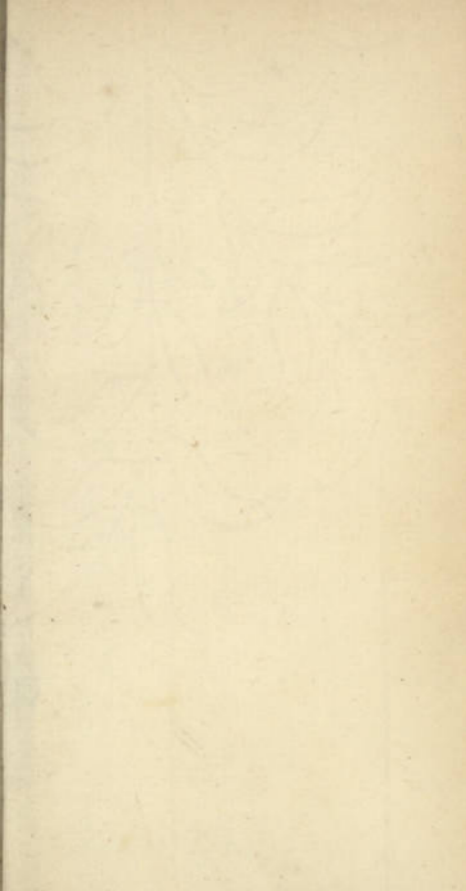
Manoel de Mag. de Menezes.
Manoel Pimentel de Souſa.
Manoel de Moura Manoel.
Frey Valerio de S. Raymundo.

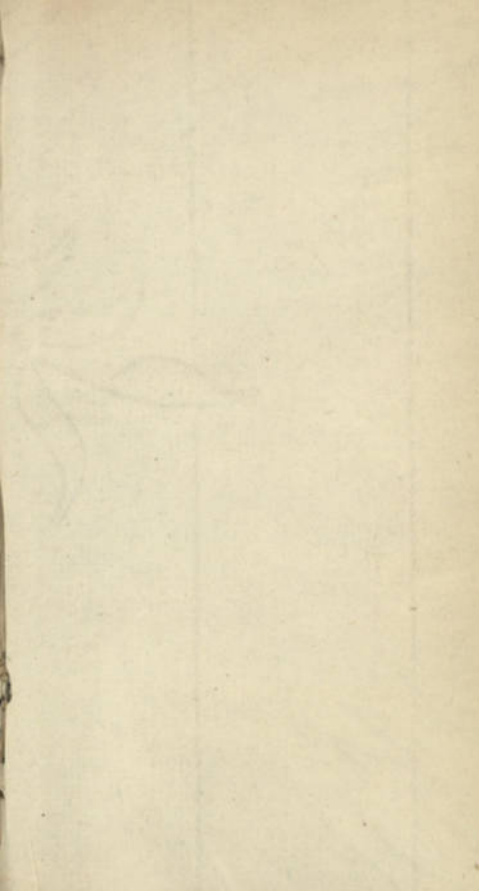
L I C E N C, A S

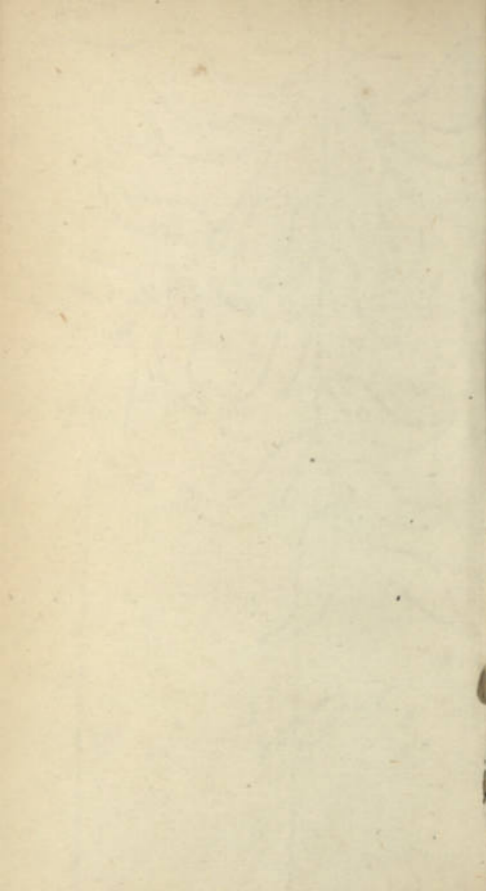
T Axão este liuro em 2000000
Lisboa 16 de Agosto de
1677.

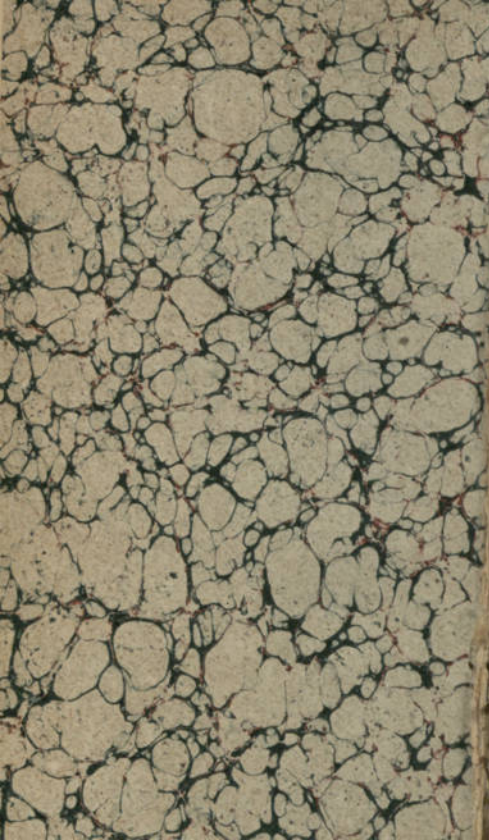
Mag. de Menezes. Miranda.
Carneiro. Roxas.

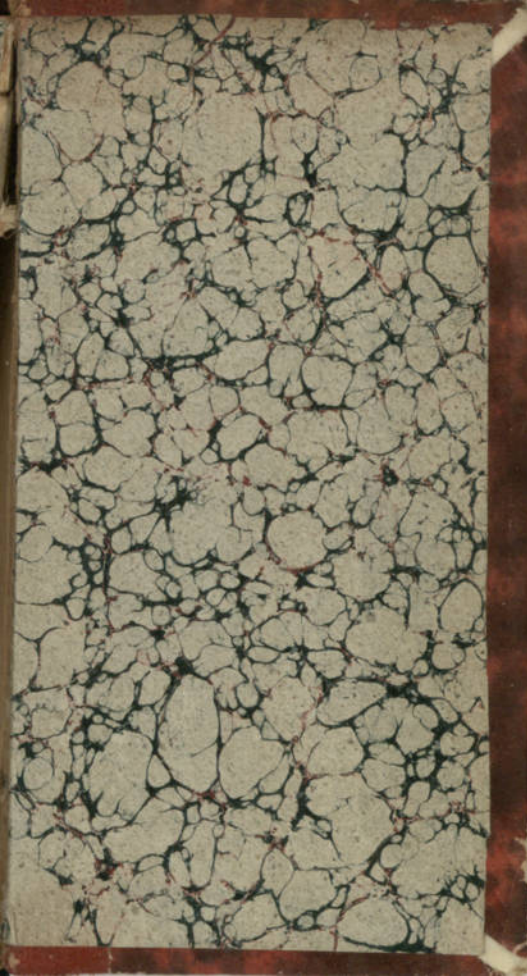
Pa.











3